



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO  
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

**IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA  
E ESCRITA EM ALUNOS DO 6º ANO DE ESCOLARIZAÇÃO  
DE UMA ESCOLA MUNICIPAL EM IRARÁ**

Dissertação defendida a provas públicas na Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa, no dia vinte e cinco de outubro de dois mil e vinte e cinco, para obtenção do grau de Mestre em **Ciências da Educação, especialização em Políticas Públicas e Contextos Educativos**, orientada pelo Prof. Doutor Óscar Conceição de Sousa.

ANA MARIA PORTELA SANTOS, 21407444

LISBOA

2025



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO  
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

**IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA  
E ESCRITA EM ALUNOS DO 6º ANO DE ESCOLARIZAÇÃO  
DE UMA ESCOLA MUNICIPAL EM IRARÁ  
VERSÃO FINAL**

Dissertação defendida a provas públicas na Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa, no dia vinte e cinco de outubro de dois mil e vinte e cinco, para obtenção do grau de Mestre em **Ciências da Educação, especialização em Políticas Públicas e Contextos Educativos**, perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação nº **438/2025 de 03 de setembro**, com a seguinte composição: Presidente: Prof.<sup>a</sup> Doutora Carla Cristina Marques Galego; Arguente: Prof.<sup>a</sup> Doutora Lucimar Almeida Dantas; Orientador: Prof. Doutor Óscar Conceição de Sousa.

ANA MARIA PORTELA SANTOS, 21407444  
LISBOA  
2025

*Se tu vens por exemplo às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz. Quanto mais a hora for chegando, mais eu me sentirei feliz. Às quatro horas, então, estarei inquieto e agitado: descobrirei o preço da felicidade! Mas se tu vens a qualquer momento, nunca saberei a hora de preparar o coração.*

*[...]*

*Mas se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo.*

Antoine de Saint-Exupéry, O pequeno príncipe

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Deus Supremo, “Agora, nosso Deus, damos-te graças, e louvamos o teu glorioso nome” (1 Crônicas 29:13).

Aos meus pais, Pureza Ferreira e João Portela *"in memorian"*.

À minha filha Ana Carolina Portela. E aos meus irmãos: José Augusto, Ana Lúcia, João Carlos, José Ozias e Emanuel Messias Portela. E ao meu companheiro João Evangelista.

Ao meu orientador Professor Doutor Óscar Conceição de Sousa, pela honrosa orientação. E à profissional e amiga, Laura Tereza.

Aos amigos Andrea Damasceno, Paulo Chaves, Tânia Reis, Silvio Reis, Ana Paula Távora, Dinar Santos, Renata Fonseca, Rebeca Fonseca, Raphaela Fonseca, Raika Fonseca, Gabriela Portela, João Wictor, Raquel Suellen, Luís Philipe, Eduardo Paranhos e Pedro Henrique, pelo apoio e incentivo.

A todos os professores que ministraram suas disciplinas no Mestrado em Ciências da Educação.

A todos os alunos e professores que participaram da pesquisa.

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta para que essa tão sonhada Dissertação fizesse parte da minha história acadêmica.

**Obrigada!**

## **RESUMO**

A leitura é conteúdo essencial na formação do ser humano, tanto para a aquisição de novos conhecimentos, quanto para o seu desenvolvimento mental e social. No mundo contemporâneo a leitura faz-se cada vez mais presente nas mais variadas áreas, diversificando-se através dos gêneros e subgêneros, a fim de atender às necessidades e urgências do mundo em transformação. Um dos grandes desafios da escola reside no desenvolvimento da competência da leitura compreensiva e da escrita, de modo geral. Os alunos não apresentam domínio da leitura compreensiva, fazendo com que a escola esteja constantemente buscando a formação de leitores e escritores competentes e autônomos. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo principal, investigar a importância da Literatura Infantil no desenvolvimento da leitura e escrita, tendo como base uma turma do sexto ano do Ensino Fundamental II, de uma escola pública. A pesquisa foi desenvolvida através de uma abordagem qualitativa, utilizando-se oficinas de leitura com textos variados, como contos e poemas, observação a fim de se colher e analisar os resultados. As informações recolhidas apontam para a melhoria gradativa nos níveis de leitura, compreensão e interpretação.

Palavras-chave: Leitura; Literatura infantil; Formação de leitores.

## **ABSTRACT**

Reading is essential content in the formation of human beings, both for the acquisition of new knowledge and for their mental and social development. In the contemporary world, the reading is done more and more present in the most varied areas, diversifying across genres and subgenres, in order to meet the needs and urgencies of the changing world. One of the great challenges of the school lives in developing the competence of comprehensive reading and writing in general. The students don't have mastery of comprehensive reading, which means that the school is constantly seeking to train competent and autonomous readers and writers. Therefore, this work has as its main objective, to investigate the importance of children's literature in the development of reading and writing, having as base a class of the sixth year of Elementary School II, of a public school. The research was developed through a qualitative approach, using reading workshops with varied texts, such as short stories and poems, observation in order to collect and analyze the results. The information collected points to a gradual improvement in the levels of reading, comprehension, interpretation.

Keywords: Reading; Children's Literature; Reader formation.

## **ABREVIATURAS**

**EJA** - Educação de Jovens e Adultos

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IDEB** - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

**LI** - Literatura Infantil

**MEC** - Ministério da Educação e Cultura

**PCNs** - Parâmetros Curriculares Nacionais

**SAEB** - Sistema de Avaliação da Educação Básica

## ÍNDICE

|                                                                  |             |
|------------------------------------------------------------------|-------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                          | <b>10</b>   |
| <b>1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>                            | <b>13</b>   |
| 1.1. O que é Literatura Infantil .....                           | 20          |
| 1.2. Literatura Infantil e Formação do leitor e do escritor..... | 21          |
| 1.3. Função da Literatura Infantil .....                         | 29          |
| 1.4. Leituras, Literatura e Escola .....                         | 31          |
| 1.5. Leitura e escrita na sala de aula .....                     | 36          |
| 1.6. Aulas de Literatura .....                                   | 41          |
| 1.7. Leitura e escrita e rendimento escolar .....                | 44          |
| <b>2. PROBLEMÁTICA.....</b>                                      | <b>47</b>   |
| 2.1. Questão de partida .....                                    | 47          |
| 2.2. Objetivos .....                                             | 48          |
| 2.2.1. Objetivo geral .....                                      | 48          |
| 2.2.2. Objetivos específicos .....                               | 48          |
| <b>3. METODOLOGIA .....</b>                                      | <b>49</b>   |
| 3.1. Tipo de pesquisa .....                                      | 49          |
| 3.2. Local de pesquisa.....                                      | 50          |
| 3.3. Sujeitos/ fontes .....                                      | 51          |
| 3.4. Instrumentos da coleta de dados .....                       | 51          |
| 3.5. Procedimentos.....                                          | 57          |
| <b>4. ANÁLISE DAS OFICINAS DE LEITURA.....</b>                   | <b>59</b>   |
| 4.1. Análise dos resultados.....                                 | 78          |
| <b>CONCLUSÕES .....</b>                                          | <b>82</b>   |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                         | <b>86</b>   |
| <b>ANEXO 01 .....</b>                                            | <b>I</b>    |
| <b>ANEXO 02 .....</b>                                            | <b>III</b>  |
| <b>ANEXO 03 .....</b>                                            | <b>V</b>    |
| <b>ANEXO 04 .....</b>                                            | <b>VII</b>  |
| <b>ANEXO 05 .....</b>                                            | <b>VIII</b> |
| <b>ANEXO 06 .....</b>                                            | <b>IX</b>   |
| <b>ANEXO 07 .....</b>                                            | <b>XII</b>  |
| <b>ANEXO 08 .....</b>                                            | <b>XIV</b>  |
| <b>ANEXO 09 .....</b>                                            | <b>XVI</b>  |
| <b>ANEXO 10 .....</b>                                            | <b>XVII</b> |



|                                                                                        |              |
|----------------------------------------------------------------------------------------|--------------|
| <b>ANEXO 11 .....</b>                                                                  | <b>XVIII</b> |
| <b>ANEXO 12 .....</b>                                                                  | <b>XIX</b>   |
| <b>ANEXO 13 .....</b>                                                                  | <b>XX</b>    |
| <b>ANEXO 14 .....</b>                                                                  | <b>XXI</b>   |
| <b>APÊNDICE A - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido .....</b>                    | <b>XXII</b>  |
| <b>APÊNDICE B - Oficina II Quais histórias mais gostaram? (Hans C. Andersen) .....</b> | <b>XXIV</b>  |
| <b>APÊNDICE C - Depoimentos dos alunos na Roda de Conversa – Oficina III.....</b>      | <b>XXV</b>   |
| <b>APÊNDICE D - Compreensão de texto .....</b>                                         | <b>XXVII</b> |
| <b>APÊNDICE E - Questionário .....</b>                                                 | <b>XXIX</b>  |
| <b>APÊNDICE F - Provas de escrita inicial - Oficina I .....</b>                        | <b>XXXI</b>  |
| <b>APÊNDICE G - Provas de escrita final - Oficina X .....</b>                          | <b>XXXVI</b> |
| <b>APÊNDICE H - Poemas dos alunos - Oficina III .....</b>                              | <b>XLI</b>   |

## **INTRODUÇÃO**

A arte, a história e a literatura, constituem saberes capazes de elevar o homem, fazendo-o conhecer o mundo à sua volta, buscando a interpretação das experiências do passado. Com o passar do tempo, começaram os questionamentos, as discordâncias acerca da importância desses dois ramos do saber, literatura e história.

Durante um longo período da história da humanidade, basicamente séculos XV, XVI, até início do século XVII, a criança não era considerada pessoa. Por isso, não havia uma maior preocupação com sua educação ou socialização na sociedade. A desvalorização da criança enquanto integrante da sociedade continua até o século XVII, momento em que surge a Literatura infantil, sabendo-se que tal designação se estende também à Literatura infantojuvenil, ou seja, até a adolescência, ligada a interesses educativos e moralizantes. Lajolo (2000) afirma que: “Tanto a criança a qual se destina a literatura infantil é uma construção, quanto o jovem ao qual se destina a literatura juvenil é outra construção, ambas sociais...”

Somente a partir daí, começaram a ser notadas mudanças consideráveis ao sentimento de infância. Passou-se então a ver a criança como um ser com particularidades diferentes do adulto, com capacidades, desenvolvimento e necessidades que precisam ser respeitadas para que o seu aprendizado aconteça naturalmente (Lajolo 2000, Meireles 1984, Turchi 2014, Kleiman 1997). A criança começou a ser percebida como um ser em formação e passou a receber uma educação especial, direcionada a ela.

Nesse contexto, a Literatura Infantil estava destinada a contribuir para a preparação da elite cultural, por meio da adaptação dos clássicos e dos contos de fadas. As primeiras produções direcionadas ao público infantil surgiram com autores como La Fontaine e Charles Perrault. E daí em diante, a Literatura Infantil foi ocupando seu espaço e apresentando sua importância na educação das crianças. Aos poucos, muitos autores foram surgindo, como Hans Christian Andersen, os irmãos Grimm e Monteiro Lobato. Todos eles eram famosos pela capacidade de percepção, de criatividade e de magnitude de suas obras.

Assim sendo, esta pesquisa tem como objetivo primordial investigar a Literatura Infantil como instrumento de aquisição de conhecimentos, especificamente no 6º ano de escolarização, no Ensino Fundamental II, como elemento motivador da aprendizagem, a qual pela sua dinâmica e riqueza, torna-se indispensável à formação acadêmica e social do educando, principalmente na tarefa de ler, “uma vez que o desafio é formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam ‘decifrar’ o sistema de escrita” (Lerner (2002, p.27).

Esta pesquisa será desenvolvida com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, de uma Escola Municipal, em Irará-Bahia. Desse modo, será possível investigar qual a influência da Literatura nos processos de desenvolvimento da escrita, bem como aquisição e aprimoramento das competências leitoras fundamentais para o educando, sobretudo nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Para perceber a relação entre Literatura, leitura e escrita faremos um controle no início da intervenção para registrar as características da leitura e da escrita dos alunos selecionados, serão desenvolvidas atividades de leitura com textos variados, acompanhadas de observações e no fim será feito um novo levantamento das características da leitura e da escrita para verificar os possíveis avanços a partir das atividades de leitura desenvolvidas.

Portanto, para um melhor desenvolvimento dessa investigação, o trabalho foi dividido em capítulos, com o objetivo de discutir amplamente a temática proposta, bem como apresentar os aspectos relevantes que versam sobre a história da Literatura Infantil.

No capítulo inicial, **O que é Literatura Infantil**, abordou-se a importância da Literatura Infantil não apenas para a criança, mas para a formação do indivíduo, a partir da ideia, de que o texto literário pode facilmente transpor as linhas do texto e viajar no imaginário do leitor, para além das linhas e estimular a criatividade e a interpretação.

Já no segundo capítulo, **Literatura Infantil e Formação do leitor**, discutiu-se acerca do universo literário, descortinando suas nuances e ressaltando a sua importância na formação do leitor, enquanto indivíduo que vivencia uma infinidade de experiências ao longo da vida e está sempre aprendendo.

O terceiro capítulo, intitulado **Função da Literatura**, teve a intenção de mostrar a importância da literatura na aprendizagem do indivíduo, já nos primeiros anos de formação. Para isso, foi importante discutir o papel da escola no incentivo à leitura, bem como o apoio da família para o crescimento e desenvolvimento das competências leitoras da criança, e da sua escrita a partir de sua inserção no mundo da literatura.

**“Leituras, Literatura e escola”** e **“Leitura e escrita na sala de aula”** são respectivamente o quarto e o quinto temas do trabalho. Neles houve uma retomada das relações que se estabelecem entre as diversas leituras que o indivíduo é capaz de realizar cotidianamente e as leituras que a escola propõe no âmbito escolar, ou seja, as relações intertextuais, bem como as propostas de produção escrita nesse cenário.

**Aulas de leitura e o poder de fascinação dos textos literários** é o sexto capítulo. Esse epílogo discutiu o poder de encantamento e divertimento que os textos literários possuem, sendo capazes também de estimular a imaginação e memória e por isso, responsáveis por aumentar significativamente a sensibilidade e inteligência e ainda o interesse pelos livros de leitura. Sendo assim, é importante saber que a literatura pode ser

utilizada em várias situações cotidianas, em várias áreas do conhecimento, sem, contudo, perder a sua função principal que é entreter.

Enfim, no último epílogo deste trabalho, **Leitura e escrita e Rendimento escolar** abordou-se a importância de se trabalhar leitura e escrita como conteúdos que se devem interligar e se complementar na sala de aula e não apenas como meras atividades, como requisitos essenciais para a promoção do rendimento do educando.

Seguiu-se a Problemática e os objetivos, capítulo 2, a Metodologia capítulo 3, seguida da Apresentação e Discussão dos dados e as Conclusões.

A escola é um espaço privilegiado no que diz respeito ao incentivo à leitura. Contudo, nem sempre é possível formar alunos leitores competentes e autônomos, principalmente na escola pública. Entretanto, é na escola que muitas crianças recebem as primeiras lições de literatura, os principais incentivos a uma imaginação fértil e criativa.

## 1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Contar histórias é uma atividade essencialmente importante, sobretudo para as crianças que já aprenderam a ler. Abramovich (1997) diz que “quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las”. Para as crianças maiores, ouvir histórias é essencial, pois aprimora e intensifica a capacidade de imaginação, uma vez que o ato de ouvir é capaz de estimular o pensar, o desenhar, o escrever, o criar, o recriar, bem como discutir argumentar e sonhar. Atualmente, as pessoas vivem rodeadas por uma infinidade de atrativos, sobretudo tecnológicos, em que as informações e mesmo, diversões já vem prontos, e muitas vezes as crianças não têm a oportunidade de desenvolver competências e habilidades essenciais ao seu mundo infantil. Segundo Abramovich (1997):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

**É ATRAVÉS DUMA HISTÓRIA QUE SE PODEM DESCOBRIR OUTROS LUGARES**, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula [...] (p.17)

Logo, ler é imprescindível ao desenvolvimento da sociedade, uma vez que não existe pleno desenvolvimento sem leitores, sem compreensão da realidade.

As autoras Paiva e Oliveira (2010), afirmam que a Literatura Infantil é tão importante para a criança, quanto qualquer outra atividade. Suas ideias corroboram com o tema e servirão de base teórica para alicerçar o trabalho de pesquisa. Em seu artigo **A Literatura Infantil no processo de formação do leitor**, as autoras afirmam que há uma relação muito antiga existente entre a Literatura Infantil e a escola, pois é nesse ambiente que os livros infantis, encontram o espaço ideal para garantir a atenção dos leitores, mesmo que estes sejam utilizados como leitura obrigatória e usados como pretextos utilitários, informativos e pedagógicos. Para as autoras “[...] a criança tem um apetite voraz pelo belo e encontra na literatura infantil o alimento adequado para os anseios da psiquê infantil. Alimento, esse, que traduz os movimentos interiores e sacia os próprios interesses da criança” (Paiva e Oliveira, 2010, p.24).

Lerner (2002) reafirma o papel da leitura e escrita como elementos de transformação social, ao falar de **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**, ressaltando que é necessário ressignificar as atividades unicamente escolares, a fim de acabar com o fracasso e o abandono, fazendo do processo de aprender algo real, condizente com a realidade, algo possível e prazeroso e por fim, algo cada vez mais necessário no mundo atual.

Silveira; Kirchof; Bonin (2013) no artigo **Apresentação: Literatura infantil e diferenças**, afirmam que nos últimos anos no contexto da Literatura Infantil, as discussões acerca das diferenças existentes em nossa sociedade têm crescido significativamente, de modo que tem aumentado cada vez mais as produções voltadas ao público infantil e juvenil, com livros que exploram em suas narrativas as diferenças e os preconceitos existentes em nossa sociedade.

Lajolo e Zilberman (1996) ao discutirem **A formação da leitura no Brasil**, trazem para a pesquisa a discussão acerca da importância da manutenção de verdadeiros hábitos de leitura para a formação e vida cidadã. Ressaltam ainda que a população brasileira não é leitora de fato, uma vez que apresenta uma média muito baixa de leitura. Segundo as autoras essa falta de leitura, a qual se percebe já na infância precisa mudar com urgência, pois se configura em grande problema social e humano, uma vez que cria lacunas que separam e marginalizam a população pela falta de conhecimento e informação.

Bamberger (2001) fala acerca de **Como incentivar o hábito de leitura**, ressaltando a importância do papel do professor, ao qual cabe direcionar a criança para os livros. Ressalta também que a figura do professor é muito importante para a criança nos primeiros anos escolares e serve de exemplo. Ou seja, se o professor é leitor, consequentemente incentivará o gosto pela leitura nos seus alunos.

Lajolo (2002) traz **Do mundo da leitura para a leitura do mundo** sendo uma importante contribuição teórica para a pesquisa, pois discute a relação existente entre fruição e aprendizado através da leitura, uma vez que depende do conhecimento do mundo do leitor, mas também da capacidade do escritor de seduzí-lo e conquistá-lo, utilizando-se das artimanhas literárias e linguísticas. A autora afirma que a leitura forçosa para os alunos torna-se um fardo e mesmo quando se acostumam a ler, não encontram prazer, pois não é algo espontâneo e significativo. Ressalta que entre a leitura obrigatória e a facultativa, o aluno que não é leitor irá sempre optar pela opção que condiz com o seu gosto e expectativa, exercendo o seu direito de escolher. E por fim, reforça que ler continua sendo fundamental:

É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus

impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar, o cidadão para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (p.106)

Klein (2010) em seu artigo **Literatura infantil e produção de sentidos sobre as diferenças: práticas discursivas nas histórias infantis e nos espaços escolares**, a autora ressalta a importância da literatura infantil como um elemento cultural presente em diferentes contextos sociais, sendo a escola um espaço privilegiado para a leitura desses materiais, através da disseminação entre professores e alunos, tanto como material de instrução quanto de lazer e nos últimos anos, tem crescido cada vez mais a preocupação em formar melhor as crianças, proporcionando-lhes conhecimentos que as ajudem em suas relações pessoais.

O que nos mobiliza é acolher, nessa "cadeia comunicativa", a emergência de múltiplos discursos, múltiplas possibilidades de narrar "*jeitos de ser*" e "*jeitos de ver*". Ou seja, procuramos entender que representações são potencializadas, cruzadas, excluídas na emergência de uma trama discursiva que coloca a diferença como foco nas atuais políticas sociais. (p.6).

Oliveira (2012) vem contribuir com **Ensino de Literatura Infantil: ferramentas de pesquisa-ensino**, no qual fala acerca da importância da Literatura Infantil no Ensino Fundamental I, considerando também "a importância do papel do professor como mediador entre o aluno e a obra literária e o potencial formativo da literatura junto às crianças". Para isso, ressalta a necessidade da escolha de boas obras a serem trabalhadas, bem como da apropriação da obra pelo professor, a fim de que se torne um verdadeiro pesquisador no seu cotidiano. Segundo Oliveira:

Ao lidar com a LI na sala de aula, o professor pode propiciar a relação dialógica com o aluno e do aluno com sua cultura, com seus colegas, com a sua realidade e consigo próprio, pois ao docente compete criar condições para que esse aluno lide com a história a partir de seus pontos de vista, trocando impressões, brincando e jogando com ela, assumindo posições ante os fatos narrados, defendendo posições e personagens, criando novas situações pelas quais vai desdobrando a história original. (p.251)

Kleiman (1997) com o livro **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**, contribuiu para a pesquisa com a discussão acerca dos conceitos necessários ao estudo da

Literatura, leitura e compreensão de textos, descrevendo esses processos, bem como a sua importância no ensino e aprendizagem dos educandos, principalmente nos anos iniciais. Quanto mais conhecimento textual o educando tiver, maior será a sua capacidade de compreensão e leitura. Nesse sentido a autora afirma que: “A compreensão de textos envolve tais processos cognitivos múltiplos, justificando assim o nome de “faculdade” que era dado ao conjunto de processos, atividades, recursos e estratégias mentais próprios do ato de compreender” (Kleiman, 1997, p.9).

Outro reforço teórico muito importante para esta pesquisa é Turchi (2008) com o artigo **Tendências atuais da Literatura Infantil brasileira**. Em seu texto a autora propõe uma reflexão acerca das tendências literárias contemporâneas da Literatura Infantil brasileira, confrontando as décadas de 70 e 80, época em que houve um crescimento dessa produção incorporando vários gêneros e códigos, bem como investimentos na parte editorial e gráfica, privilegiando muitas vezes o aspecto visual do livro, em detrimento à parte verbal.

Perrotti (1990) em **Confinamento cultural, infância e leitura**, discute a importância e a função da escola pública como promotora do conhecimento como um todo, sobretudo da formação de leitores críticos, reflexivos, autônomos e proficientes, num cenário no qual muitas vezes, a escola é reflexo da sociedade, uma construção social. Para falar de valorização da leitura na sociedade, faz-se necessário repensar as relações e influências que a leitura e a compreensão exercem sobre os indivíduos e sobre a produção de novos conhecimentos. Como escreveu Perrotti (1990):

Separar a promoção da leitura dos processos gerais do saber, como se os caminhos pudessem não se cruzar, como se leitura e conhecimento não fizessem parte de um mesmo quadro global de operações simbólicas, de uma mesma trama de sentidos, corresponde a uma visão compartimentada... da cultura que, parece, não conseguirá ir muito longe enquanto fonte inspiradora de práticas promocionais[...] (p 74).

Almeida (2008) ao falar de **Práticas de Leitura** discute a função do professor mediador como elemento fundamental no processo de formação do leitor, no qual se deve ter clareza metodológica com as atividades de leitura e com a Literatura Infantil, a fim de instigar novos questionamentos, reflexões e produção de novos significados. Para ler e escrever bem e de forma prazerosa é necessário antes de tudo, uma base na alfabetização e a partir daí todos os incentivos possíveis tornam-se importantes contributos a uma imaginação fértil e criativa.

Zilberman (2003) em seu livro **A Literatura Infantil na Escola**, faz uma retrospectiva da Literatura Infantil no Brasil, lembrando as primeiras produções direcionadas ao público



infantil, a partir da tomada de consciência da existência da infância. Logo, surgia a necessidade de um olhar diferenciado e que atendesse às particularidades e especificidades desse público. Desse modo, as discussões da autora serviram de base teórica para o entendimento de questões como: a criança e o adulto, o livro e a escola, representações da criança, bem como a representação e o papel da família.

Nesse contexto, faz-se necessário incluir na escola uma diversidade de práticas que priorizem a formação das competências leitoras dos educandos, sobretudo nas séries iniciais, dinamizando e explorando os gêneros textuais que circulam socialmente, principalmente a Literatura Infantil, a fim de que a aquisição de saberes aconteça de forma prazerosa e significativa para os educandos, ao mesmo tempo em que auxilia o professor em seu labor pedagógico.

A leitura é um conteúdo indispensável no meio escolar e um dos principais requisitos para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, e só será prazerosa a partir da criação de hábitos que conduzam ao desenvolvimento contínuo de hábitos de ler. Daí surge a necessidade de incentivar os comportamentos do leitor, como condição básica para o sucesso da leitura. Pois ler não é simplesmente olhar o que está escrito, mas ir além do código escrito.

A leitura é uma atividade que prepara o aluno para o desenvolvimento da escrita. Logo, nesse processo, os alunos deverão ser despertados para a leitura e a escrita, não apenas na escola, mas em qualquer atividade social. É importante saber que o domínio da leitura e escrita, pressupõe um trabalho fundamental para o aprimoramento da capacidade cognitiva, bem como a expansão das competências e habilidades do aluno leitor e escritor. Segundo Solé a leitura é um processo no qual “o leitor é um sujeito ativo que processa o texto e lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios.” (Solé, 1988, p.18)

Portanto, no desenvolvimento das competências e habilidades referentes à leitura e escrita, faz-se necessário levar em conta que a boa leitura deve passar por algumas etapas principais, como decodificar, compreender, interpretar, reter informações, reagir, ser leitor crítico. Logo, opinar, concordar e discordar do que se lê, bem como recomendar o que leu, são comportamentos do leitor.

A primeira etapa é a decodificação, na qual o educando mostra o que aprendeu na etapa de alfabetização, decodificando os símbolos escritos. É a leitura superficial, com capacidade limitada em relação às visões de mundo do leitor, mas essencial para que se entenda a etapa seguinte, que é a compreensão.

Na compreensão o aluno deverá ser capaz de saber do que trata o texto, compreendendo a mensagem do autor e os principais aspectos do texto. Já na interpretação o aluno não encontrará com facilidade as respostas de um texto que não compreendeu, uma

vez que é preciso ir além das linhas do texto. Ou seja, compreender é essencial para poder interpretar. O educador e escritor Rubem Alves (2004) diz que:

Na vida estamos envolvidos o tempo todo em interpretar. Um amigo diz uma coisa que a gente não entende. A gente diz logo: "O que é que você quer dizer com isso?". Aí ele diz de uma outra forma, e a gente entende. E a interpretação, todo mundo sabe disso, é aquilo que se deve fazer com os textos que se lê. Para que sejam compreendidos. Razão por que os materiais escolares estão cheios de testes de compreensão. Interpretar é compreender. (Alves, 2004)

A etapa seguinte é a retenção, que diz respeito ao armazenamento da informação, principalmente as informações mais importantes a longo prazo. Além de reter as informações, o aluno deve ser capaz de fazer comparações, aplicando em outras situações cotidianas. Vale ressaltar que as habilidades devem ser aprendidas, desenvolvidas e não simplesmente memorizadas. Devem estar a serviço da aprendizagem da leitura e dos demais conteúdos escolares. Segundo Cagliari (2009, p.130), a melhor coisa que a escola poderia oferecer aos alunos é a leitura (...) se um aluno não se sair bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, a escola já cumpriu grande parte de sua tarefa.

Nesse sentido, faz-se necessário destacar a importância do letramento, o qual difere bastante das muitas práticas de leitura vivenciadas na escola ao longo dos anos. A escolarização da leitura tem como base a decodificação das palavras e a escolha de textos estratégicos, usados como pretexto para alfabetizar ou ainda, fragmentos de textos literários usados nas aulas. O letramento vai além da tarefa de alfabetizar, ensinando a ler e escrever de forma contextualizada. Assim, a leitura ganha sentido e acaba fazendo parte da vida do leitor. O letramento não é uma simples atividade, mas um conjunto de práticas direcionadas que envolvem leitura e escrita e a escola é apenas um meio social para fazê-lo acontecer, visto que esse processo é amplo e extrapola o âmbito escolar. Conforme Soares (2009):

[...] dificuldades e impossibilidades devem-se ao fato de que o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição (p.65).

De acordo com a perspectiva do letramento o aluno adquire a capacidade de criticidade e passa a reagir a tudo o que lê, não aceitando com passividade a informação. Torna-se assim um leitor ativo e autônomo, diferente do aluno que simplesmente foi alfabetizado, ou seja, aquele que só aprendeu a decifrar o código escrito. Portanto, a leitura

escolarizada é apenas uma das formas de ensinar a leitura e a escrita, uma vez que o processo de letramento é amplo e ultrapassa a ideia de simplesmente alfabetizar, sem a devida atenção aos aspectos de interpretação, compreensão e leitura para além das linhas do texto escrito. Segundo Kleiman (2008):

As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita (p. 19).

Desse modo, o letramento pode ser encarado ou conceituado, como um conjunto de práticas que auxiliam o aluno na aquisição e melhoria das competências e habilidades de leitura e escrita. Dentre as competências e habilidades concernentes à leitura e escrita do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental estão: apropriar-se de gêneros textuais diversificados, dominar os tipos textuais, ampliar a competência leitora, expandir a produção oral, aperfeiçoar a escuta de textos orais, apropriar-se da expressão escrita, apropriar-se da reescrita de textos, e ainda, aprimorar a relação entre conhecimentos linguísticos e conhecimentos textuais. Segundo Soares (2002):

(...) do ponto de vista da dimensão individual de letramento (a leitura como uma 'tecnologia'), é um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, que se estendem desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos. (...) refletir sobre o significado do que foi lido, tirando conclusões e fazendo julgamentos sobre o conteúdo (pp. 68-69).

A partir do desenvolvimento contínuo dessas competências é que a leitura se tornará um conteúdo de fato, a ser trabalhado de forma interdisciplinar no âmbito escolar e vivenciado fora dele, através da interpretação de textos de variados gêneros, por exemplo, bem como levantar hipóteses, adequar-se às mais variadas situações reais de fala: formais e informais, respeitar as diferentes opiniões presentes na fala do outro, expressar-se de forma autônoma, autoral, exercitar a autoavaliação, entre outras atividades.

### **1.1. O que é Literatura Infantil**

A literatura infantil é o ponto de partida para os demais textos que surgirão ao longo da vida do educando, não apenas na vida escolar, pois com o passar do tempo, outras necessidades vão surgindo e surge também a capacidade de variar e enriquecer o repertório de leituras, se adequando às preferências de cada leitor. O indivíduo passa a ter um nível de conhecimento mais elevado e elaborado, estimulando novas escolhas e formas de leitura do mundo.

Sabe-se que a leitura deve ser encarada como conteúdo de ensino e não como uma simples atividade, para que assim, possa fazer parte da vida de cada educando, de cada indivíduo de forma efetiva e prazerosa. Nesse sentido a Literatura Infantil torna-se importante aliada das aulas de leitura, sobretudo para os alunos mais novos, pois é capaz de trabalhar com linguagem e temas diversificados, os quais podem facilmente transpor as linhas do texto e viajar no imaginário do leitor, para além das linhas e estimular a criatividade e a interpretação.

Até o século XIII a criança era vista como um adulto em miniatura e por isso participava da vida social dos adultos, sem a menor preocupação com o seu desenvolvimento, usufruindo também da sua literatura. A partir daí, começou a surgir uma atenção especial em relação à leitura, lendo contos, lendas e até os grandes clássicos.

A Literatura Infantil traz para o leitor algo encantador e cheio de mistério. Por isso, nessa fase do desenvolvimento pessoal e social, todo incentivo é uma estratégia para criar bons leitores, ouvintes criativos e escritores independentes. Para isso, o exemplo dos adultos com práticas de leitura é o melhor caminho para uma leitura prazerosa e estimulante. Segundo Zilberman (2010):

O letramento é um processo que se inicia antes mesmo de a criança aprender a ler, supondo a convivência com universo de signos escritos e sendo precedido pelo domínio da oralidade. Outros fatores associam-se ao processo de letramento, já que a convivência com a escrita começa no âmbito da família e intensifica-se na escola, quando o mundo do livro é introduzido à infância (p.129).

No Brasil, o movimento literário teve início na época da colonização, sobretudo através dos trabalhos de catequese do Padre José de Anchieta. Mais tarde, mais especificamente no final do século XVII começaram a surgir as primeiras produções destinadas às crianças. Entretanto, essas produções ainda não podiam ser consideradas literatura, uma vez que sua produção tinha objetivos definidos, como ensinar valores, hábitos e alguns aspectos da realidade social.

Para quem lê existe um mundo de descobertas e possibilidades inesgotáveis para a aquisição do novo, de criar novos caminhos, novas maneiras de ser e ver, novas realidades. Enfim, descobrir, explorar, aprender sempre, a cada novo olhar sobre o texto, sobre os sentidos do texto, sobre a linguagem.

Hoje as pessoas contam com uma infinidade de novas informações através dos meios de comunicação, principalmente a internet. Navegar pelas redes sociais ou pelo mundo da tecnologia, se tornou mais fácil e talvez mais atrativo do que ler o livro físico de forma tradicional. Mas ainda assim, a literatura é capaz de fornecer para públicos variados, crianças, jovens, adultos, atrativos tradicionais aliados aos novos meios de divulgação da informação, como contos, romances, poemas e muito mais. Hoje em dia existem os blogs, os sites, os vídeos, etc. e todos podem ser importantes parceiros do leitor e do escritor, principalmente nas atividades de leitura e escrita, desenvolvidas no âmbito escolar.

## **1.2. Literatura Infantil e Formação do leitor e do escritor**

Nos dias atuais é cada vez mais crescente e urgente a necessidade de comunicar-se, expressar-se e se fazer entender como questão de sobrevivência e inclusão social. As pessoas precisam ser aceitas e reconhecidas, a fim de que possam enfrentar as exigências do mundo contemporâneo, em constante transformação. Logo, faz-se necessário combater o desinteresse das pessoas pela leitura, sobretudo crianças e jovens em formação. Esse desinteresse vem assumindo novas feições a cada dia que passa, fazendo com que a escola enfrente esse desafio, muitas vezes sem alcançar os resultados esperados. Segundo Zilberman (2010):

A leitura constitui elemento fundamental na estrutura do ensino brasileiro porque forma sua base: está no começo da aprendizagem e conduz às outras etapas do conhecimento. O campo do ensino mais próximo dela é o da literatura, representada por textos exemplares da prosa em língua portuguesa, a partir da década de 1930, fornecidos pela ficção nacional. (pp. 35-36).

Todo ser humano necessita comunicar-se, uma vez que essa habilidade é inerente ao convívio humano, necessária durante toda a vida. Logo é imprescindível que seja enriquecida e aperfeiçoada sempre, principalmente através da leitura diária, adquirindo-se assim, novas estratégias e novos conhecimentos que fazem da convivência humana algo prazeroso.

Entretanto, é possível perceber que atualmente a leitura vem perdendo espaço na preferência da população e sendo substituída pelas facilidades do mundo moderno, com seus hipertextos, informações cada vez mais simplificadas e cheias dos enigmas próprios da modernidade. Tudo isso se constitui em atrativo, sobretudo para os mais jovens, os quais quando colocados em situações de leitura e compreensão de textos tradicionais, como notícias, reportagens, contos, por exemplo, acabam sentindo dificuldades e achando tudo muito difícil e sem sentido.

Nesse contexto cabe à escola criar estratégias que visem desenvolver e aperfeiçoar as habilidades de comunicação oral e, conseqüentemente escrita, estimulando os educandos através de aulas de leitura e compreensão que utilizem gêneros textuais variados, atrativos e com temas que se relacionem com cada ciclo escolar, contextualizando e ressignificando cada atividade. Acerca da formação de leitores Prado (2003) afirma que:

Formar bons leitores significa encantar as crianças, enfeitá-las com o poder que vem dos livros, mas isso não se forja com obrigações, muito menos com trabalhos sistemáticos de compreensão de texto... as crianças, têm o direito de ler livres de interpretações e lições. Só dessa forma conseguirão mergulhar num livro com o mesmo prazer com que vêem um filme. E o prazer traz mais prazer. Ou seja, um bom livro lido é o melhor adubo para formar futuros leitores. (p. 59).

Entretanto, é imprescindível ressaltar que esta não é uma tarefa fácil, uma vez que exige doses extras de criatividade, estudo e dedicação para mesclar o novo e o velho, fazendo com que o aluno enxergue a importância dos livros escritos, em meio às facilidades oferecidas pela tecnologia. E possam desse modo, aprender os conteúdos curriculares, sendo críticos e reflexivos, a partir de suas próprias motivações.

Todas as pessoas vivem cercadas por uma infinidade de materiais verbais e não verbais que fazem parte das leituras diárias. Desde o momento em que acordam, nas mínimas tarefas diárias, a leitura se faz presente e é preciso que ela esteja presente, de forma constante e real também no cotidiano escolar, a fim de que a leitura fora desse ambiente se transforme em instrumento de mudança e transformação dos indivíduos. Por isso, é necessário começar cedo e fazer da leitura conteúdo que deve ser ensinado com seriedade e não ser tratado apenas como uma simples tarefa escolar. Conforme Ribeiro e Buzatto (2003):

[...] a leitura é o instrumento que vai abrir as portas do mundo para a criança; será fonte de prazer, satisfação... Portanto, a responsabilidade da escola é enorme, pois dependerá dela, em grande parte, para que o aluno seja um bom leitor. (p.91)

A sociedade está sempre inventando, sempre criando novas tecnologias, e favorecendo também possibilidades variadas de expressão da língua. Assim as pessoas vão se adaptando e aprendendo a lidar com as mais diversas situações que surgem em suas vidas. Com a leitura em sala de aula não deve e não pode ser diferente. É necessário adaptação, inovação, a fim de que haja também inclusão de fato para todos os leitores, uma vez que as mudanças também exigem capacidades de comunicação diferentes.

Cada gênero textual exige do leitor comportamentos e habilidades distintas. Esses comportamentos devem ser ensinados, a fim de que as habilidades se desenvolvam e estejam a serviço da expressão oral. A leitura de um conto para uma criança, por exemplo, é diferente da leitura de uma notícia ou de um poema, pois a intenção comunicativa não é a mesma. Contudo, há muitas situações de oralidade no cotidiano das pessoas, as quais precisam ser vivenciadas e compreendidas por todos.

A leitura deve estar a serviço do cidadão, sendo elemento essencial em sua vida enquanto pessoa que faz parte do mundo letrado. Entretanto, para que essa leitura seja proficiente e autônoma, deve começar na base, no processo de alfabetização. Um aluno bem alfabetizado poderá vivenciar melhor as práticas de leitura que a ele forem apresentadas, podendo inferir, criticar, vivenciar e apreender aspectos da língua falada e escrita. Logo, é possível afirmar que esse desenvolvimento contínuo e prazeroso que se dá através das diversas atividades de leitura, tem seu início na escolarização, mas não se finda aí, uma vez que seu alcance vai da formação do cidadão leitor, perpassando pelo processo de escolarização e continua pela vida, tecendo relações estreitas com o desenvolvimento social e humano. Acerca do prazer que a leitura pode proporcionar Abramovich (1997) declara:

Ler, para mim, sempre significou abrir todas as portas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens...  
Ler sempre foi maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... e continua, lindamente, sendo exatamente isso! (p.14).

Acerca da importância da leitura e da literatura, Meireles (1984) também será de grande importância para o trabalho de pesquisa teórico metodológica, na medida em que discute os problemas da Literatura Infantil, ressaltando pontos essenciais no contexto histórico como autores, os principais livros, as preferências do público infantil, bem como estratégias da linguagem oral e escrita. Segundo Meireles (1984):

A palavra pode ser apenas pronunciada. É o fato de usá-la, como forma de expressão, independente da escrita, o que designa o fenômeno literário. A

Literatura precede o alfabeto. Os iletrados possuem a sua Literatura. Os povos primitivos, ou quaisquer agrupamentos humanos alheios ainda às disciplinas de ler e escrever, nem por isso deixam de compor seus cânticos, suas lendas [...] (p.19).

Nesse sentido, é importante ressaltar que a criança que vivencia com maior frequência situações de leitura e aprendizagem variadas tem mais condições de desenvolver competências e habilidades inerentes aos comportamentos do leitor. Logo, apresenta condições de aprendizagem distintas daquela criança que não teve as mesmas experiências. Por isso, cabe à escola intermediar o contato dos alunos com as diferentes leituras e gêneros textuais, introduzindo as primeiras leituras e intermediando a passagem dos textos mais fáceis para os textos que exigem maior compreensão. Todo esse processo deve acontecer de forma significativa, numa relação que por ser pedagógica e social, aproxima as crianças e diminui as lacunas linguísticas e leitoras, geradas pela desigualdade social.

Através da leitura o aluno pode participar das diversas situações de comunicação oral, interessando-se por textos diversos, como contos, crônicas, poemas, adentrando assim, no mundo letrado e tendo contato com outros suportes da linguagem escrita: livros, revistas, histórias em quadrinhos, etc. Acerca desse ponto Lajolo (2000) afirma que:

O problema é que as atividades sugeridas indiferenciadamente para muitos milhares de alunos, distribuídas em pacotes endereçadas a anônimos e despreparados professores, passam a representar a varinha mágica que transformará crianças mal alfabetizadas e sem livros disponíveis em bons leitores. Favorecem ainda a crença de que sua realização operará o milagre de transformar os professores em orientadores de leitura, fazendo vista grossa à sua pouca familiaridade com livros, não questionando sua leitura quantitativa e qualitativamente muito pobre, deixando intocada sua estranheza face a práticas mais significativas da linguagem. Na rotina de tais atividades camuflam-se riscos sérios de alienação da leitura. (p. 72-73).

A leitura é essencial para o ser humano. Por isso deve estar sempre presente, principalmente na escola, mas não apenas nela. É necessário, contudo, no âmbito escolar, colocar em prática as atividades voltadas para a Literatura, desenvolvendo-se estratégias para uma leitura prazerosa, que pode ser exercida de forma rápida, dramatizada, compreensiva, instrutiva, reflexiva, desenvolvendo ainda comportamentos e atitudes.

Desse modo, faz-se necessário oportunizar às crianças e jovens um acervo de leituras que seja convidativo, instrutivo e prazeroso. Logo, a literatura desempenha um importante papel no desenvolvimento e aprendizagem dos educandos, sejam eles crianças,



jovens ou adultos, a fim de que desenvolvam a capacidade de compreensão, interpretação, diálogo entre diferentes ideias, culturas e informações em geral. A escola tem assim, a função de desenvolver práticas que aproximem a literatura das vivências do leitor, sabendo-se da necessidade de planejamento para que a leitura se torne aliada e não um empecilho à imaginação criativa. Desenvolver essencialmente o gosto pela leitura é o primeiro passo para o desenvolvimento de competências e habilidades de leitura e escrita. Conforme Silva (2002):

A leitura ocupa, sem dúvida um espaço privilegiado não só no ensino da língua portuguesa, mas também no de todas as disciplinas acadêmicas que objetivam a transmissão de cultura e de valores para as novas gerações. Isso porque a escola é, hoje e desde há muito tempo, a principal instituição responsável pela preparação de pessoas para o adentramento e a participação no mundo da escrita utilizando-se primordialmente de registros verbais escritos (textos) em suas práticas de criação e recriação de conhecimento. (p. 16).

A tarefa de formar alunos leitores, competentes e autônomos é essencial e se constitui num caminho importante para o acesso à informação e ao conhecimento. Entretanto, nem sempre é uma tarefa fácil. Apresenta inúmeros obstáculos e tentar superá-los deve ser prioridade, sobretudo no âmbito escolar, onde a leitura na maioria das vezes é cobrada sem muitos resultados. O aluno que lê, facilmente aprende a ler nas linhas e entrelinhas, aprende a fazer uma leitura de mundo mais aguçada, discutir, refutar, viajar e viver experiências indescritíveis, as quais somente a leitura é capaz de proporcionar. Segundo Lajolo (2002, p.6), “ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida”.

Faz-se necessário formar alunos e indivíduos leitores de forma eficiente, capazes de selecionar os gêneros que querem ou preferem ler, pelo gosto ou pela necessidade de aquisição de novos conhecimentos ou mesmo, pelo prazer de ler. Logo, nesse sentido a escola torna-se a principal responsável pelas atividades de leitura, as quais para a maioria dos alunos só acontecem aí, dentro da sala de aula e por isso, devem ser organizadas e direcionadas, a fim de que alcancem os objetivos propostos.

Segundo Silva (2004) todo indivíduo leitor, está sempre em processo de formação leitora, uma vez que a cada leitura, a cada novo livro é possível desfrutar de saberes diferentes e conhecer o que antes não se conhecia, ou mesmo, enriquecer o que já se sabia. Por isso, um leitor é um indivíduo que sempre estará buscando novos elementos para fomentar e exercitar a sua memória em constante processo de aquisição de novos saberes. Para Silva (2004):

Em que pese a complexidade teórica dos processos de ensinar, aprender e ler, acredito que todas as pessoas já ensinaram e aprenderam muitas coisas no transcurso de suas vidas. E estamos até agora ensinando, aprendendo e lendo. E vamos continuar nesse processo de ensino, aprendizagem e leitura porque o ensinar, o aprender e o ler são os primeiros sustentáculos do processo de conhecer. Assim, o conhecimento, a construção do conhecimento pelo outro que é o aluno, coloca-se como compromisso primeiro de todo professor (p.26).

Dessa forma, compreende-se que o verdadeiro leitor, o leitor em formação é aquele que tem autonomia suficiente para fazer escolhas e vivenciar continuamente o jogo da leitura, assumindo um papel ativo diante do texto e das formas de entender o texto. Esse leitor em constante formação é capaz de buscar caminhos e atribuir significados a cada nova leitura, ressignificando o seu papel diante do texto. Segundo Paulino (2001):

Aparentemente, o leitor não teria poder algum, a não ser o de traduzir o sentido que estaria pronto no texto. Entretanto, o texto não se apresenta ao leitor senão como uma proposta de produção de sentido, que pode ou não ser aceita. Trata-se de um pacto de leitura que constitui o que denominamos interação leitor/texto. (p. 12).

A formação do leitor crítico exige a consideração de aspectos essenciais à leitura, como afetividade, conhecimento de mundo, por exemplo, os quais são incorporados ao ato de ler. Cabe ao professor direcionar esse processo formativo, utilizando as ferramentas metodológicas que possam auxiliar o indivíduo em formação, a fim de que ele faça as suas próprias escolhas de forma crítica, as quais estarão incorporadas às diversas situações da vida. Ou seja, a leitura ajuda a incorporar o indivíduo à sociedade.

Em sala de aula, o professor passa a entender e vivenciar a leitura como prática social, e, como tal, precisa considerar as experiências de cada leitor, para a partir daí criar estratégias metodológicas que façam da leitura literária uma atividade necessária, significativa, prazerosa e principalmente, geradora de novos conhecimentos acerca do mundo. Segundo Kleiman:

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico,

textual, conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão (p. 13).

A formação de leitores não se restringe apenas ao ato de ler, decodificando o que está escrito, sem atribuir significado ao texto. A formação de leitores é um processo que vai além e ultrapassa as barreiras do código verbal, podendo interagir numa relação leitor-texto, que não se esgota simplesmente na escrita de um gênero. Desse modo, ao fazer parte do texto, o leitor pode assumir atitudes e posicionamentos diante do que lê, não sendo passivo.

Nesse processo de formação leitora, tem-se na literatura uma importante aliada, uma vez que permite vivenciar situações diversas em contato com histórias, autores, fatos, personagens, desenvolvendo a linguagem que permeia a sociedade ao longo da história. Uma das principais características do texto literário é a polissemia, a qual permite fruição do pensamento, sem necessariamente se conectar aos aspectos de verossimilhança encontrados no mundo real. Conforme Bordini e Aguiar (1993):

A seleção dos significados se opera por força de um contexto que os justifica. Esse contexto é o da experiência humana, que confere valor a um sinal que em princípio é vazio e só passa a portar significado por um ato de convenção eminentemente social. Convenciona-se que algo é significativo, quando corresponde a um valor previamente estabelecido. O conjunto de valores convencionados é chamado cultura e por isso perfeitamente legível porque criado pelos homens. (p.16).

Assim, cada indivíduo, cada leitor, acumula uma gama variada de conhecimentos do mundo ao longo da sua vida e esse acervo de vivências é colocado em ação no momento da leitura. Por isso, faz-se necessário levar em conta que quando se trata de alunos do ensino fundamental, as experiências ainda são mínimas, pois são ainda muito jovens, ainda têm muito para viver e aprender. Nesse trabalho, nem todos os textos serão atrativos ou condizentes com a faixa etária dos educandos, é preciso elaboração, seleção e cuidado para promover de fato a formação de leitores, aproximando os alunos do mundo da leitura de forma eficiente e prazerosa e não o contrário.

A tarefa do professor tem importância fundamental no despertar do hábito e gosto da leitura. Logo, ele precisa ser formador, intermediador eficiente para conseguir utilizar os conhecimentos literários de que dispõe, seja linguagem, personagens, temas, épocas, autores

como aliados na conquista efetiva do educando. É necessário pensar também nesse educando como alguém em formação, com particularidades e interesses.

Há nesse processo de formação do leitor a necessidade de adequação das leituras a cada faixa etária, levando-se em conta que os valores construídos socialmente continuam sendo premissas indispensáveis em qualquer idade e, além disso, são atemporais. Logo, não deve ser desenvolvido um trabalho de cunho obrigatório, cansativo ou com leituras de trechos ou obras repetitivas, mas um trabalho que vise despertar o interesse pela leitura, não apenas no âmbito escolar.

Entretanto, o que se percebe na maioria das vezes, é que na escola há uma lacuna muito grande entre o que deveria ser feito e o que efetivamente se faz, entre as atividades de leitura desenvolvidas e o prazer que elas deveriam proporcionar. Sabe-se que nem sempre a leitura vai suscitar o deleite ou a fruição, mas é essencial que desperte o interesse dos alunos de forma prazerosa, para assim, constituir-se também em via de aprendizagem de novos conhecimentos através de textos que sejam familiares e próximos à realidade, para depois inserir outros que exigem um nível de compreensão maior. Segundo Bordini e Aguiar (1993):

Partindo das preferências do leitor, o trabalho deve orientar-se, de maneira dinâmica, do próximo para o distante no tempo e no espaço. Isto significa optar, primeiramente, por textos conhecidos de autores atuais, familiares pela temática apresentada, pelos personagens delineados, pelos problemas levantados pelas soluções propostas, pela forma como se estruturam, pela linguagem de que se valem. A seguir, gradativamente, vão-se propondo novas obras, menos conhecidas, de autores contemporâneos e/ou do passado, que introduzam inovações em alguns dos aspectos citados. (p.25).

Nesse sentido, é possível dizer que o letramento literário é também uma oportunidade de construção de sentidos e aquisição de novos conhecimentos. Segundo Zilberman (2009), é um processo de aprendizagem que extrapola o âmbito escolar, uma vez que o indivíduo bem letrado cria estratégias e meios de aperfeiçoar-se através da leitura, utilizando-a em outros ambientes sociais como uma forma de desenvolver-se culturalmente e socialmente.

Quando se trata de leitura e de formação leitora, toda experiência é levada em consideração, pois elas ajudam na construção dos sentidos de tudo o que é lido, sendo significativo ou não. Toda leitura feita anteriormente fornece material e subsídios para alimentar o pensamento do leitor, fortalecendo as relações que o leitor estabelece com o mundo da leitura.

Logo, formar leitores é fazer com que o leitor amadureça enquanto indivíduo que pode e deve se permitir o direito de pensar diferente, viajar, viver conflitos, agir diferente em situações rotineiras. O professor deve acima de tudo, ter consciência do seu papel enquanto formador de leitores, tendo em mente que ao ler, o aluno desenvolve habilidades diversas e essenciais para o seu crescimento, precisando para isso planejar com cuidado as atividades, com vistas a verificar cada aprendizagem e promover outras. Para isso, o direcionamento e mediação do professor, bem como interesse do aluno, são fundamentais, uma vez que sem o estímulo adequado e sem o desejo de aprender, nada é possível.

### **1.3. Função da Literatura Infantil**

No mundo contemporâneo, muito se fala sobre a formação de leitores competentes e autônomos, bem como de escritores dinâmicos e criativos, que tragam o diferencial para transformar a realidade. O desafio reside ainda em como introduzir de forma eficiente e prazerosa a leitura na sala de aula, sem que seja algo forçoso ou obrigatório, mas que possa produzir bons resultados e influenciar todas as áreas dentro e fora do ambiente escolar. Segundo Zilberman (2003), no âmbito escolar especificamente, encontramos alunos com inúmeras dificuldades em adquirir bons hábitos de estudo, sobretudo criar e manter uma rotina de leitura, daí o fracasso de muitos investimentos em educação. Segundo Zilberman (2003):

Preservar as relações entre a literatura e a escola, ou o uso do livro na sala de aula, decorre de ambas compartilharem um aspecto em comum: a natureza formativa. De fato, tanto a obra de ficção como a instituição de ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem. Embora se trate de produções oriundas de necessidades sociais que explicam e legitimam seu funcionamento, sua atuação sobre o recebedor é sempre ativa e dinâmica, de modo que este não permanece indiferente a seus efeitos (p.25).

A Literatura é essencial no ambiente escolar, pois é ela que transforma a realidade vivida nas diversas áreas do conhecimento, através do desenvolvimento da linguagem, da percepção, da imaginação e criatividade e acima de tudo, do raciocínio e reflexão. Desse modo, a Literatura Infantil consegue realizar sua função formadora.

Segundo Zilberman (2003) [...] a escola participa do processo de manipulação da criança, conduzindo-a ao respeito da norma vigente, que é também a da classe dominante [...]. Por outro lado, em relação à Literatura Infantil a autora afirma que:

A literatura infantil, por sua vez, é outro dos instrumentos que tem servido à multiplicação da norma em vigor. Transmitindo, em geral, um ensinamento conforme a visão adulta de mundo, ela se compromete com padrões que estão em desacordo com os interesses do jovem. Contudo, pode substituir o adulto, até com maior eficiência, quando o leitor não está em aula ou mantém-se desatento às ordens dos mais velhos. (p.23).

A criação de bons hábitos de leitura já nos primeiros anos de escola favorece o desenvolvimento da personalidade, da confiança e da autoestima. Ler o que é significativo faz do ato de ler, algo cada vez mais prazeroso e instigante, sobretudo para a criança em formação, a qual perceberá em cada história algo interessante e familiar. Enfim, o acesso à boa literatura é importante, pois auxilia na formação cidadã dentro e fora da escola, fazendo com que a literatura infantil seja aliada indispensável nos processos de alfabetização e formação leitora.

Através da literatura infantil, o professor pode trabalhar uma infinidade de possibilidades de temas, os quais fazem parte da transversalidade: meio ambiente, orientação sexual, ética, etc. E como as questões referentes às condutas e comportamentos das pessoas estão sempre no foco das discussões, sobretudo dos meios de comunicação, é possível utilizar a literatura e as aulas de leitura para instigar, discutir e ensinar variados temas em sala de aula. Conforme Zilberman (2010):

Leitura é viagem, mostram os escritores: no sentido literal, quando as obras se deslocam de um centro urbano para o interior de Minas Gerais, conforme recorda Drummond; e metafórico, quando são os leitores e rumam para terras distantes e universos longínquos. Da rotina cotidiana para o mundo da fantasia, o caminho não é longo, desde que o instrumento – o livro – esteja ao alcance de seu destinatário; e esse percurso é de mão dupla, porque o leitor invariavelmente retorna ao lugar de onde partiu (p. 51).

Por isso, é possível utilizar a literatura em sala de aula como algo que pode ou não ser recheado de mistérios, mas que pode ser sempre interessante do ponto de vista dos objetivos que se pretende alcançar e do ponto de vista do que os alunos esperam ouvir a cada nova leitura feita pelo professor, numa relação que se estabelece entre texto e leitor.

Há, portanto, a necessidade de maior investimento nas aulas de leitura, sendo necessário levar em conta que a leitura literária preenche muitas lacunas na aprendizagem do educando, trazendo sempre algo novo para chamar a atenção do leitor/ouvinte para aspectos do mundo letrado que antes eram desconhecidos dele. Entre as principais funções

da literatura destacam-se: desenvolver o gosto pela leitura, despertar a criatividade, oralidade, interpretação, bem como trazer algo novo, relacionado a aspectos da sociedade atual, entre outros.

Poucas crianças e jovens cultivam o hábito de ler como rotina saudável e prazerosa em nosso país. E uma grande parcela dessas crianças e jovens tem contato com os livros ou a leitura apenas ao chegarem à escola. Esse cenário compromete o trabalho com a leitura, o qual se torna limitado ao ambiente escolar e muitas vezes, não encontra reforço ou incentivo nos demais ambientes sociais. Desse modo, não há como a literatura cumprir a sua função sem maiores esforços. Esses esforços dependem em grande parte do comprometimento do professor em fazer as devidas adequações nas aulas, levando-se em conta aspectos como faixa etária, conhecimentos prévios dos educandos, preferências, meio social, entre outros. E do entendimento do educando acerca de cada leitura desenvolvida em classe, a fim de que o ato de ler não seja mera obrigação escolar. De acordo com Abramovich (1995):

[...] ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro [...] (p. 17).

Portanto, ao trabalhar com literatura em sala de aula o professor consegue estabelecer relações diretas entre leitor/ouvinte e o texto falado ou escrito. É possível ainda, estabelecer relações diretas com a realidade à medida que os diálogos vão sendo construídos em conjunto com a participação dos alunos, interesse, observações e mesmo, curiosidade. Nesse momento há troca de opiniões, defesa de atitudes e/ou personagens. Uma história bem contada, por exemplo, traz sempre um encantamento novo e o desejo de saber mais. Quem aprende que a leitura faz parte da vida real, aprende a querer conhecer sempre mais.

#### **1.4. Leituras, Literatura e Escola**

Toda forma de comunicação se constitui em atos dialógicos essenciais na vida do ser humano, os quais se formam e se processam de forma interativa. Assim, é importante dizer que todas as formas de linguagem expressam informações numa cadeia comunicativa

na qual tudo se apreende e se avalia em forma de mensagens que podem aprimorar a convivência social. Sendo assim, o espaço ideal para essa convivência em constante mudança e aprimoramento é a sociedade, a escola, a família, levando-se em conta os diversos contextos socioculturais nos quais as mensagens são produzidas e ganham sentido. Acerca da leitura em sala de aula Zilberman (1991) diz que:

O exercício dessa função [...] é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua conseqüente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor (p.16).

São inúmeras as funções da linguagem oral e da linguagem escrita. Dentre as intenções da linguagem escrita estão o papel de transformar o leitor anônimo em leitor ativo e consciente, fazendo com que exerça a leitura de forma produtiva e prazerosa, revelando informações antes ocultas ou desconhecidas dos universos, autores, personagens, temas, bem como dele próprio enquanto leitor.

Todo esse processo de conhecimento de mundo através da leitura é dialógico e infinito. Cabe ao leitor buscar as estratégias para explorar o potencial dos textos, atualizando e construindo os sentidos do texto, os quais apesar de serem construção social podem e devem extrapolar os sentidos do universo literário e estético. Os sentidos do texto se constituem a cada momento à medida que as interações leitor-texto vão se constituindo, seja de forma múltipla ou fragmentária.

Essa multiplicidade percebida ou produzida durante a leitura se dá ao fato de que cada leitura realizada, independente do gênero textual, se integra às experiências de vida e de mundo do leitor. Por outro lado, mesmo se relacionando às inúmeras experiências vividas por cada leitor, a leitura também se divide, se relacionando aos fragmentos de vida, ou situações pelas quais o leitor pode estar passando naquele momento específico, ganhando assim maior relevância ou não. Esse é o exercício de ler, o qual é um processo que sempre produz sentidos.

Koch (2006) traz uma importante contribuição através do livro: **Ler e compreender: os sentidos do texto**, abordando aspectos essenciais à leitura e compreensão dos variados textos, a partir da tomada de consciência de que um texto é um lugar de interação entre sujeitos e de construção de sentidos, considerando-se as pistas dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor. Nesse contexto, o papel principal do professor é o de criar as



condições necessárias ao desenvolvimento dos processos cognitivos que acontecem durante a leitura. Koch (2006) afirma que:

[...] na concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são vistos como atores/ construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, considerado o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores. Desse modo, há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação. (p. 10 - 11)

Entretanto, sabe-se que devido à sua relevância nos diversos contextos sociais, sobretudo no educacional, a leitura não é uma mera representação social ou mesmo, compreensão do que a escrita pode representar. Mas é um processo recheado de elementos que se renovam a cada dia, enriquecendo o universo dos autores e leitores, ora mais técnicos, ora mais estilísticos. Dentre esses elementos, podemos citar a estrutura textual, o foco argumentativo, a poesia, os recursos da linguagem, entre outros. Cada elemento contribui de forma significativa para a construção dos sentidos da leitura, bem como para a sua compreensão no mundo real, analisando-se o ser humano como sujeito produtor e transformador do seu meio através de suas experiências e expectativas.

Todas as leituras são de fundamental importância na vida de qualquer indivíduo. Algumas mais relevantes, outras menos, levando-se em conta também as preferências e necessidades de cada leitor. Em relação ao texto literário, não há como negar a importância de uma leitura mais atenta e focada nos sentidos e objetivos do texto, do início ao fim, a qual se processa via leitor, de forma dinâmica a cada leitura, mudando-se as percepções de forma progressiva, à medida que se desenrolam os mecanismos de compreensão textual.

Desse modo, o leitor atento é capaz de progredir percebendo assim, que a sua compreensão acerca da escrita e do mundo pode se modificar a cada leitura, a cada novo elemento descoberto, desenvolvendo assim a capacidade leitora, escritora e interpretativa.

Não se pode ignorar a natureza dialógica da linguagem, uma vez que ela tem a função de fazer a ligação entre o que é pensado e o que é falado. E como resultado desse processo comunicativo tem-se um leitor mais atento e consciente e por isso lê melhor, porque lê mais e encontra mais prazer e conhecimento na leitura, apreendendo informações que são relevantes para a sua vida sociocultural. Conforme Silva “não basta decodificar as representações indiciadas por sinais e signos; o leitor porta-se diante do texto transformando-o e transformando-se”. (Siva,1988, p.44).

Nesse sentido, o primordial é que a criança e o jovem comecem a vivenciar essa relação dialógica com a leitura, criando as suas próprias estratégias, a fim de que aconteça a

leitura produtiva, na qual o leitor se manifesta, exercendo suas capacidades de deduzir, inferir, criticar, criar, deleitar. Enfim, a leitura produtiva é aquela que se pretende ao transformar a sala de aula em um ambiente leitor, respeitando-se as particularidades de cada aluno. Segundo Zilberman (2010):

Raras vezes a escola, seu aparato (como salas de aula), seus instrumentos (como o livro didático) e sua metodologia (como a execução do dever de casa) provocam lembranças aprazíveis de leitura. As atividades pedagógicas provocam tédio, quando não são vivenciadas como aprisionamento, controle ou obrigação. A leitura parece ficar do lado de fora, porque os professores não a incorporam ao universo do ensino.

Quem lê, contudo, quer o lado de fora, para onde se desloca, comandado pela imaginação. Por isso, talvez seja o caso de se pensar em transformar o “de dentro” da sala de aula em “de fora” da leitura. (p. 53-54).

Entre a literatura e a escola deve existir um trabalho contínuo de interação e produção do saber, que possa fortalecer a capacidade de difusão do conhecimento através da leitura, reforçando valores e criando realidades possíveis para cada leitor. Isso ocorre porque a literatura é também um meio educativo, de interação de saberes, vivências e identidades, que podem começar na infância, mas não apenas nela e continuar por toda a vida, com possibilidades inesgotáveis de interpretações.

Nesse ponto, o papel do professor como mediador da aprendizagem, torna-se imprescindível. É através da figura do professor que o aluno recebe, na maioria das vezes, as primeiras lições de literatura, o primeiro contato com o encantamento, com o mundo da imaginação, fantasia, personagens, cores, ilustrações, enfim, com o mundo do conhecimento letrado. A literatura contada pelo adulto fica guardada, servindo de base para as experiências da infância, da adolescência, fortalecendo laços que permitem a autonomia do leitor. Segundo Lajolo (2000):

O professor de Português deve estar familiarizado com uma leitura bastante extensa de literatura, particularmente da brasileira, da portuguesa e da africana de expressão portuguesa. Frequentador assíduo dos clássicos, sua opção pelos contemporâneos, pelas crônicas curtas ou pelos textos infantis deve ser, quando for o caso, mera *preferência*. Em outras palavras: o professor de Português pode não gostar de Camões nem Machado de Assis. Mas precisa conhecê-los, entendê-los e ser capaz de explicá-los. (pp. 21-22)

No ambiente escolar o professor pode e deve assumir um papel atuante na veiculação da leitura para os seus educandos, sobretudo da leitura literária. Pode se transformar, inicialmente em um contador de histórias e para isso, é preciso poder de persuasão, entonação, convencimento. Tem que ser antes de qualquer coisa, um professor leitor. E para esse contato com a literatura, qualquer local serve para estimular a imaginação e o gosto pela leitura, até mesmo a sala de aula, uma vez que o próprio texto literário se torna atrativo. Qualquer local pode servir de cenário para as primeiras aproximações com a Literatura Infanto Juvenil ou Infantil, possibilitando a interação leitor-texto e exercitando a capacidade de ouvir para recomendar e, posteriormente ler para comentar. Segundo Perrone e Lara (2001):

Como é gostoso e importante para a formação da criança ouvir histórias. Ao contá-las instigamos a curiosidade e o desejo de “quero mais”, expresso pelas crianças no “conta outra vez”. São esses sentimentos que nos movem para conhecer e aprender as coisas que estão no mundo, e, sabendo as registradas em livros, certamente iremos recorrer a eles, nos tornando, assim, leitores por desejo e motivação. (p.123)

Observa-se nas escolas de modo geral, uma crescente preocupação com questões que envolvem a leitura. Na maioria das vezes, os alunos, principalmente no Ensino Fundamental II, quando já deveriam ter uma capacidade de compreensão maior, apresentam sérias dificuldades em ler e compreender e ainda, em produzir e compreender a própria produção. Cenário preocupante, o que torna a necessidade de formar leitores proficientes e autônomos, cada vez mais urgente. Por isso, faz-se necessário introduzir as primeiras noções de leitura e literatura, ainda na infância, tendo continuidade nas demais etapas ou ciclos, priorizando o desenvolvimento do senso crítico e instaurando a noção de leitura também por prazer. Essa noção de leitura prazerosa, no entanto é primordial e precisa ser percebida e trabalhada pelo professor, o qual estabelecerá a prática leitora como algo real, que exige dedicação e esforço.

Nesse processo, o mais importante é incentivar a leitura, sabendo-se que não basta ler, mas é preciso também criar bons hábitos, incentivando o gosto pela leitura. Esse gosto não surge de um momento para o outro, é algo que prescinde de um árduo trabalho de formação e base leitora, pautada nas experiências do aluno, bem como do seu conhecimento prévio. Nesse sentido é que o texto literário pode tornar-se um excelente material de incentivo e construção de saberes, uma vez que seu conteúdo e seus temas têm a capacidade de transportar o leitor para mundos diferentes. Logo, vivências diferentes e enriquecedoras, tanto

linguísticas quanto de pensamento, as quais têm papel preponderante na formação dos leitores.

Por isso é possível perceber que os textos que formam a literatura são mais ricos em detalhes, bem como em aspectos linguísticos, possibilidades de múltiplas interpretações (polissemia), aspectos relacionados à vida social, com opiniões, personagens, caricaturas, arquétipos, entre outros, possibilitando assim, uma leitura mais profunda, conhecimentos prévios, aprimoramento das competências do leitor, a fim de que compreenda o texto.

A escolha das obras para leitura pode perpassar por discursos teóricos fora do ambiente escolar, mas também deve compreender o nível e o gosto dos educandos, bem como a faixa etária, a fim de que se possa realizar um trabalho de comunicação produtivo, que valorize cada obra e autor, trazendo algo novo à realidade de cada leitor.

Nesse sentido, ensinar pelo exemplo é um dos caminhos possíveis. Entretanto, sabe-se que professores leitores, nem sempre conseguem conduzir ou formar alunos leitores. É necessário levar em conta também que devido a inúmeras situações sociais e econômicas, nem todos os professores são leitores e formadores de leitores de fato, que sejam capazes de oferecer aos alunos uma variedade de obras literárias, tendo como ponto de partida as suas próprias experiências de leitura enquanto formadores de leitores críticos. A partir dessas obras literárias o aluno poderá ampliar o seu repertório de leituras significativas, democratizando o livro e o texto literário para todos os públicos e preferências.

### **1.5. Leitura e escrita na sala de aula**

A leitura é uma prática social que vem perdendo espaço ao longo dos anos, e isso se constitui em um dos grandes problemas da escola pública brasileira. Se o aluno apenas decodifica os sinais, mas não assume um papel atuante na busca dos significados do que lê, tudo o mais se torna sem sentido, sobretudo no que concerne ao domínio da leitura para além das linhas do texto. Partindo desse pressuposto, percebe-se que é imprescindível investir na leitura, mais do que nos conhecimentos gramaticais previstos para cada ciclo. Portanto, faz-se necessário investir na formação de cidadãos leitores e escritores, competentes e autônomos, fazendo-os perceber a importância da leitura como essencial na vida cidadã.

Assim, na escola, é preciso fazer com que os alunos aprendam a escrever de fato, percebendo que é possível pesquisar em outros textos, ler materiais que sirvam de base para aquisição de novos conhecimentos, sem copiar o que outra pessoa já escreveu e se apropriar desse conhecimento. Na maioria das vezes, a produção escolar se torna cansativa e repetitiva, pois faltam leituras que possam alicerçar a produção. Logo, é necessário que o

professor ensine aos alunos que a leitura é importante e é ela que vai trazer embasamento teórico para as atividades de produção.

Quando a pessoa escreve, coloca em ação uma série de conhecimentos que se articulam para formar um todo que é o texto propriamente dito. Quem escreve tem a obrigação de fazer a leitura do próprio texto, na maioria das vezes há um descaso com essa tarefa e o aluno deixa de ser o primeiro a revisar a sua produção assumindo o papel de leitor prévio e perceber quais aspectos precisam ser melhorados, antes de entregar ao professor.

Na sala de aula a leitura deve ser tratada e encarada como conteúdo de ensino. Logo, exige estratégias que motivem os educandos, fazendo com que aprendam de fato e descubram a verdadeira importância dessa prática em suas vidas. Caso contrário, as aulas de leitura acabam se tornando algo medíocre e até sem sentido do ponto de vista do aluno, o qual acaba procurando outros atrativos oferecidos pelo mundo moderno, como vídeo game, televisão, redes sociais. Zilberman e Lajolo (1993) afirmam que:

As relações da escola com a vida são, portanto, de contrariedade: ela nega o social, para introduzir, em seu lugar, o normativo (o dever-se substituindo o fato real). Inverte o processo verdadeiro com que o indivíduo vivencia o mundo, de modo que não são discutidos, nem questionados, os conflitos que persistem no plano coletivo. (p.19)

A falta do hábito da leitura, muitas vezes tem sido encarada como uma das causas do fracasso escolar, uma vez que todas as áreas necessitam de leitura e compreensão para que alcancem seus objetivos. Mas não apenas do escolar, como também do fracasso do cidadão por não dominar as regras de letramento no convívio social, sendo atribuída à escola a responsabilidade principal pela formação de cidadãos críticos e reflexivos.

Desse modo, introduzir a leitura dentro da sala de aula faz-se cada vez mais urgente, para que a literatura infantil seja de fato resgatada, recuperando de forma significativa a interação do aluno com o mundo da ficção, fantasia e imaginação, proporcionando ainda aquisição de novos saberes e desenvolvimento dos comportamentos leitores essenciais na vida do indivíduo. Acerca disso, Abramovich (1997) afirma que:

O OUVIR HISTÓRIAS PODE ESTIMULAR o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto! No princípio não era o verbo? Então...  
E mesmo as crianças maiores, que já sabem ler, também podem sentir grande prazer no ouvir...  
Afinal, não ouvem discos, não escutam rádio (sem nenhuma imagem)?! (p.23)

Quando uma pessoa lê, passa a viver experiências transformadoras, pois a mente tem várias funções, entre elas a memória, a atenção, a sensibilidade e os diferentes tipos de raciocínio. Com tantos processos mentais sendo colocados em prática, torna-se quase impossível não interagir positivamente com as informações do mundo em que vivemos, uma vez que são informações diversas, de gêneros variados e com objetivos e funções distintas.

Um dos grandes desafios da escola reside na leitura e na escrita, de modo geral. Por isso, a maior responsabilidade nesse sentido, está ainda a cargo do professor de Língua Portuguesa, uma vez que precisa despertar nos alunos o gosto pela leitura, o senso crítico, e, sobretudo uma visão de mundo, através de atividades de leitura e escrita, permanentes e contínuas. Tornar os alunos leitores competentes, capazes de selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender às suas necessidades, conseguindo estabelecer as estratégias adequadas para abordar tais textos, não é tarefa fácil, mas é necessária. Conforme Santos; Souza (2004):

Assim, se a prática de leituras diversas é importante para a formação do leitor, se os materiais de leitura utilizados na escola não propiciam a relação intertextual leitor/obra, se as crianças raramente têm oportunidade de ler o texto estético, [...] se os professores responsáveis pela intermediação criança/livro não tiveram formação para o ensino da leitura e da literatura, [...] como ensinar leitura e literatura? Como estabelecer na escola a escolarização adequada da literatura? (p. 84).

Nesse sentido o mundo literário é capaz de oferecer o encantamento e o fascínio necessários ao adentramento dos educandos no mundo da leitura, já nos primeiros anos escolares, não apenas com o auxílio dos materiais escritos, mas utilizando-se também a infinidade de aparatos que a tecnologia pode oferecer.

Logo, é possível afirmar que a leitura é uma prática que deve ser ensinada, aprendida, elaborada. Uma prática que vai além do encontro do leitor com o texto, que ultrapassa barreiras, que preenche a vida com novos significados. A grande maioria dos alunos, ainda não descobriu esse poder que só a leitura pode proporcionar, mas precisa saber na prática que a leitura se faz presente em vários momentos do cotidiano, ressignificar ou não cada linguagem, cada texto e fazer da leitura um estímulo ao raciocínio, desenvolvendo a criatividade e o senso crítico.

O indivíduo precisa desde a infância, desenvolver habilidades de leitura, a fim de que o prazer de ler possa surgir naturalmente através das informações, da fantasia e da imaginação que pode obter. É preciso desmistificar a leitura e a busca do conhecimento como algo inacessível para alguns, tornando-a conteúdo indispensável a qualquer ser humano e um

instrumento adequado à promoção de novas aprendizagens, capaz de informar, de renovar, de deleitar e de provocar mudanças significativas na vida de cada indivíduo. Pois quanto maior a quantidade de informações, maior a capacidade de se adequar às inúmeras situações que se apresentam no dia a dia. Segundo Zilberman (2010):

As pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas. Desde pequenos, somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. Mesmo as crianças que residem longe dos grandes centros urbanos ou são muito pobres, não dispendo, pois, de livros e impressos, conhecem o significado de certas siglas e sabem identificar as figuras e os nomes de personagens, divulgados por meio da propaganda audiovisual, da televisão, das histórias ouvidas e reproduzidas (p.148).

Em geral, os professores utilizam os recursos didáticos disponíveis nas escolas, como livros, apostilas, textos de gêneros diversificados, tentando aproximar os alunos da literatura nas aulas de leitura. Embora, muitos deles utilizem apenas o conteúdo apresentado no livro didático, o que acaba desmotivando os alunos e fazendo com que as aulas de leitura sejam apenas uma parte das aulas de Língua Portuguesa. Não há, na maioria das vezes, aulas de literatura específicas, há aulas de Língua Portuguesa, nas quais se trabalha com os textos disponíveis nos livros didáticos, o que leva a crer na não possibilidade de ampliação dos conhecimentos literários, trabalhando-se apenas trechos, pequenas citações e não a obra na íntegra.

Daí pode-se imaginar que há na maioria das vezes um esforço e um trabalho voltado para a leitura e ainda, uma tentativa de aproximação da literatura, mesmo que seja de forma ínfima, dentro das aulas de Língua Portuguesa. Nesse sentido, o uso da tecnologia pode ser um importante aliado. Atualmente todos fazem uso do computador e do celular, como ferramentas que, se bem direcionadas, muito auxiliarão o professor e o aluno na busca de novos conteúdos e novas estratégias para motivar a aprendizagem. Através do uso da tecnologia em sala de aula, grandes possibilidades de aprendizagem são criadas através da apresentação dos conteúdos de forma lúdica e interativa, despertando a curiosidade dos alunos e também do professor.

Depreende-se assim, que em sala de aula a leitura literária pode contribuir na formação do educando, possibilitando-lhe lidar com as situações de maior complexidade a partir de cada leitura, para enfrentá-las com autonomia, quando surgirem no cotidiano. A leitura literária está assim, associada às situações reais através do trabalho com a leitura dos variados gêneros literários, apresentados em suportes diferentes. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua portuguesa (1997) postulam que:

Os gêneros existem em número quase ilimitado, variando em função da época (epopeia, cartoon), das culturas (haikai, cordel) das finalidades sociais (entreter, informar), de modo que, mesmo que a escola se impusesse a tarefa de tratar de todos, isso não seria possível. Portanto, é preciso priorizar os gêneros que merecerão abordagem mais aprofundada. Sem negar a importância dos textos que respondem a exigências das situações privadas de interlocução, em função dos compromissos de assegurar ao aluno o exercício pleno da cidadania[...]. (p. 24-26).

Portanto, levando-se em conta que a leitura, sobretudo no Ensino Fundamental visa à formação de leitores, deve esta, ser feita através da orientação do professor, tendo em vista objetivos predefinidos para cada texto literário. Nessa fase do conhecimento a escolha literária não deve ser responsabilidade do aluno, muito menos sua livre escolha sem direcionamento prévio, mas sim algo importante que pode ser discutido em conjunto, visando o melhor direcionamento e aproveitamento do acervo literário disponível para cada público, pensando primordialmente na formação do indivíduo, na sua forma de ver e se relacionar com o mundo. Conforme Silva (2002):

Dentre os pré-requisitos aqui apresentados para o ensino e a dinamização da leitura escolar, o trabalho do professor merece maior atenção. Isso porque, sem um professor que, além de se posicionar como um leitor assíduo, crítico e competente, entenda realmente a complexidade do ato de ler, as demais condições para a produção da leitura perderão em validade, potência e efeito. (p. 22).

O essencial na sala de aula é que os educadores tenham um olhar, uma preocupação e um envolvimento maior na formação dos alunos leitores/escritores. Essa tarefa requer professores que se envolvam e que possam transmitir os elementos essenciais para formar leitores. Por isso, é na escola que o conhecimento acontece, uma vez que uma grande parte dos indivíduos não tem acesso à leitura nos demais grupos sociais. Portanto, conforme os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais):

Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura -, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a — aprender



fazendo. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente (p.58).

Portanto, a Literatura é essencial para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita principalmente nos primeiros anos de estudo, momento em que se forma o gosto pela leitura através dos incentivos diários, os quais podem motivar os educandos, fazendo com que se tornem independentes e autônomos em todas as áreas.

### **1.6. Aulas de Literatura**

Numa aula de leitura o principal objetivo do professor, não deve ser jamais, que todos os educandos aprendam igualmente ou respondam do mesmo jeito às questões propostas, mas despertar o gosto pela leitura, de algum gênero textual. Nas aulas de literatura, o professor deve fazer com que o aluno conheça o universo literário através dos autores e textos, bem como despertar e incentivar a leitura literária. Acerca do ensino da literatura Zilberman (2010) diz que:

A escola não elabora um conceito próprio e diferenciado de literatura, responsabilizando-se tão somente pelo aumento do círculo de consumidores da antologia. Seu veículo mais conhecido é o livro didático, que, com suas variações (seleta, apostila, manual de história da literatura, guia de leitura), consiste na antologia da antologia; mas o mesmo se passa com outros instrumentos seus, como as listas de livros cuja leitura antecipada é exigida aos inscritos em algum exame de seleção (Enem, vestibular, Enade, entre as provas associadas diretamente à progressão no âmbito da educação formal) (p. 237).

As aulas de literatura ainda não acontecem de fato, sendo apenas uma parte das aulas de Língua Portuguesa. Por isso, não ocupam espaço privilegiado na escola, sobretudo no ensino Fundamental II. Os textos e autores são trabalhados de forma insuficiente e por isso, não conseguem mostrar a sua importância. Para que não ocorra esse descaso, é preciso resolver problemas no aprendizado da leitura e interpretação. A partir daí, qualquer gênero poderá ser incorporado ao repertório das aulas, respeitando-se o nível de compreensão e a faixa etária dos educandos.

Na maioria das vezes, o que acontece é uma tentativa de trabalhar algumas obras e autores, principalmente nos anos finais do ensino fundamental, não atribuindo à literatura a devida importância nas aulas. Os alunos não conseguem ler por prazer, mas são convidados a ler algum clássico, para depois realizar uma discussão com os colegas, apresentar em forma

de seminário ou mesmo responder a um questionário, o qual para ele não faz muito sentido, ou seja, não há aprendizagem real no que concerne ao conhecimento dos aspectos e características principais da literatura, a fim de poder diferenciar um texto literário de um texto não literário.

A Literatura tem muito a oferecer em todas as idades. Para os mais novos ela traz ensinamentos com valores, condutas, direitos e deveres. Para os maiores o nível de compreensão já traz elementos contidos nas entrelinhas do texto, verossimilhança, aspectos que podem ou não estar contidos no mundo real. Não é uma tarefa simples, mas cabe aos professores a condução e auxílio necessário, a fim de resolver ou minimizar as dificuldades de aprendizagem, como rever conteúdos, etc. fazendo da sala de aula, espaço de troca e interação. Acerca do aprendizado da leitura, Martins (1998) diz:

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam - aí então estamos aprendendo, procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa (p.17)

Em todo processo de leitura a escolha daquilo que será lido é primordial. Aí se podem incluir gêneros variados, tomando o devido cuidado para não despertar o gosto apenas pelo superficial, em detrimento ao conhecimento mais profundo, que faz com que o aluno enxergue a multiplicidade de sentidos que cercam o texto e acerca dele. Assim, na leitura literária é possível colocar em cena a gama de conhecimentos que todo indivíduo traz, através dos registros de cada leitura anterior, podendo relacionar, refutar, analisar, criticar, comparar, etc.

O ambiente ou o espaço de leitura deve ser levado em consideração quando o assunto é leitura. Nesse sentido a escola é a principal referência para os alunos, mesmo quando o ambiente familiar consegue dar o suporte necessário a essa formação leitora inicial. É justamente no ambiente escolar que o professor poderá treinar e instaurar as primeiras noções de leitura literária e crítica, despertando o interesse dos alunos por gêneros variados e não apenas aqueles que mais chamam a sua atenção, valorizando e construindo a identidade literária dos educandos, através da mediação entre os textos, adequação da linguagem, valores, promovendo a aproximação do leitor com o texto.

Várias são as concepções de leitura e entre elas encontra-se a fruição, a qual pode desencadear no leitor o prazer por aquilo que está lendo, despertando um interesse maior em investigar a leitura para além das linhas do texto, de modo a interpretar cada detalhe da leitura com entusiasmo. No Ensino Fundamental os alunos têm essa iniciação e geralmente esse encontro com a leitura acontece de forma mais fácil e agradável, a fim de que os alunos

consigam com tranquilidade decifrar e entender os primeiros textos. Mais tarde, porém, é preciso ir variando e inserindo novas propostas de leitura para que o aluno aos poucos, vá conhecendo e se familiarizando com o mundo literário.

As novas possibilidades passam a ser novidade e vão sendo aceitas de forma prazerosa, à medida que o aluno vai se desenvolvendo, desenvolvendo a linguagem, aprendendo a ler nas linhas e nas entrelinhas. Aos poucos o aluno poderá tornar-se um leitor crítico, em meio à polissemia presente nos textos lidos.

Quando o assunto é Literatura em sala de aula, muitos professores confundem com as atividades de leitura realizadas rotineiramente, sem muita importância. Outros se limitam ao ensino tradicional, citando alguns autores, obras e períodos nas aulas de Língua Portuguesa. Não há um lugar real para a literatura no ensino fundamental na maioria das escolas, é apenas um complemento e não algo a ser trabalhado com a sua real importância.

Portanto, o que se percebe é que no Ensino Fundamental o ensino da literatura ainda não existe de fato, uma vez que ainda privilegia a gramática e a literatura acaba ficando em segundo plano, baseada nos trechos trazidos pelos livros didáticos. Assim, geralmente os textos não são analisados ou discutidos em sua totalidade, para exercerem a função de ponte entre a realidade e a ficção ou entre as várias formas de se discutir um texto.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997), se a principal função da educação escolar é promover a formação de indivíduos pensantes, capazes de ler e compreender os diferentes tipos de textos que circulam socialmente, podendo analisá-los e criticá-los no ambiente escolar e na vida social em geral, é importante também que essa leitura tenha importância para o aluno, fazendo parte da vida de forma efetiva. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997):

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura – que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura (p.58).

Entretanto, faz-se necessário pensar no poder transformador que a leitura literária tem no ambiente escolar e mesmo fora dele, a qual oferece ao professor infinitas possibilidades de leitura e produção, permitindo pensar e repensar as formas de condução do ensino da Língua Portuguesa, partindo do pressuposto de que ao ler o leitor jamais será o mesmo, ou seja, sempre se aprende com a leitura, sobretudo porque lendo o indivíduo entra em contato com universos diferentes, permitindo-se fazer associações com o mundo real, com períodos, personagens e momentos da história, entre outros.

Faz-se necessário redimensionar o olhar para o ensino da Literatura em sala de aula, sobretudo na inserção das leituras literárias adequadas para cada faixa etária, a fim de que os alunos se apropriem de uma linguagem que auxiliará no desenvolvimento de competências e habilidades essenciais para a leitura e escrita. O importante é reconhecer que é essencial estudar literatura no ensino fundamental e não apenas ler alguns trechos de fácil compreensão para o aluno, sem dar o devido valor. Como afirma Kleiman (1995):

[...] a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes. (p. 20)

Ler para aprender é imprescindível. Logo, o ideal é ler bons modelos textuais, os quais poderão cumprir uma dupla função: exercitar a linguagem e trazer novos conhecimentos para o leitor, incrementando assim, a relação leitor-texto. Essa relação é fundamental para qualquer componente curricular da escola, fazendo das aulas de Literatura fundamentais ao desenvolvimento dos educandos, uma vez que apresentam uma infinidade de gêneros, autores, movimentos literários, bem como detalhes contidos nas linhas do texto que fazem de uma boa aula, a melhor e mais interessante. Aí reside a responsabilidade do professor: conduzir os alunos de forma produtiva e prazerosa ao universo desconhecido, através da leitura, mostrando as funções da linguagem.

### **1.7. Leitura e escrita e rendimento escolar**

O trabalho com a leitura deve ser entendido como um processo contínuo e significativo, no qual a compreensão textual é fator preponderante na interação leitor texto. Logo as atividades que envolvem a leitura e a escrita devem ser o resultado de um trabalho que vise o aprimoramento das competências que o aluno já possui e aquisição de conhecimentos. Nesse sentido é importante desenvolver estratégias variadas tanto para o desenvolvimento da escrita quanto para o desenvolvimento da linguagem oral.

Os subsídios para o desenvolvimento de uma boa escrita são dados pela leitura. Daí a importância de se investir em atividades de leitura permanentes, que possam colaborar para essa escrita. O mais importante é perceber que leitura e escrita são práticas que se complementam na construção de conhecimentos, bem como na construção de relações entre

leitor e escritor. Entretanto, isso não significa necessariamente que aquele que lê muito irá escrever bem, uma vez que é necessário o domínio de técnicas distintas, colocando em prática os comportamentos do escritor.

O rendimento escolar depende de muitos fatores, além da leitura e escrita, como motivação e interesse em aprender e mesmo, os incentivos de um ambiente propício à aprendizagem. Entretanto, ler e escrever continuam sendo condições primordiais para que o rendimento escolar de fato, aconteça. Quando o aluno não domina os requisitos básicos concernentes à leitura e escrita, apresenta inúmeras dificuldades de aprendizagem, sobretudo porque a aprendizagem de modo geral, depende da leitura, compreensão e consequentemente de algum relato escrito. Segundo Silva (2002):

A leitura ocupa, sem dúvida um espaço privilegiado não só no ensino da língua portuguesa, mas também no de todas as disciplinas acadêmicas que objetivam a transmissão de cultura e de valores para as novas gerações. Isso porque a escola é, hoje e desde há muito tempo, a principal instituição responsável pela preparação de pessoas para o adentramento e a participação no mundo da escrita utilizando-se primordialmente de registros verbais escritos (textos) em suas práticas de criação e recriação de conhecimento. (p. 16).

Logo, a prática da leitura em sala de aula deve estar sempre alicerçada em autores, gêneros textuais variados e condizentes com a faixa etária dos educandos, estratégias e dinâmicas diversificadas, a fim de trazer para o universo dos alunos aquilo que o leitor pode ter de melhor, prazeroso e instrutivo, principalmente porque o ato de ler apresenta objetivos e modalidades variadas, as quais vão muito além do ato de ler e escrever, ensinando regras, compromissos, sendo atividades instigantes e desafiadoras em todas as idades. Basta que sejam utilizadas as estratégias adequadas aos objetivos propostos. Acerca do desenvolvimento de competências e habilidades de leitura, Silva (2005) diz:

À medida que um bom leitor descobre o significado literal de uma passagem, ele se envolve, em vários passos ou processos suplementares, a saber: 1. faz referência; 2. vê implicações; 3. julga validade, qualidade, eficiência ou adequação das ideias apresentadas; 4. compara os pontos de vista de diferentes autores sobre o mesmo problema; 5. aplica as ideias adquiridas a novas situações; 6. soluciona problemas e integra as ideias lidas com experiências prévias de forma que novas intuições, atitudes racionais e melhores padrões de pensamento e de atividade são adquiridos (p. 20).

Nada mais verdadeiro quando dizem através de um dito popular que “a leitura é o alimento da alma”. Pois através da leitura o indivíduo pode se encher e se saciar de novos conhecimentos, preenchendo lacunas e aprendendo a vivenciar experiências antes desconhecidas. Além disso, quem não lê se torna, de algum modo, vazio de novas informações. E, embora todos saibam que a vida está repleta de variadas experiências, muitas delas vividas fora do mundo letrado, sabe-se também que a vida é o verdadeiro aprendizado. Por isso, quem não lê, não deixa jamais de vivenciar o novo, ou de se sair bem na vida em sociedade. Porém, não possui os conhecimentos e as experiências teóricas adquiridas através do ato de ler.

Atualmente as pessoas se deparam com uma grande variedade de informações que chegam a todo momento, provenientes dos mais diversos e inusitados meios de comunicação, os quais foram criados com a finalidade de trazer benefícios para a sociedade, facilitando a vida das pessoas com o novo e tornando o conhecimento cada vez mais acessível a todos. Entretanto, esse mesmo progresso que facilita a vida em geral, também acaba entrando em conflito com a necessidade de leitura que todas as pessoas têm, sobretudo crianças e jovens. O mundo tecnológico é por vezes, mais encantador e fascinante, trazendo novidades e facilidades de leitura e interpretação que o mundo da escrita nem sempre tem. Logo, o computador, o celular, a televisão e os jogos eletrônicos, por exemplo, ainda ganham destaque na preferência do público jovem.

Desse modo, torna-se cada vez mais difícil contribuir para a formação de leitores de forma eficaz. Em meio a tantos atrativos, faz-se necessário que o professor conheça, se aproprie e utilize de forma eficaz os meios existentes no mundo literário, a fim de conquistar e atrair a atenção do público juvenil, cada vez mais desinteressado pelas atividades de leitura e pelos livros de literatura. Por isso, acredita-se que a criança e o jovem que gosta de ler ou que desenvolve o gosto pela leitura com facilidade, tem ao seu redor, exemplos de adultos leitores, levando-se em conta que a iniciação à leitura e à literatura não precisa necessariamente começar no ambiente escolar, mas em qualquer lugar em que a leitura se faça presente.

## **2. PROBLEMÁTICA**

As atividades de leitura e compreensão de textos podem ser realizadas das mais diversas maneiras, utilizando-se os meios motivacionais apropriados de acordo com os objetivos e estratégias e ainda, de acordo com o público-alvo ao qual se destina cada texto, cada leitura. A leitura é uma atividade de assimilação de conhecimentos. Por isso, exige motivação, interpretação e, principalmente interesse, por parte dos atores envolvidos no processo, aquele que ensina e aquele que aprende.

Logo, é importante ressaltar que mesmo sendo uma atividade individual extremamente importante na sociedade, é possível constatar que grande parte dos alunos do Ensino fundamental chegam ao 6º ano sem os conhecimentos necessários para desenvolverem atividades de leitura, escrita e compreensão de textos com autonomia. Ou seja, são educandos que apresentam inúmeras dificuldades e por isso, não demonstram interesse na maioria das atividades de leitura que o professor desenvolve em sala.

Essa é uma dura realidade nas escolas, onde se percebe a falta de incentivo e acompanhamento de leitura ainda nas séries iniciais e se torna realidade nos ciclos seguintes. Portanto, introduzir hábitos de leitura e tornar a leitura prazerosa é uma das vias para dominar a decodificação, a compreensão, a interpretação e a leitura crítica. Essa é uma necessidade urgente e não pode ser negligenciada.

Quando a pessoa lê e se entrega de fato à leitura tem a oportunidade de viajar em tudo aquilo que o texto tem de melhor. Acontece então, a interação leitor-texto, relação que deve ser dialógica e prazerosa. A leitura possibilita visões de mundo alicerçadas no conhecimento. Porém, é necessário dizer que a vida não se resume apenas à leitura, pois uma pessoa que não detém o conhecimento do mundo letrado também tem experiências pessoais diversificadas e ricas, conhecimento de mundo amplo ou limitado, experiências baseadas em valores, entre outros. Isso é fato. Mas não resta dúvida de que o conhecimento amplia os horizontes da vida humana, a qual não pode viver sob as barreiras impostas pela falta de leitura.

### **2.1. Questão de partida**

As aulas de Literatura Infantil e os hábitos de leitura em alunos do 6.º ano de escolarização podem contribuir para o desenvolvimento das suas habilidades de leitura e escrita?

## **2.2. Objetivos**

### **2.2.1. Objetivo geral**

Averiguar se as aulas de Literatura Infantil e os hábitos de leitura em alunos do 6.º ano de escolarização contribuem para o desenvolvimento das suas habilidades de leitura e escrita.

### **2.2.2. Objetivos específicos**

- Compreender a relação existente entre a Literatura infantil, os hábitos de leitura e o desenvolvimento das suas habilidades de leitura e escrita em educandos do 6º ano;
- Avaliar as contribuições dos hábitos de leitura na melhoria da qualidade do ensino como um dos elementos essenciais à formação do educando.



### 3. METODOLOGIA

#### 3.1. Tipo de pesquisa

Ao definir o tema: **IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA EM ALUNOS DO 6º ANO DE ESCOLARIZAÇÃO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL EM IRARÁ** chegou-se à pergunta de partida: As aulas de Literatura Infantil e os hábitos de leitura em alunos do 6.º ano de escolarização podem contribuir para o desenvolvimento das suas habilidades de leitura e escrita?

A pesquisa é de intervenção ação que exige um envolvimento ativo do pesquisador, bem como por parte de todos os sujeitos envolvidos na ação, a fim de que se chegue aos resultados finais. Por isso é uma pesquisa participativa e colaborativa. Por se tratar de uma pesquisa que exige envolvimento e observação da prática, com vistas a escutar, avaliar e elucidar os vários aspectos de um problema é possível realizar um estudo dinâmico, que conduza mais objetivamente à análise dos resultados.

Lewin (1946) fala em quatro etapas fundamentais do modelo de intervenção ação: Planeamento (que inclui um diagnóstico prévio da situação), Ação (intervenção propriamente dita), Observação (com avaliação final da situação) e Reflexão. O diagnóstico permite o controle do ponto de partida e o planeamento deve identificar os objetivos e ações a desenvolver. Em seguida, implementa-se o plano e na observação deve-se recolher a informação necessária da ação realizada para obter resultados e fazer a reflexão.

Esse tipo de pesquisa é também chamado de quase experimental, uma vez que necessita de planeamento, interação e faz as coisas acontecerem de acordo com o que foi previamente planeado, para então analisar os resultados. Nesse trabalho é preciso ter clareza a respeito dos aspectos que se pretende pesquisar, como também acerca da pesquisa que está sendo desenvolvida.

O projeto de intervenção ação pode desenvolver-se em inúmeros campos de pesquisa, podendo ser realizado em diversos locais, como bairros, comunidades rurais, escolas, entre outros. Assim, como se trata de uma pesquisa no âmbito educacional, o ambiente principal da pesquisa foi uma escola municipal, na qual se fez um diagnóstico prévio da situação de leitura e de escrita de uma turma de alunos do 6.º ano, a fim de conseguir mais informações sobre os alunos, e a partir daí se traçou um projeto que foi desenvolvido de forma a incentivar e instigar hábitos de leitura durante um período de 3 meses e voltou-se a avaliar tanto a sua competência de leitura como de escrita, comparando-a com os níveis encontrados no início.

### **3.2. Local da pesquisa**

O Município de Irará encontra-se localizado na Microrregião de Feira de Santana, Mesorregião Centro Norte Baiano. Possui uma área 239,44 km<sup>2</sup> e uma população estimada em 27.466 habitantes, segundo dados de 2010/IBGE. Além disso, está centrado numa zona de transição, entre o recôncavo e os tabuleiros semiáridos do Nordeste.

O município é pequeno e está dividido em zona rural e zona urbana, composto pela sede, pela vila de Bento Simões e povoados da Caroba e Largo Velho e por várias comunidades na zona rural. A economia tem sua base na agricultura, sobretudo familiar e ainda o pequeno comércio, o qual emprega apenas uma parte da população, obrigando a maioria dos jovens a migrarem para outras cidades em busca de melhores condições de vida.

A Escola X atende duas modalidades: Ensino Fundamental II que funciona nos turnos matutino e vespertino e EJA II (Educação de Jovens e Adultos) que funciona no turno noturno. Essas modalidades existem na maioria das escolas do município, exigindo organização e planejamento, a fim de que se possa acompanhar o trabalho dos professores e a aprendizagem dos educandos de maneira satisfatória.

A Escola, como poucas no município, apresenta uma estrutura física privilegiada: é ampla e arejada, com salas espaçosas e climatizadas, espaço para atividades extraclasse, área coberta com palco para apresentações, sala de vídeo e quadra de esportes. Além disso, passou por melhorias nos últimos anos, as quais deixaram o ambiente mais atrativo e propício à aprendizagem.

Quanto aos professores, em sua maioria são formados na área em que atuam e têm graduação, especialização ou mestrado. Além disso, há encontros de formação promovidos pela Secretaria Municipal de Educação (SEMEC), quinzenalmente, o que contribui bastante para a formação continuada dos profissionais. A escola conta ainda com porteiros, auxiliares de serviços gerais e auxiliares de secretaria. Como funciona em três turnos é necessários um diretor e três vices para gerir o processo de ensino e aprendizagem.

Os alunos são oriundos da zona urbana e também das comunidades circunvizinhas à escola e apresentam inúmeras dificuldades de aprendizagem. O IDEB da escola vem se mantendo nas últimas medições, mas ainda continua abaixo da média esperada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Os dados de aprovação, reprovação, censo e avaliações externas, como Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), vem revelando que é necessário investir mais em atividades que priorizem o desenvolvimento da leitura, escrita e interpretação de texto. Esse trabalho exige maior planejamento, apoio pedagógico, assessoria direta da Secretaria de Educação em conjunto com a administração municipal.

### **3.3. Sujeitos / Fontes**

A pesquisa foi desenvolvida com alunos do 6º ano do ensino fundamental II da referida unidade escolar, na qual o investigador foi também o professor da turma em cada etapa da intervenção ação. A população alvo foi de aproximadamente 1.250 alunos, selecionando-se para a pesquisa uma turma de alunos do 6º ano com 34 alunos de baixa renda, sendo 13 meninos e 21 meninas, na faixa etária de 10 a 11 anos.

A pesquisa desenvolveu-se durante o primeiro semestre do ano letivo, através de rodas de conversas e oficinas de leitura, bem como acompanhamento das atividades, com o objetivo principal de incrementar as aulas de leitura para os referidos educandos. Tendo-se o cuidado de em cada roda de leitura e oficina, coletar os dados necessários, os quais foram analisados para as conclusões finais da pesquisa.

### **3.4. Instrumentos da coleta de dados**

Para desenvolver esta pesquisa um dos instrumentos utilizados foi a observação em cada etapa, um plano de intervenção de leitura desenvolvido através de oficinas, com a duração de três meses, bem como acompanhamento das aulas, com o objetivo principal de incrementar as aulas de leitura para os referidos educandos.

Para testar as competências leitoras e de escrita dos alunos do grupo, recorreu-se a atividades de compreensão e produção oral e escrita, a partir da leitura de gêneros diversos como contos, crônicas e poemas, bem como visita à biblioteca. Portanto, nesse espaço apresentam-se as atividades que foram desenvolvidas em cada etapa, denominadas de oficinas de leitura e produção, com tempo de duração, bem como os textos selecionados para o desenvolvimento da pesquisa com os sujeitos.

Desse modo, tiveram especial atenção a primeira e a última oficina, as quais foram as provas de leitura e escrita, uma de diagnóstico e a outra de avaliação de competências de leitura dos educandos. A primeira (Oficina I) foi tratada como diagnóstico inicial da proposta de intervenção e serviu de base para as demais atividades, uma vez que foi o registro da escrita de cada sujeito no primeiro momento da intervenção (Escrever textos, integrando os seus elementos numa sequência organizada, usando os elementos e as características do gênero), contendo suas especificidades, competências e habilidades, acompanhada do registro de como aconteceu a oralidade (Ler com entonação e articulação corretas) e compreensão leitora (Compreender o que leu, fazendo inferências através da intertextualidade). A última (Oficina X) conteve um registro semelhante ao da primeira avaliação de escrita, oralidade e compreensão leitora, utilizando-se outro texto literário, foi a

prova de avaliação final, resultado da proposta de intervenção, a qual verificou os resultados da aplicação do projeto para análise e discussão.

Os materiais para cada etapa foram selecionados levando-se em conta a faixa etária do público-alvo e os objetivos da pesquisa. Alguns contos são: **A menina dos fósforos, O compadre da morte, A sopa de pedras, A panela que cozia sem fogo, O pássaro sob o chapéu**, as crônicas são: **O assalto e A estranha passageira** e ainda poemas como: **Amor é um fogo que arde sem se ver Soneto (11) e Poema de um amigo aprendiz**. (Ver anexo, pág. 96 - 119)

### **Oficina I – Sensibilização literária**

- ✓ Duração: 2 aulas
- ✓ Material: Textos impressos: A menina dos fósforos, O compadre da morte, A sopa de pedras, A panela que cozia sem fogo, O pássaro sob o chapéu
- ✓ Objetivo: Sensibilizar a turma para a importância da leitura.

No primeiro momento cada aluno recebeu um texto apenas, aleatoriamente em forma de carta, acompanhados de um chocolate. Após abrirem os envelopes, cada um procedeu à leitura do texto que recebeu para a turma, formando grupos com os colegas que ficaram com os mesmos textos. Em grupos eles discutiram os principais aspectos do conto para em seguida, recontá-lo oralmente para a turma.

Para finalizar eles produziram individualmente, uma versão para o conto que acabaram de conhecer, atentando-se para as características do gênero. Foram selecionados alguns textos para a leitura em classe e posterior discussão acerca da atividade.

### **Oficina II– “Quem conta um conto, aumenta um ponto”**

- ✓ Duração: 2 aulas
- ✓ Material: Textos: coleção de contos clássicos de Hans Christian Andersen (livros)
- ✓ Objetivo: Despertar o prazer de ler através da leitura de contos.

Aproveitando-se dos grupos formados durante a Oficina I, os alunos participaram de um sorteio, no qual cada grupo ficou com um conto diferente de Hans Christian Andersen. Em grupos, leram os contos e discutiram os principais pontos do enredo. Na sequência, no tempo estipulado desenvolveram uma maneira de apresentar a história para a turma, podendo ser em forma de jornal, seminário, roda de conversa, etc.

O passo seguinte foi a avaliação da atividade: Quais histórias foram mais interessantes? Gostaram das leituras? Qual história foi melhor contada pelo autor? Etc.

### **Oficina III– Qual o lugar da leitura em sua vida?**

- ✓ Duração: 2 aulas
- ✓ Material: Texto impresso: **Felicidade Clandestina**, áudio do texto na voz de Aracy Balabanian.
- ✓ Objetivo: Refletir acerca da importância da leitura na vida das pessoas.

Nessa etapa, os alunos farão a leitura do conto “**Felicidade Clandestina**” de Clarice Lispector e deverão fazer a leitura acompanhada do áudio do conto, na voz da atriz Aracy Balabanian.

Após a leitura, aconteceu uma roda de conversa acerca do conto lido e os seus principais aspectos: Por que a menina queria tanto ler *Reinações de Narizinho*? E porque a dona do livro não emprestava à colega? Você concorda com a atitude da mãe da menina ao final do **conto**? Que lugar a leitura ocupa em sua vida?

Após a realização da roda de conversa os alunos tiveram a oportunidade de escrever sobre: “**Qual o lugar da leitura em minha vida?**” E também responderam a um questionário de leitura, no qual deixaram claras as suas preferências, bem como a frequência de leitura em suas rotinas. (Apêndice C, p. 123)

### **Oficina IV– Poesia, poema e prosa**

- ✓ Duração: 2 aulas
- ✓ Material: Textos impressos: **A arte de ser feliz** de Cecília Meireles, Soneto de amor total, **Soneto de Fidelidade** e **Amor é fogo**, aparelho de som, música *Garota de Ipanema* de Tom Jobim.
- ✓ Objetivo: Mostrar a diferença entre poesia, poema e prosa.

Nesta etapa, os alunos receberam os poemas para leitura em duplas acompanhados de chocolates. Depois ficaram livres para ler em voz alta e comentar os textos lidos. Em seguida, o professor fez a leitura de um dos poemas também para comentar as leituras feitas e mostrar o ritmo e a entonação adequados quando se lê um poema, diferenciando-o dos demais gêneros.

A roda de leitura seguiu nesse ritmo, a fim de que os alunos percebessem o prazer da leitura através dos poemas, os quais estão presentes em músicas, cordéis, infopoemas etc., podendo falar de temas variados e expressar os sentimentos do eu - lírico. A intenção foi mostrar também a diferença entre poema, poesia e prosa. Por isso, a leitura do texto “A arte de ser feliz”, serviu para que os alunos percebessem que a poesia é ampla, podendo se fazer presente nos mais variados gêneros, enquanto poema e prosa se referem apenas à maneira com a qual cada texto pode ser escrito.

Para finalizar cada aluno produziu o seu próprio poema, com base nos textos lidos, podendo apresentá-lo à turma na roda de leitura. Depois todos tiveram a oportunidade de ouvir a música garota de Ipanema, acompanhando com a letra da música de Tom Jobim.

#### **Oficina V– A leitura literária na era digital**

- ✓ Duração: 2 aulas
- ✓ Material: Textos impressos (os mesmos da etapa anterior), computador.
- ✓ Objetivo: Despertar o gosto pela leitura de gêneros diversos na era digital.

Vivemos cotidianamente cercados pela tecnologia. A grande maioria dos alunos passa horas na frente do computador ou do celular e com isso, os livros bem como outros materiais impressos acabam sendo deixados de lado, por serem menos atrativos, sobretudo para os mais novos.

Portanto, essa etapa serviu para fazer com que o aluno, que já estava inteirado com o mundo tecnológico, aproveitasse os meios de que dispõe para ler, estudar e aprender mais. Na sala de informática a turma foi convidada a visitar sites de leitura e compartilhar textos diversos e prazerosos, inicialmente sob orientação do professor, depois de forma livre.

De volta à sala de aula, foram instigados a comentar as suas descobertas e expectativas e ainda, avaliar esse momento de leitura em grupo.

#### **Oficina VI – O conto e a crônica**

- ✓ Duração: 2 aulas
- ✓ Material: textos impressos da etapa de sensibilização: A menina dos fósforos, O compadre da morte, A sopa de pedras e as crônicas: O assalto, Negócio de Ocasão e A estranha passageira.
- ✓ Objetivo: Reconhecer as principais características do **conto** e da crônica.

Nesta etapa os alunos aprenderam um pouco mais sobre o Tipo narrativo, relembrando as características do gênero conto e comparando-as com o gênero crônica. Para isso, receberam cópias de alguns contos da primeira etapa: A menina dos fósforos, O compadre da morte, A sopa de pedras e as crônicas: O assalto e A estranha passageira.

Com os textos em mãos e organizados em duplas, escolheram um conto e uma crônica e destacaram os pontos principais das histórias, bem como as características de cada gênero. Em seguida, algumas duplas fizeram a leitura oral para a classe, enquanto outras destacaram as características e assim, perceberam o que é um conto e o que é uma crônica.

### **Oficina VII– O que a nossa biblioteca tem?**

- ✓ Duração: 2 aulas
- ✓ Material: livros de contos
- ✓ Objetivo: Ler com descontração

Nesta etapa, os alunos fizeram uma visita à biblioteca da escola, a fim de conhecer o acervo de leituras disponíveis. O professor teve a tarefa de mostrar que existem leituras para os mais diferentes gostos, bem como a importância de estarmos sempre em contato com o mundo literário, com o mundo da escrita.

Os alunos foram incentivados a escolher um livro para ler, de acordo com o seu gosto, o qual começou a ler ainda na aula e em seguida levou para casa, para continuar a leitura, com o objetivo de socializar na próxima oficina.

### **Oficina VIII – Compreensão de texto**

- ✓ Duração: 2 aulas
- ✓ Material: Atividade de **compreensão** com o texto: **A menina dos fósforos.**
- ✓ Objetivo: Retomar um texto lido e compreendê-lo melhor.

Os alunos receberam o texto A menina dos fósforos para a leitura compartilhada. Depois da leitura foi feita a compreensão oral, ressaltando os aspectos mais relevantes do conto. Em seguida receberam as questões de compreensão escrita, a fim de que demonstrassem o que compreenderam relacionando com a realidade atual.

O conto é atemporal. Portanto, esse foi um bom momento de observação tanto da oralidade, quanto da escrita, bem como perceber como se processa a interpretação nas entrelinhas e além das linhas.

Percebeu-se durante a atividade que os educandos ficaram bastante interessados e participativos, a fim de responder as questões sobre o conto, demonstrando que as questões sociais referentes às crianças fazem parte da vida de todos. (Apêndice D, p. 125)

#### **Oficina IX– Revisando a produção**

- ✓ Duração: 2 aulas
- ✓ Material: Textos impressos utilizados na oficina de Sensibilização literária, textos produzidos pelos alunos.
- ✓ Objetivo: Revisar a produção para escrever melhor.

Os alunos receberam de volta, os textos produzidos durante a primeira oficina, com a tarefa de fazer uma nova leitura e sob orientação do professor revisar a primeira produção, sendo alertados para os principais aspectos do gênero textual conto, como enredo, personagens, tempo, espaço, bem como questões de organização textual como margem, parágrafo, pontuação, etc.

Desse modo, com o texto em mãos, os alunos realizaram uma leitura inicial, a fim de identificar aspectos que deveriam ser corrigidos, podendo também listar elementos que achassem essenciais para a melhoria da produção. Vale ressaltar que uma revisão textual tem como objetivo corrigir ou melhorar determinados aspectos, fazendo com que o autor perceba o que é necessário melhorar e não pretender a produção de um texto perfeito.

Em seguida formaram os grupos para escolha dos contos que seriam socializados e decidiram na melhor forma de socializar: em forma de cartaz, datashow, livro, etc.

#### **Oficina X– Partilhando as produções**

- ✓ Duração: 2 aulas
- ✓ Materiais: datashow, microfones, aparelho de som
- ✓ Objetivo: Socializar as aprendizagens.

Nesta etapa, os alunos convidaram algumas turmas para conhecerem as suas produções, as quais foram realizadas durante as oficinas de leitura. Inicialmente, o professor e alguns alunos fizeram a apresentação do trabalho, relatando como aconteceram as oficinas e qual o objetivo principal das mesmas.

Em seguida, os alunos apresentaram os textos produzidos e selecionados pela turma, utilizando-se para isso o datashow, cartazes, livros e mesmo dramatizações de contos.



Após as apresentações os alunos responderam um questionário de leitura, o qual teve o objetivo de coletar a opinião dos alunos acerca das leituras e atividades realizadas durante a pesquisa. (Apêndice E, p. 127)

### **3.5. Procedimentos**

A partir dos objetivos propostos em cada etapa de intervenção foi possível desenvolver um trabalho dinâmico e interativo, visando ao desenvolvimento dos educandos a partir da leitura e compreensão de textos variados e condizentes com a realidade de cada um.

Nesse contexto, trabalhou-se com textos que tratavam de temas da realidade dos sujeitos, como amor, respeito, desigualdade, solidariedade, amizade, a fim de tornar as discussões, bem como produções mais descontraídas e condizentes com a proposta de intervenção, uma vez que o texto literário tem o poder de trazer o mundo real de uma forma diferente e provocar reflexões profundas no leitor, sobretudo para que possa contextualizar o seu próprio modo de viver.

Além disso, a tecnologia se fez presente para mostrar o universo literário a partir de uma perspectiva que vai além dos livros impressos, aos quais os educandos estão mais familiarizados. Sendo a tecnologia companheira inseparável de uma grande parte da população, é interessante mostrar que ela também oferece infinitas possibilidades de conhecimentos, inclusive através dos textos digitais, os quais podem e devem ser inseridos nas aulas de Língua Portuguesa.

Desse modo, a partir da compreensão de uma das funções do professor que é estimular a aquisição e desenvolvimento de novos conhecimentos, sobretudo de forma autônoma, iniciou-se o trabalho no dia 20 de março, numa turma do 6º ano do ensino fundamental II. Nesse primeiro momento, os sujeitos ficaram sabendo da proposta de intervenção, bem como dos objetivos do trabalho e como ocorreria cada etapa, as quais deveriam contar com a importante participação de cada um, conforme Termo de Assentimento (APÊNDICE A, p. 116).

Assim definiu-se que o trabalho de pesquisa teria a duração de aproximadamente três meses, com a realização de 10 (dez) etapas de intervenção. Desse modo, a cada semana foi desenvolvida uma etapa previamente elaborada com gêneros textuais variados e atividades de leitura, visando desenvolver a leitura e escrita dos educandos. As etapas aconteceram em sua maioria, às segundas-feiras sempre nos últimos horários, com exceção da Oficina I, realizada em dois dias, uma quinta (30.03) e uma sexta-feira (31.03) e a Oficina VI que foi realizada em uma quarta-feira (dia 03.05). A turma escolhida foi o 6º ano B, com 34 alunos, na faixa etária de 10 a 11 anos, sendo 13 meninos e 21 meninas. Vale ressaltar que

cada etapa foi registrada num diário de bordo, a fim de coletar informações acerca do desenvolvimento de cada atividade. Além disso, em algumas etapas houve registro escrito do desempenho dos educandos, como produções e compreensão de texto, enquanto em outras oficinas houve apenas discussão e relato oral.

#### **4. ANÁLISE DAS OFICINAS DE LEITURA**

##### **Oficina I – Sensibilização literária**

A primeira etapa, **Sensibilização literária**, foi aplicada nos dias 30 e 31 de março com duração de três aulas. Ao entrarem na sala, os alunos encontraram envelopes em suas carteiras, o que despertou a curiosidade da maioria, a fim de saber o que encontrariam dentro de cada carta. Ao todo foram 34 cartas, acompanhadas de chocolates e contendo os seguintes textos: **A menina dos fósforos, O compadre da morte, A sopa de pedras, A panela que cozia sem fogo, O pássaro sob o chapéu.**

O primeiro momento causou certa estranheza, mas também despertou a vontade de descobrir o conteúdo da carta, bem como saber o que aconteceria em seguida. Cada aluno abriu então, o seu envelope e leu silenciosamente o seu conto, conforme instruções da professora. Em seguida, alguns alunos foram selecionados aleatoriamente para ler em voz alta. Nesse momento, todos deveriam ficar atentos, pois seriam formados grupos de acordo com o texto que cada um tivesse em mãos. Em grupos, os alunos tiveram um tempo estimado para observar melhor o seu texto e discutir os principais aspectos do conto (tempo, espaço, personagens, enredo) para apresentar à turma. Todos deveriam participar, a fim de que a observação dos principais aspectos da leitura fosse realizada. Conforme Lerner (2002):

O desafio é formar pessoas desejosas de embrenhar-se em outros mundos possíveis que a literatura oferece, dispostas a identificar-se como semelhante ou a solidarizar-se com o diferente, capazes de apreciar a qualidade literária. Assumir este desafio significa abandonar as atividades mecânicas e desprovidas de sentido, que levem as crianças a distanciar-se da leitura literária por considerá-la uma mera obrigação escolar, significa também incorporar situações em que ler determinados materiais seja imprescindível para o desenvolvimento dos projetos que se estejam levando a cabo, ou - e isto é igualmente importante - que produzam o prazer que é inerente ao contato com textos verdadeiros e valiosos. (p. 28)

Portanto, durante essa apresentação oral, foi possível perceber como eles (os alunos) se comportavam diante da tarefa de ler, não apenas decodificando, usando os recursos disponíveis para a expressão oral, tais como entonação, expressividade, pontuação, gestos, a fim de que a leitura se tornasse dinâmica e atrativa. Percebeu-se nesse momento, a influência do nervosismo próprio da linguagem oral, o que dificultou a leitura realizada por alguns alunos.

Ainda assim, foi um excelente momento de observação, uma vez que possibilitou perceber melhor a relação leitor-texto, bem como as habilidades que os alunos já possuem no que diz respeito à leitura oral. Durante a realização dessa atividade foi possível perceber que:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento (p.23).

Por isso, essa etapa inicial de leitura, serviu para deixar os alunos mais à vontade em relação ao texto que deveriam comentar no grupo, fazendo com que estabelecessem uma relação de interação com o texto lido. Finalizada a tarefa em grupo, cada aluno produziu individualmente a sua própria versão escrita de um dos contos apresentados. Mas antes da produção, foi feita uma revisão das principais características do gênero conto, com o objetivo de mostrar aos alunos os elementos essenciais à produção escrita. A produção individual foi um momento de concentração na turma. Alguns tinham muitas dúvidas em como iniciar o texto, outros queriam começar pelo título ou fazer uma reescrita do texto lido. Mas o foco da observação foi a forma como escreveriam, a margem, ortografia, pontuação, coerência e coesão.

Essa etapa de Sensibilização Literária foi também chamada de Diagnóstico inicial da pesquisa, pois foi a primeira atividade realizada com os educandos, servindo de registro da produção escrita, oralidade e leitura, bem como dos comportamentos dos alunos diante da atividade de leitura. A partir dessa etapa foi possível registrar como estava o domínio da linguagem dos educandos, para aplicar as etapas posteriores.

Portanto, pode-se afirmar que a etapa de produção foi desenvolvida com motivação e expectativa por parte do pesquisador e dos alunos. Após cada leitura, foi possível observar os posicionamentos dos alunos acerca de cada história lida, momento em que expressaram suas percepções e preferências pelos personagens, enredos, autores, bem como o desfecho de cada conto. Nesse aspecto, as histórias de Pedro Malasartes ganharam espaço no imaginário da turma: **“Gostei muito da história da Sopa de pedras, pois Pedro Malasartes foi muito esperto e conseguiu enganar todo mundo”, “A história do Pássaro sob o chapéu é mais engraçada, pois dá pra imaginar a reação do personagem ao descobrir que foi enganado”**. As reações foram diversas, mostrando ao final que os alunos se encantaram e gostaram bastante de cada conto lido e por isso, conseguiram prestar atenção e fazer as devidas observações.

Vale ressaltar que foi necessário orientá-los, a fim de que usassem seus conhecimentos para produzir um novo texto, evitando que reescrevessem os textos lidos pelos grupos. Entretanto, mesmo com as orientações, percebeu-se que muitos não conseguiram produzir com autonomia o seu próprio conto, recorrendo à reescrita de outras histórias conhecidas, como Chapeuzinho Vermelho, Os três porquinhos, etc.

Depois, foram selecionadas algumas versões para serem lidas e apreciadas pela turma, as quais foram comentadas pelos grupos ressaltando seus pontos positivos e negativos. Em relação à escrita, foi possível perceber que muitos apresentaram dificuldades como, pontuação, margem, ortografia, organização das ideias, sequência dos fatos narrados. Outros apresentaram ainda, dificuldades em relação ao início do conto e mesmo à pontuação quando se tem diálogo entre os personagens. Esses aspectos foram observados e registrados, a fim de que fossem solucionados durante os momentos posteriores da pesquisa. Enfim, cada aluno conseguiu produzir um conto, de acordo com os seus conhecimentos prévios e seguindo as orientações da professora.

**Tabela elaborada com base nos descritores da Prova Brasil, para avaliar a leitura inicial dos educandos/sujeitos da pesquisa.**

**Conceitos:**

**Insuficiente (I)**

**Regular (R)**

**Bom (B)**

**Excelente(E)**

**TABELA 01 – DIAGNÓSTICO DE LEITURA INICIAL**

| ALUNO<br>(A) | COMPETÊNCIAS LEITORAS                        |                                              |                                |                                                            |                                           |                                          |                   |
|--------------|----------------------------------------------|----------------------------------------------|--------------------------------|------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|------------------------------------------|-------------------|
|              | PROCEDIMENTOS DE LEITURA                     |                                              |                                |                                                            |                                           |                                          |                   |
|              | Localizar informações explícitas em um texto | Inferir uma informação implícita em um texto | Identificar o tema de um texto | Localizar elementos da narrativa como personagem principal | Estabelecer relação entre partes do texto | Comparar textos que tratam do mesmo tema | Ler com autonomia |
| A            | I                                            | I                                            | R                              | B                                                          | I                                         | R                                        | B                 |
| B            | B                                            | R                                            | R                              | B                                                          | I                                         | R                                        | B                 |
| C            | R                                            | I                                            | R                              | B                                                          | I                                         | R                                        | B                 |
| D            | B                                            | R                                            | B                              | B                                                          | R                                         | R                                        | B                 |
| E            | R                                            | I                                            | R                              | B                                                          | I                                         | R                                        | B                 |
| F            | R                                            | I                                            | R                              | B                                                          | I                                         | R                                        | B                 |
| G            | R                                            | B                                            | B                              | B                                                          | R                                         | B                                        | B                 |
| H            | R                                            | I                                            | R                              | B                                                          | R                                         | R                                        | B                 |
| I            | B                                            | R                                            | B                              | B                                                          | R                                         | R                                        | B                 |
| J            | R                                            | R                                            | R                              | B                                                          | R                                         | B                                        | B                 |
| K            | I                                            | I                                            | R                              | B                                                          | R                                         | B                                        | R                 |
| L            | I                                            | I                                            | R                              | B                                                          | R                                         | R                                        | R                 |
| M            | I                                            | R                                            | R                              | B                                                          | I                                         | R                                        | R                 |
| N            | B                                            | R                                            | B                              | B                                                          | R                                         | B                                        | B                 |

|    |   |   |   |   |   |   |   |
|----|---|---|---|---|---|---|---|
| O  | B | I | R | B | R | B | B |
| P  | B | R | I | B | R | R | R |
| Q  | R | R | I | B | R | R | R |
| R  | B | R | R | B | R | B | B |
| S  | B | R | R | B | R | B | B |
| T  | B | R | R | B | R | R | R |
| U  | E | B | B | B | B | B | B |
| V  | E | B | R | B | B | B | B |
| W  | B | B | R | B | B | B | B |
| X  | B | R | B | B | R | B | B |
| Y  | I | R | B | B | B | B | B |
| Z  | E | B | B | B | B | B | B |
| A1 | I | R | B | B | R | B | B |
| B1 | B | I | R | B | B | R | R |
| C1 | I | I | R | B | I | R | I |
| D1 | I | I | R | B | I | R | I |
| E1 | I | R | B | B | B | B | B |
| F1 | B | R | R | B | I | R | I |
| G1 | B | R | R | B | I | B | I |

**Fonte:** Elaboração própria, 2025.

Os conceitos utilizados foram essenciais para avaliar os conhecimentos prévios dos educandos em relação à expressão oral, bem como seu desempenho e crescimento no decorrer das atividades. Analisando-se esses conceitos foi possível traçar estratégias que pudessem nortear a pesquisa, tanto na oralidade, quanto na escrita, uma vez que a expressão oral, complementa a atividade de produção.

Desse modo, o conceito **Insuficiente (I)** correspondeu ao aluno que mesmo estando nesse ciclo escolar, ainda não possui os conhecimentos básicos necessários, precisando desenvolver habilidades e competências referentes a determinadas atividades.

O conceito **Regular (R)** corresponde ao estudante capaz de localizar informações explícitas em textos narrativos curtos, informativos e anúncios, identificar o tema de um texto, localizar elementos como o personagem principal, estabelecer relação entre partes do texto, necessitando também de atenção e orientação para realizar as tarefas, a fim de que se desenvolva e ganhe autonomia.

O conceito **Bom (B)** fez referência ao aluno que já consegue localizar informações explícitas em contos sem a ajuda do professor, bem como em notícias e reportagens, identificar o assunto principal e a personagem principal em contos e fábulas, inferir características dos personagens, interpretar linguagem verbal e não-verbal, lendo com desenvoltura e autonomia.

Já o conceito **Excelente (E)** se refere ao aluno que já adquiriu os conhecimentos básicos para o ciclo, não necessitando do auxílio do professor na maioria das atividades, uma vez que consegue identificar informações explícitas e implícitas nos textos lidos, identificar o assunto principal e os personagens em contos e demais textos lidos, reconhecer os elementos

da narrativa, a relação de causa e consequência, bem como ler com autonomia, compreender e interpretar.

Desse modo, para melhor analisar a atividade diagnóstica e a atividade final, as quais serviram de base para o resultado da pesquisa, elencou-se sete procedimentos de leitura, os quais nortearam a análise da expressão oral dos educandos nos momentos de leitura e interação, como também, análise dos resultados da produção escrita, levando-se em conta que as atividades foram realizadas nas mesmas oficinas. Ou seja, a atividade oral não é um pretexto, mas a base que subsidiou a produção textual em cada etapa.

Nesse contexto temos os procedimentos dispostos na tabela 01 (diagnóstico), demonstrando como estava o desempenho dos sujeitos. No primeiro procedimento de leitura, **localizar informações explícitas em um texto** percebeu-se que uma parte da turma ainda se encontrava na fase de aprendizado inicial, necessitando de um trabalho contínuo com leituras diversificadas, uma vez que essa é uma tarefa mais simples. Verificou-se nessa primeira atividade que **inferir uma informação implícita** em um texto, também não apareceu como uma tarefa fácil, necessitando de mais treino na leitura e compreensão nas entrelinhas do texto. Nesse procedimento prevaleceram os conceitos I (Insuficiente) e R (Regular).

O terceiro procedimento de leitura foi **identificar o tema de um texto**, tarefa que se confundiu com identificar o título do texto. Por isso, nessa atividade inicial o conceito observado no desempenho dos sujeitos foi R (Regular), demonstrando que o trabalho deveria ser realizado nas oficinas posteriores. Por outro lado, em relação ao procedimento de leitura quatro: **Localizar elementos da narrativa**, observou-se desempenho satisfatório nesse primeiro momento, visto que os educandos demonstraram competências e habilidades em relação a cada questão apresentada, fato que melhorou significativamente ao longo das sessões.

**Estabelecer relação entre partes do texto** foi o quinto procedimento de leitura, o qual também exigiu mais atenção em cada atividade, a fim de que os educandos alcançassem o objetivo, pois uma porcentagem significativa apresentou dificuldades. Em relação ao procedimento seis, **comparar textos que tratam do mesmo tema**, a turma se dividiu: Uma parte apresentou dificuldades, enquanto a outra mostrou maior desenvolvimento. E por fim, **ler com autonomia**. Como se observou na tabela acima, a turma apresentou uma leitura satisfatória, com entonação, pontuação, bem como boa expressão oral. Esses procedimentos foram observados nesse momento inicial (oficina I) e foram avaliados ao final, na oficina X, para comparar os resultados.

## **Oficina II– “Quem conta um conto, aumenta um ponto”**

A segunda etapa com o tema **“Quem conta um conto, aumenta um ponto”** foi realizada no dia 03.04, em duas aulas, com o objetivo principal de despertar o prazer de ler através da leitura de contos. A Oficina teve início com a leitura de um conto pela professora, para assim, despertar os alunos para a tarefa que seria desenvolvida por eles nos grupos.

Nessa etapa, os alunos foram convidados a arrumarem-se nos mesmos grupos da oficina anterior. Em seguida, assim dispostos, participaram de um sorteio de contos e receberam cada grupo um conto de Hans Christian Andersen. Em grupos, fizeram a leitura e analisaram os principais pontos do enredo de cada história, bem como se gostaram ou não da história e se dariam o mesmo desfecho. Deveriam pensar em uma forma dinâmica e criativa para apresentar a tarefa à turma.

Durante a realização da atividade foi imprescindível observar como os alunos se articularam para realizar a tarefa seguindo as instruções dadas e, principalmente como se empenharam em apresentar oralmente, distribuindo as tarefas entre todos do grupo. Percebeu-se que os mais desinibidos conseguiam se expressar melhor, enquanto outros apresentaram dificuldades na oralidade. Conforme Lerner (2002):

O desafio é formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam “decifrar” o sistema de escrita. É – já o disse – formar leitores que saberão escolher o material escrito adequado para buscar a solução de problemas que devem enfrentar e não alunos capazes apenas de oralizar um texto selecionado por outro. (p. 27)

Percebeu-se nesse momento interativo uma maior participação da turma, bem como envolvimento e concentração. Todos ficaram atentos ao conto recebido pelo grupo e conseguiram se articular, a fim de tirar dúvidas sobre o conto e mesmo, sobre como poderiam apresentá-lo aos colegas. Como cada grupo recebeu uma história diferente, aconteceu entre os grupos uma espécie de competição, a fim de mostrar qual foi a melhor história e qual grupo se expressou melhor. Sempre que uma dúvida em relação ao conto surgia, os alunos chamavam o professor pesquisador, mostrando interesse em apresentar cada detalhe do conto, bem como entender como o autor desenvolveu a trama.

Desse modo, essa atividade serviu para verificar diversos aspectos da leitura, bem como oralidade, compreensão, inter-relação com outras leituras, capacidade de síntese e ainda, valorização das experiências do outro no processo ensino aprendizagem. Notou-se também que a turma participou ativamente da atividade demonstrando conhecimentos prévios e leitura de mundo. Essa interação mostrou que as atividades de leitura em grupo são



essenciais para o desenvolvimento de habilidades e estratégias de leitura, sobretudo no que concerne à leitura para o outro, de forma que haja apreciação, respeito e concentração.

Após o momento de preparação, leitura e orientação, os alunos fizeram as apresentações oralmente. Os contos foram: **As roupas novas do imperador, João Bobo, O Baú voador, O Rouxinol do imperador, Você agiu bem, meu marido, O tratador de porcos e O Soldadinho de chumbo**. Cada conto traz um enredo diferente e cativante, uma vez que são histórias que trazem ensinamentos e valores, como amizade, respeito, liberdade, entre outros ensinamentos que devem estar presentes no cotidiano de cada indivíduo. Segundo Zilberman (2010);

Andersen sabia que o ingrediente principal das histórias era a magia, elemento indispensável, sem o que a narrativa perderia interesse. Porém, evitou atribuí-la a uma personagem secundária, o auxiliar mágico, responsável, no conto de fadas tradicional, pela segurança do herói e pelo sucesso de suas ações [...] (p. 142).

O passo seguinte foi a realização de uma roda de avaliação oral, na qual os alunos puderam expor suas impressões acerca da atividade realizada, inclusive demonstrando se gostaram ou não: Percebeu-se nesse momento que por serem alunos mais novos, faixa etária entre (10 e 11 anos), os contos foram bastante atrativos e condizentes com a realidade deles, embora a maioria não tenha ainda desenvolvido o hábito de ler ou de ouvir textos do gênero. Notou-se também que houve um despertar do imaginário, talvez adormecido ou esquecido em meio a tantos aparatos tecnológicos do mundo contemporâneo, o qual oferece inúmeras possibilidades de interação e, ao mesmo tempo opções limitadas de interação leitor-texto, sobretudo para aqueles que têm acesso restrito à tecnologia.

Portanto, através dessa atividade foi possível perceber alguns gostos, possibilidades de trabalhar o texto literário, bem como despertar o gosto pela leitura. **Quais histórias foram mais interessantes? Gostaram das leituras? Em qual conto o autor se expressou melhor?** Essa atividade foi desenvolvida com muita descontração e entusiasmo, uma vez que contou com a participação de todos os educandos, em maior ou menor atuação. Vale salientar, que foi possível observar o desenvolvimento, bem como interesse e desenvoltura de cada grupo durante a realização da tarefa de leitura, compreensão e oralidade.

### **Oficina III– Qual o lugar da leitura em sua vida?**

A terceira etapa, aplicada no dia 10.04, com a duração de duas aulas e teve como objetivo principal refletir acerca da importância da leitura na vida das pessoas, principalmente

na vida dos alunos do 6º ano.

Nessa etapa, os alunos fizeram a leitura do conto “**Felicidade Clandestina**” de Clarice Lispector. Inicialmente receberam o conto, mas não deveriam ler silenciosamente, pois seria realizada uma leitura com acompanhamento do áudio do texto, na voz da atriz Aracy Balabanian. A leitura aconteceu com grande expectativa e atenção, pois ouvir o conto na voz de uma pessoa que não está na sala de aula, fez toda diferença para a turma. Segundo eles, foi “***mais interessante, diferente das leituras geralmente feitas pelo professor ou por eles mesmos***”. A voz da atriz ouvida no áudio conseguiu chamar a atenção dos alunos, que pediram para ouvir uma segunda vez e assim se concentraram ainda mais, prestando atenção em cada detalhe do enredo. Nesse sentido Lajolo (1994) nos diz:

Assim, atingir esse leitorado (público consumidor?) infantil ou juvenil que a escola se incumba de arregimentar, reunir e homogeneizar em torno de uma categoria qualquer (pré-leitores ou pré-adolescentes, quinta série ou segundo grau), supõe, a decisão sobre o que é melhor, mais adequado, mais desejável, mais indicado para este ou aquele contingente de jovens, acidental ou circunstancialmente sob nossa influência e responsabilidade (p. 37)

Desse modo, após a leitura aconteceu uma roda de conversa acerca do conto **Felicidade Clandestina** e os seus principais aspectos como: O que representava ter um pai dono de livreria? Por que a menina queria tanto ler **Reinações de Narizinho**? E porque a dona do livro não emprestava à colega? Você concorda com a atitude da mãe da menina ao final do conto? Qual o lugar que a leitura ocupa em sua vida?

Nesse momento percebeu-se que a turma ficou agitada, uma vez que todos queriam se expressar oralmente, a fim de expor suas impressões e mostrar o quanto estavam atentos. Segundo eles, “*Ter um pai dono de livreria era bom, mas a filha não dava o devido valor*”. “*A menina queria muito ler o livro, pois já tinha ouvido outras histórias do Sítio do Pica-pau amarelo*.” Outros disseram ainda, que “*A menina não sabia o valor que os livros têm, pois não gostava de ler ou não tinha o incentivo dos pais para ler, mesmo tendo a oportunidade de ler o que quisesse*.” Além disso, “*podia ter todos os livros que desejasse*”. Logo, “*torturar a colega era algo que lhe dava prazer, muito mais do que o prazer de ler*”. “*A leitura não fazia parte da rotina da menina, por isso ela não se interessava*”. Segundo Lerner (2002):

Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da leitura escrita... (p. 73).

Após a realização da roda de conversa os alunos escreveram um pouco acerca do tema: **“Qual o lugar da leitura em minha vida?”** Essa tarefa escrita foi apenas a síntese da discussão oral na roda de conversa e os alunos falaram livremente sobre a importância da leitura, mostrando se têm ou não esse hábito incorporado em sua rotina de estudante. Notou-se nessa atividade o quão importante é a leitura para o desenvolvimento dos educandos, numa relação que deve ser de interação, mas que ainda não se faz presente de forma efetiva na rotina de grande parte deles. Logo, muitos demonstraram em suas falas que a leitura *“é muito importante”, “é o que nos faz aprender coisas novas durante as aulas,” “gosto de ler, porque aprendo sempre mais e desperto a imaginação para outras atividades”*. Relataram ainda que *“faz parte do crescimento pessoal, mas só têm contato com atividades de leitura no âmbito escolar, pois fora dele as oportunidades de leituras são limitadas ou inexistentes”*. Alguns admitiram não gostar muito de ler, preferindo jogos no computador ou no celular, por exemplo, e que têm dificuldades nas atividades que exigem leitura e compreensão.

Desse modo, para melhor contextualizar essa atividade acerca da importância da leitura, os alunos responderam a algumas questões objetivas e subjetivas, um questionário sobre hábitos de leitura, (APÊNDICE E, p 121), a fim de sistematizar a discussão, servindo de base para as demais atividades sobre leitura. Esse questionário serviu para investigar a rotina dos educandos, bem como hábitos de leitura, opiniões e preferências, as quais puderam enriquecer e subsidiar a pesquisa, servindo de parâmetro para os resultados posteriores.

Analisando-se cada questão, foi possível traçar um perfil da turma em relação às experiências. Nas duas primeiras questões, constatou-se que a maioria dos alunos possui livros e revistas em casa, fato positivo, visto que, por vezes, muitos educandos têm contato com esses recursos, apenas no ambiente escolar. Verificou-se também, que poucos têm contato com jornais impressos, mas tem acesso à internet, o que comprova que a maioria dispõe de meios para estudar, ler e fazer pesquisas, sobretudo escolares. Sendo assim, pode-se dizer que ter acesso a livros, revistas e internet em casa, é essencial para o complemento das atividades extraclasse, mas necessita de incentivo, motivação e direcionamento.

Na questão 05 (cinco) **“Você gosta de ler?”** observa-se o seguinte resultado: Cerca de 70% da turma afirmou que **“sim”** e apenas uma pequena porcentagem, respondeu **“às vezes”**. Percebeu-se que os educandos que gostam de ler, têm maior aptidão para compreender, interpretar e se expressar oralmente, concluindo cada leitura até o final, uma vez que não apresentam dificuldades. Por outro lado, constatou-se também, que os alunos que não gostam de ler, apresentam maiores dificuldades em compreensão e costumam interromper a leitura ainda no início.

A questão 08 (oito) traz a seguinte informação: **Qual livro você mais gostou de ter lido até hoje?** As respostas foram variadas e condizentes com a faixa etária (10 a 11anos) e as experiências dos educandos, como: “O caneco de prata”. “Os três jacarés”, “O diário de um banana”, “A Bíblia”, “O Pequeno Príncipe”, “O amor do soldado”, “Mamãe e eu”, “Um assassinato, um mistério e um casamento”, entre outros. O livro mais citado foi “O diário de um banana”, talvez, porque o personagem principal seja um adolescente contando suas aventuras e desventuras. Essas preferências estão de acordo com os temas ou assuntos preferidos da turma: Romance, aventura, fantasia/magia e terror. Todas essas opções e gostos dizem muito sobre o público-alvo dessa pesquisa e serve para nortear qualquer trabalho que vise à formação de leitores competentes e autônomos. Partindo desse pressuposto é possível desenvolver e incentivar o gosto pela leitura.

No que concerne à busca de livros para ler, cerca de 50% da turma costuma buscar livros por iniciativa própria, outros afirmaram escolher apenas pelo título, pela capa, ou mesmo, por indicação de amigos. Às vezes, a indicação difere do gosto pessoal, o que só é possível perceber após iniciar a leitura. E há aqueles que alegaram que fazem as leituras de acordo com a indicação do professor, ou quando surge novidade na biblioteca da escola.

A partir desse questionário de leitura, verificou-se também, que embora alguns tenham afirmado que a leitura não faz parte da rotina diária, grande parte da turma considera suficiente o tempo dedicado às atividades de leitura e compreensão. Fato contraditório, visto que o tempo de folga é empregado em diversas atividades, mas poucos aproveitam para ler.

Acerca da Importância da leitura (questão 16), os educandos demonstraram em suas respostas que ler é essencial para o crescimento e aprendizado de qualquer indivíduo, ocupando lugar de destaque: “Sem leitura nós não somos nada”, “Relaxa minha mente e me deixa calmo”, “Serve para a gente se aprimorar nos estudos”, “O aprendizado fica bem melhor”, “Porque quem não sabe ler, não sabe escrever”, “Quando lemos, estimulamos o nosso cérebro e começamos a escrever corretamente”. Ou seja, muitos já conseguem perceber a importância que a leitura tem e por isso praticam cotidianamente, independente de indicação ou atividade escolar. Contudo, há aqueles que ainda não incorporaram os hábitos de leitura como parte das tarefas de estudo ou aquisição de conhecimentos.

#### **Oficina IV– Poesia, poema e prosa**

A quarta etapa, aplicada no dia 17 de abril, teve a duração de três aulas e teve como objetivo principal mostrar a diferença entre poesia, poema e prosa.

Nesta etapa, os alunos receberam os poemas: **Poema de um amigo aprendiz** (Fernando Pessoa), **O que te faz feliz?** (Arnaldo Antunes), **Amor é fogo que arde sem se**

**ver (soneto 11)** (Luiz Vaz de Camões), **A arte de ser feliz** (Cecília Meireles), a fim de que realizassem a leitura em duplas, previamente selecionadas. Após a leitura silenciosa alguns alunos foram indicados para fazer a leitura oral para a turma. Vale ressaltar que durante as leituras realizadas pelos alunos, os poemas foram apenas lidos, sem a devida interpretação, entonação, pontuação. Mesmo conhecendo o gênero poema, eles ainda não haviam percebido que cada gênero requer um tratamento distinto no momento da expressão oral.

Ainda assim, as leituras dos poemas foram realizadas com entusiasmo e atenção. A cada texto lido eram feitos os devidos comentários e observações pelos alunos e pela professora. Com a leitura de **“Poema de um amigo aprendiz”** comentou-se acerca da importância das amizades nas nossas vidas, que *“um amigo deve ser companheiro”, “nem demais e nem de menos”, “amigo de verdade é para a vida inteira”*. Alguns alunos escolheram os versos que mais gostaram para comentar, mostrando que *“amigos de verdade se ajudam sempre e sabem o momento certo para cada coisa”*, como:

Sem falar, quando for hora de calar.  
E sem calar, quando for hora de falar.  
Nem ausente, nem presente por demais.

Já o poema **“O que te faz feliz?”** foi eficiente na promoção da interação da turma, uma vez que todos gostaram e quiseram comentar. Os comentários foram simples e fizeram com que os alunos fossem transportados para cenas de suas próprias vivências: *“professora eu gosto de pegar fruta diretamente do pé”, “Às vezes estamos tristes, mas se estamos com pessoas que gostamos, a tristeza acaba indo embora, então a pessoa é mais importante do que o lugar”*. *“Gostei do poema, porque fala da nossa vida, fala de coisas simples e ao mesmo tempo bonitas”*.

Nesse momento foi necessário direcionar e escolher quais alunos iriam se expressar oralmente, um de cada vez, pois o poema chamou a atenção de todos e de algum modo refletia a simplicidade e os gostos de cada um.

Afinal o que te faz feliz?  
Chocolate, paixão, dormir cedo, acordar tarde,  
Arroz com feijão, matar a saudade  
O aumento, a casa, o carro que você sempre quis  
Ou são os sonhos que te fazem feliz?

O soneto **Amor é um fogo que arde sem se ver (Soneto 11)** foi declamado pela professora e os alunos puderam acompanhar. Dessa vez não foi simplesmente uma leitura, pois a professora não precisou ler com papel. Essa atitude de declamar tornou o poema interessante e mostrou que poemas devem expressar sentimentos e emoções. Logo, a leitura

expressiva deve ser feita de forma especial, com pontuação, expressão e entonação adequada. A professora reforçou ainda que a beleza desse gênero textual se completa com a atividade de leitura.

A roda de leitura seguiu nesse ritmo, a fim de que os alunos percebessem o prazer da leitura através dos poemas, os quais estão presentes em músicas, cordéis, infopoemas, etc. Reforçou ainda, que podem falar de temas variados e expressar os sentimentos do eu-lírico. A intenção foi mostrar também a diferença entre poema, poesia e prosa. Por isso, a leitura do texto **“A arte de ser feliz”**, serviu para que os alunos percebessem que a poesia é ampla, pois são os sentimentos presentes no texto escrito, podendo se fazer presente nos mais variados gêneros. Enquanto poema e prosa se referem apenas à estrutura textual, maneira pela qual cada texto pode ser escrito.

**“A arte de ser feliz”** por ser um texto poético, escrito em prosa, fez com que os alunos compreendessem exatamente a diferença entre poema e prosa. Assim, puderam dar exemplos que se encaixavam na prosa, como os contos lidos e as crônicas, ressaltando sua estrutura. O texto em prosa é qualquer texto escrito em parágrafos e o texto em poema é todo texto escrito em estrofes e versos. A poesia é assim, o elemento que pode ser percebido em ambas as formas de escrita (poema e prosa). Segundo Zilberman (2010);

A leitura implica aprendizagem se o texto foi aceito como alteridade com a qual um sujeito dialoga e perante a qual se posiciona. A leitura implica aprendizagem quando a subjetividade do sujeito é acatada e quando o leitor, ele mesmo, aceita-se como o eu que perde e ganha sua identidade no confronto com o texto [...] (p. 45).

Em seguida houve a orientação para a produção de um poema, o qual deveria ser individual. A escolha da produção individual tem como objetivo verificar a escrita, compreensão, bem como a aprendizagem do aluno acerca da aula realizada. A produção deveria ser livre, sem muitas interferências e tendo como base os textos lidos. Esse momento foi bastante tranquilo e contou com a atenção e concentração da turma, uma vez que produzir requer atenção e elaboração (Ver ANEXO p. 108 - 113). Percebeu-se que alguns alunos demonstraram uma capacidade maior de imaginação e escrita. Outros, entretanto, necessitaram de mais cuidado e esforço para produzir com autonomia. Vale ressaltar que a partir das leituras dos poemas, observações e explicações acerca de poema, poesia e prosa, os alunos tiveram a oportunidade de produzir e se expressar com mais desenvoltura e familiaridade com a atividade proposta e sempre que surgia uma dúvida, não hesitavam em perguntar.

Após as produções, os alunos receberam a cópia da música “Garota de Ipanema” de Tom Jobim. O poema foi declamado pela professora. E em seguida, os alunos puderam cantar a música acompanhando o áudio. O momento foi interativo e importante para finalizar essa atividade de produção de texto poético. Os poemas produzidos pelos alunos foram recolhidos e serviram para iniciar a etapa seguinte das atividades de leitura.

### **Oficina V– A leitura literária na era digital**

A quinta etapa foi aplicada no dia 24 de abril e teve a duração de duas aulas, com o objetivo principal de despertar o gosto pela leitura de gêneros diversos na era digital, tão familiar aos alunos, uma vez que vivem cotidianamente cercados pela tecnologia. A grande maioria dos alunos passa horas na frente do computador ou do celular e com isso, os livros, bem como outros materiais impressos acabam sendo deixados de lado, por serem menos atrativos, sobretudo para os mais novos.

Portanto, essa etapa serviu para fazer com que o aluno, que já está inteirado com o mundo tecnológico, aproveite os meios de que dispõe para ler, estudar e aprender mais. Na sala de informática a turma precisou se agrupar em quartetos, pois a quantidade de computadores não era suficiente para a atividade individual, esse agrupamento até facilitou a interação entre eles. Em seguida, foram orientados a visitar sites de leitura e compartilhar textos diversos e prazerosos. Inicialmente sob orientação do professor, depois de forma livre. Mas sempre com direcionamento para a leitura de gêneros variados. Conforme Zilberman (2010):

As pessoas aprendem antes de serem alfabetizadas. Desde pequenos somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. Mesmo as crianças que residem longe dos grandes centros urbanos ou são muito pobres, não dispendo, pois, de livros e impressos, conhecem o significado de certas siglas e sabem identificar as figuras e os nomes de personagens, divulgados por meio da propaganda audiovisual, da televisão, das histórias ouvidas e reproduzidas (p.148).

Desse modo, é possível afirmar que esse foi um momento privilegiado, levando-se em conta que o aluno já vive em contato com as tecnologias, mandando vídeos, mensagens de voz, textos, mídias, músicas, enfim, os alunos, mesmo das turmas do 6º ano do ensino fundamental, já vivenciam as variadas formas de comunicação através da tecnologia.

Portanto, foi necessário mostrar para esses educandos que é imprescindível aproveitar todas as oportunidades de leitura que são apresentadas, através dos meios que

eles dispõem para ler, estudar e interagir socialmente. Inicialmente, pesquisaram-se os textos lidos em sala nas etapas anteriores, depois se pesquisaram alguns autores conhecidos. Nesse momento percebeu-se que muitos alunos não conseguiram se concentrar para realizar a atividade de pesquisa proposta, em relação à leitura literária, uma vez que muitos queriam apenas navegar e interagir nas redes sociais. Foi necessário direcionar para que se concentrassem na tarefa. A curiosidade dos alunos foi aguçada e alguns precisaram ser orientados constantemente, a fim de que não se desviassem do foco da atividade, leitura e escrita.

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente. (Brasil, 1997, p.54).

De volta à sala de aula, os alunos continuaram em grupos, com o objetivo de comentar a atividade. A discussão girou em torno das descobertas e leituras feitas, sobretudo porque puderam ler sem cobranças ou sem a responsabilidade de responder a uma atividade escrita após a pesquisa. Comentaram que se sentiram livres e à vontade para pesquisar e compartilhar experiências de leitura. Desse modo, cada grupo expôs o que mais lhe chamou a atenção durante a atividade interativa, principalmente o que aprenderam.

Como resultado dessa atividade, obteve-se a participação dos alunos durante a socialização, demonstrando os conhecimentos adquiridos durante a oficina, bem como a percepção de que a tecnologia poderá ajudá-los constantemente nas tarefas escolares. Alguns alunos afirmaram que “usavam a internet apenas para jogar”, outros “não usavam a internet, pois não sabiam como pesquisar”. E ainda aqueles que “não tinham acesso e, por isso, tinham dificuldades, mas que a oficina havia ajudado bastante”.

Por outro lado, vale ressaltar que não foi uma atividade fácil, devido ao tamanho da turma e à falta de concentração dos alunos, mas foi compensadora. Diante disso, percebeu-se que é importante utilizar ferramentas de aprendizagem diversificadas no ambiente da sala de aula, a fim de que o conhecimento possa circular com mais facilidade. Para aqueles que não sabiam como pesquisar, ou quais palavras usar e que por isso, não tinham muita paciência e acabavam pesquisando nos sites errados e sem a menor segurança, foi necessária uma dose extra de atenção, sobretudo porque o objetivo da atividade era a interação com outras linguagens de forma descontraída. Enfim, ao final dessa etapa foi possível perceber a quanto atrativa é a tecnologia, pois a **maioria** dos jovens são atraídos pelas redes sociais, jogos, vídeos, podcasts. Entretanto, faz-se necessário direcionar os



alunos, ensinando-lhes para que usem as ferramentas adequadas a seu favor, a favor da aprendizagem, sobretudo da leitura e da escrita.

#### **Oficina VI– O conto e a crônica**

Nesta etapa, realizada no dia 08 de maio, os alunos aprenderam um pouco mais sobre o Tipo narrativo, lembrando as características do gênero conto e comparando-as com o gênero crônica. Para isso, receberam cópias de alguns contos da primeira etapa: **A menina dos fósforos, O compadre da morte, A sopa de pedras e as crônicas: O assalto e Negócio de Ocasão**. O objetivo principal foi reconhecer as características de cada gênero textual, sabendo-se que tanto o conto, quanto a crônica pertencem ao tipo Narrativo. Para isso, foi necessário diferenciá-los, a fim de esclarecer dúvidas percebidas nas produções dos alunos na etapa de Sensibilização Literária, na qual eles produziram contos.

Portanto nessa etapa os alunos lembraram as principais características do conto e compararam com as características da crônica. Com os textos em mãos e arrumados em duplas, analisaram e compararam inicialmente dois textos: **Negócio de Ocasão e A sopa de pedras**. O primeiro é uma crônica e o segundo é o conto já lido por eles anteriormente. Essa tarefa foi realizada de forma livre, ou seja, de acordo com os conhecimentos dos alunos, levando-se em conta a história, o tema e as características de cada texto. Em seguida houve a socialização de cada dupla de forma organizada, sem a interferência da professora. Algumas duplas comentaram que os textos *“eram contos, por isso tinham características semelhantes”*. Depois da socialização foi o momento de tirar dúvidas explicando para a turma os pontos específicos de cada gênero, como a maneira de narrar, em que os autores se baseavam para escrever, os tipos de contos e de crônicas, os temas, entre outros.

Após a explicação e dirimidas as dúvidas, os alunos receberam mais dois textos para analisar apenas as características de forma coletiva: **O assalto e A menina dos fósforos**. O professor leu para a turma **“O assalto”**, fazendo um comentário oral sobre o texto. Os alunos gostaram bastante do enredo e compararam às situações reais de assalto que existem no cotidiano, bem como os produtos que aumentam de preço a cada dia, percebendo assim que esse texto tratava de um fato real ou pelo menos, foi baseado em uma situação presente na realidade. Conforme percepção deles *“é uma crônica porque fala de um fato real”*. *“então uma notícia pode se transformar em uma crônica”*.

Já o texto dois, **“A menina dos fósforos”**, foi lido de forma coletiva, com a participação de alguns alunos durante a leitura. Esse texto também não era conhecido pela turma. Entretanto, seu conteúdo era bastante diferente do primeiro texto, embora atual, também baseado na vida real, mas com detalhes que o distinguiam de uma crônica, como

enredo e desfecho, por exemplo. Não foi difícil diferenciar os gêneros a partir da leitura dos textos. Segundo eles: “o primeiro texto pode ter acontecido na vida real, já o segundo apresenta detalhes que só aconteceram na imaginação da Menina dos fósforos, como enxergar a comida numa casa quentinha”. “O primeiro texto apresenta uma situação em uma feira e o segundo, uma menina que é maltratada e acaba morrendo de frio, mas antes disso, ela sonha com coisas que ela precisa”.

Desse modo, foi possível perceber as principais diferenças entre os dois gêneros estudados de forma descontraída e interessante. Os alunos participaram e puderam tirar suas dúvidas, mesmo aqueles mais calados. Nessa etapa, foi possível perceber que os alunos já apresentam uma melhoria significativa na expressão oral, expondo suas opiniões com maior segurança e entonação tanto durante a leitura, quanto nos comentários. Percebeu-se também um nível de atenção e entendimento melhor, levando-se em conta os conhecimentos prévios e adquiridos, com reflexões e comparações nas entrelinhas e além das linhas do texto em discussão.

#### **Oficina VII – O que a nossa biblioteca tem?**

Nesta etapa, realizada no dia 15 de maio, os alunos fizeram uma visita à biblioteca da escola, a fim de conhecer o acervo de leituras disponíveis. Percebeu-se um acervo pequeno e pouco diversificado, no qual a professora mostrou que existem leituras para os mais diferentes gostos, bem como a importância de se estar sempre em contato com o mundo literário, com o mundo da escrita. Conforme Lajolo (2000):

É importante frisar também que a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível. A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro, com a desculpa de que tal livro é apropriado à faixa etária daqueles alunos, ou que se trata de um tema que interessa àquele tipo de criança: a relação entre livros e faixas etárias, entre faixas etárias, interesses e habilidades de leitura é muito mais relativa do que fazem crer pedagogias e marketing. (p. 108).

Como o objetivo principal era a leitura com descontração, cada aluno foi convidado a escolher um livro para ler, de acordo com o seu gosto, começando a ler ainda na aula e continuar a leitura levando-o para casa, a fim de socializar na próxima oficina. Inicialmente houve resistência por parte de alguns, estavam desmotivados e não queriam ler nenhum

gênero. Outros alegaram que *“não gostavam de ler”*, mas ao final todos escolheram uma leitura para começar ainda na aula. Percebeu-se nesse momento que o ambiente se tornou atrativo e prazeroso, uma vez que todos conseguiram se empenhar durante a tarefa, inclusive os mais resistentes. Ficou acertado que eles deveriam ler no tempo determinado e que quem se sentisse à vontade poderia compartilhar no próximo encontro.

### **Oficina – VIII – Compreensão de texto**

Conforme combinado previamente, esse encontro teve início com uma roda de leitura no dia 22 de maio, na qual os alunos compartilharam as leituras feitas, durante a visita à biblioteca da escola. Uma parte considerável da turma quis expressar-se oralmente, a fim de mostrar e mesmo compartilhar o livro lido. Dentre eles: **O diário de um banana, O menino no espelho, A menina que roubava livros, O menino do pijama listrado**, entre outros. Cada um queria comentar suas descobertas ao ler o livro, mesmo aqueles que apresentaram resistência. A menina que roubava livros, por exemplo, despertou a curiosidade, *“A história se passa durante a segunda guerra Mundial e a menina roubava livros para ler nesse período, mas tem que ler para saber o que acontece no final”*. *“Cada livro traz uma história diferente”*. Cada aluno deveria apresentar o resultado da sua leitura, fazendo uma espécie de propaganda, bem atrativa, a fim de que os ouvintes sentissem vontade de ler aquela história para descobrir o seu enredo e o final.

Em seguida, foi o momento da compreensão do texto: **A menina dos fósforos**, lido anteriormente. Os alunos receberam a cópia do texto para a leitura compartilhada. Depois da leitura foi feita a compreensão oral juntamente com o professor pesquisador, ressaltando os aspectos mais relevantes do conto. Percebeu-se que o final do conto não foi muito atrativo para turma, pois ao perceberem que a menina morreu, comentaram: ***“Morreu de frio, coitadinha! Que final mais sem graça! Bem que ela poderia ter se salvado”***. Em seguida, receberam as questões de compreensão escrita, a fim de que demonstrassem o que compreenderam relacionando à realidade atual.

O conto é atemporal. Portanto, esse é um bom momento de observação tanto da oralidade, quanto da escrita, bem como perceber como se processa a compreensão nas entrelinhas e além das linhas. A atividade de compreensão oral contou com importantes observações, como *“eu também não voltaria para casa, se tivesse um pai assim”*. Individualmente, cada aluno respondeu a compreensão escrita, mostrando o que compreendeu acerca do conto. Esse foi um momento importante para verificar aspectos concernentes à atenção, pontuação, organização das ideias, bem como aspectos cronológicos e sequenciais presentes na narrativa. Verificou-se que tempo e espaço são

conceitos bem presentes no aprendizado dos alunos, bem como detalhes do enredo, como *“a menina era uma pequena vendedora de fósforos, órfã, cabeça descoberta e pés descalços...”*, *“ninguém soube quantas coisas lindas a menina viu na luz dos fósforos”*, *“A menina riscou o último fósforo, a avó apareceu tão alta, bonita, tomou a neta nos braços e voaram ambas tão alto que chegaram ao reino de Deus.”* Entretanto, vale ressaltar que uma parte da turma teve dificuldades em compreender o que realmente aconteceu com a protagonista, bem como descrever detalhes da sua vida, contados nas linhas do conto. Esses detalhes foram percebidos apenas no momento da interação oral da atividade, quando cada questão foi comentada, a fim de que percebessem o que realmente aconteceu ao longo do conto. Essa foi uma tarefa que exigiu muita concentração, bem como retomada do texto para uma melhor compreensão e ao final, todos conseguiram responder. Embora não tivessem aprovado o final do conto, conseguiram refletir acerca dessa realidade presente no cotidiano de várias crianças.

### **Oficina IX– Revisando a produção**

Essa etapa foi realizada no dia 29 de maio em três aulas, sendo uma das etapas finais da pesquisa, com o objetivo principal de revisar a produção feita pelos alunos na Oficina de Sensibilização Literária. Os alunos receberam de volta, os textos produzidos por eles durante a primeira oficina. Realizaram a leitura com atenção sob orientação do professor, a fim de que relembassem o texto que haviam produzido, observando cada aspecto inerente ao conto. O objetivo era que percebessem os principais aspectos do gênero textual conto, aprendidos em cada etapa da pesquisa, como enredo, personagens, tempo, espaço, etc.

Com autorização dos alunos, alguns textos foram lidos, para que oralmente pudessem comentar e perceber o que poderia ser melhorado, desde o título ao desfecho. Desse modo, compreenderam que o objetivo era melhorar o próprio texto, com base nos conhecimentos adquiridos ao longo da pesquisa, sabendo-se que cada detalhe faz a diferença. Após a orientação, o professor pesquisador pediu que cada aluno iniciasse a revisão do conto, tirando as dúvidas que houvessem. Foi essencial observar que a maioria dos alunos conseguiu perceber que o conto precisava de ajustes, detalhes, melhorar a pontuação, concordância, bem como a ortografia. Embora alguns demonstrassem muita dificuldade durante essa atividade, visto que foi apenas uma revisão e cada revisão cumpre um objetivo específico, foi importante perceber que houve esforço de cada educando no sentido de verificar e melhorar o próprio texto, percebendo aspectos que não haviam captado durante o momento de produção.

Em seguida formaram grupos, a fim de selecionar em cada grupo um conto para socializar e pensar em uma estratégia para essa tarefa: em forma de cartaz, datashow, dramatização, etc. Para melhor selecionar, deveriam observar qual a produção mais completa e mais interessante, pensando no título, personagens, enredo e desfecho.

### **Oficina X– Partilhando as produções**

Na etapa final, desenvolvida no dia 05 de junho, os alunos apresentaram o resultado das suas produções, as quais foram realizadas durante as oficinas de leitura. Inicialmente, o professor e alguns alunos fizeram a abertura da oficina, apresentando cada etapa do trabalho até se chegar àquele momento de socialização. Os alunos falaram acerca das oficinas que mais gostaram, como *“A melhor oficina pra mim foi a de poemas, pois foi bastante descontraída”*, *“Gostei da atividade com o conto A menina dos fósforos”*. A professora concluiu relembrando qual o objetivo principal do trabalho desenvolvido com a turma e que o resultado do trabalho seria apresentado naquele momento, através de algumas apresentações de contos.

Em seguida, os alunos iniciaram as apresentações das produções. Foram sete contos selecionados para a apresentação final: **A árvore e o lenhador, Os trapaceiros, a fada da floresta, O sítio de Luna, A menina dos cabelos longos, A raposa e o cachorro, A menina e a cachorrinha**. Esses contos foram selecionados pelos grupos com a ajuda da professora e cada grupo decidiu como gostaria de apresentar: alguns apenas fizeram a leitura e comentário, outros fizeram a leitura dramatizada.

Para finalizar os alunos falaram acerca das expectativas face a cada oficina e do quanto haviam aprendido. Ressaltaram também que nem sempre estavam muito animados para as oficinas, mas que sempre mudavam de ideia quando começavam as leituras. Ou seja, a Literatura Infantil, as leituras diárias, o direcionamento, vão fazendo o seu papel transformador.

**Tabela elaborada com base nos descritores da Prova Brasil, para avaliar a leitura final dos educandos/sujeitos da pesquisa.**

#### **Conceitos:**

**Insuficiente (I)**

**Regular (R)**

**Bom (B)**

**Excelente(E)**

**TABELA 02 – DIAGNÓSTICO DE LEITURA FINAL**

|                          |
|--------------------------|
| PROCEDIMENTOS DE LEITURA |
|--------------------------|

| ALUNO (A) | COMPETÊNCIAS LEITORAS                        |                                              |                                |                                                            |                                           |                                          |                   |
|-----------|----------------------------------------------|----------------------------------------------|--------------------------------|------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|------------------------------------------|-------------------|
|           | Localizar informações explícitas em um texto | Inferir uma informação implícita em um texto | Identificar o tema de um texto | Localizar elementos da narrativa como personagem principal | Estabelecer relação entre partes do texto | Comparar textos que tratam do mesmo tema | Ler com autonomia |
| A         | B                                            | R                                            | B                              | B                                                          | R                                         | R                                        | B                 |
| B         | B                                            | B                                            | B                              | E                                                          | R                                         | B                                        | E                 |
| C         | B                                            | R                                            | B                              | B                                                          | R                                         | B                                        | B                 |
| D         | E                                            | B                                            | E                              | E                                                          | B                                         | B                                        | E                 |
| E         | B                                            | R                                            | B                              | B                                                          | R                                         | B                                        | B                 |
| F         | B                                            | R                                            | B                              | B                                                          | R                                         | B                                        | B                 |
| G         | E                                            | E                                            | E                              | E                                                          | B                                         | B                                        | E                 |
| H         | B                                            | R                                            | R                              | B                                                          | B                                         | B                                        | E                 |
| I         | E                                            | B                                            | B                              | B                                                          | B                                         | B                                        | E                 |
| J         | B                                            | B                                            | B                              | B                                                          | B                                         | B                                        | B                 |
| K         | R                                            | R                                            | B                              | B                                                          | B                                         | B                                        | B                 |
| L         | R                                            | R                                            | B                              | E                                                          | B                                         | B                                        | B                 |
| M         | B                                            | B                                            | B                              | E                                                          | R                                         | B                                        | B                 |
| N         | E                                            | B                                            | E                              | E                                                          | B                                         | B                                        | B                 |
| O         | E                                            | B                                            | B                              | E                                                          | B                                         | E                                        | E                 |
| P         | E                                            | B                                            | R                              | E                                                          | B                                         | B                                        | B                 |
| Q         | B                                            | B                                            | R                              | B                                                          | B                                         | B                                        | B                 |
| R         | E                                            | B                                            | B                              | E                                                          | B                                         | B                                        | E                 |
| S         | E                                            | B                                            | B                              | E                                                          | B                                         | B                                        | E                 |
| T         | E                                            | B                                            | B                              | E                                                          | B                                         | B                                        | B                 |
| U         | E                                            | E                                            | E                              | E                                                          | E                                         | E                                        | E                 |
| V         | E                                            | E                                            | B                              | B                                                          | E                                         | E                                        | E                 |
| W         | B                                            | B                                            | B                              | B                                                          | B                                         | B                                        | B                 |
| X         | B                                            | B                                            | B                              | B                                                          | B                                         | B                                        | E                 |
| Y         | B                                            | B                                            | B                              | E                                                          | B                                         | E                                        | B                 |
| Z         | E                                            | E                                            | E                              | B                                                          | B                                         | B                                        | B                 |
| A1        | B                                            | B                                            | E                              | E                                                          | B                                         | B                                        | B                 |
| B1        | B                                            | R                                            | B                              | B                                                          | B                                         | B                                        | B                 |
| C1        | R                                            | R                                            | B                              | B                                                          | R                                         | B                                        | R                 |
| D1        | R                                            | R                                            | B                              | B                                                          | R                                         | B                                        | R                 |
| E1        | R                                            | R                                            | B                              | B                                                          | B                                         | B                                        | B                 |
| F1        | B                                            | B                                            | B                              | E                                                          | R                                         | B                                        | R                 |
| G1        | B                                            | B                                            | B                              | B                                                          | R                                         | B                                        | R                 |

Fonte: Elaboração própria, 2025.

#### 4.1. Análise dos resultados

Nesta etapa da pesquisa cada oficina realizada foi primordial para observar, registrar, bem como verificar as aprendizagens e conhecimentos prévios dos alunos. O primeiro momento de leitura, oralidade e produção escrita aconteceu na Oficina I – Sensibilização Literária, com os primeiros registros, os quais seriam comparados com a atividade final, cuja realização aconteceu ao final do processo de intervenção.

Nas tabelas acima (Oficina I e Oficina X) foi apresentado o desempenho dos alunos/sujeitos durante a atividade de leitura. Para isso foram elencados sete procedimentos de leitura, tendo como base os descritores da Prova Brasil (adaptados para o 6º ano), os quais foram observados e devidamente registrados, para posterior análise e verificação.

O primeiro procedimento de leitura é **“Localizar informações explícitas em um texto”**, apesar de ser uma tarefa aparentemente simples, percebeu-se que muitos educandos enfrentaram dificuldades, enquanto outros conseguiram localizar as informações com tranquilidade, tendo em vista que esse é um contexto de atividade oral. Analisando-se o desempenho nas duas atividades percebeu-se que houve uma melhoria significativa no desempenho, com aumento de classificações B (Bom) e E (Excelente).

Já no segundo procedimento **“Inferir uma informação implícita em um texto”**, percebeu-se maior índice de dificuldade, verificando-se maior incidência dos conceitos insuficiente (I) e regular (R) na atividade diagnóstica, uma vez que a maioria da turma apresentou dificuldade, conseguindo chegar à resposta apenas com auxílio do professor ou após releitura de determinados trechos. Por outro lado, notou-se avanço significativo na atividade final, uma vez que o conceito I (Insuficiente) praticamente desapareceu, dando lugar ao conceito B (Bom), verificando-se que o investimento em atividades de leitura e compreensão é capaz de proporcionar mudanças reais no processo ensino aprendizagem.

**“Identificar o tema de um texto”** na prova inicial também não foi tarefa fácil. A turma conseguia localizar o título, ao invés do identificar o tema, obtendo em sua maioria o conceito R (Regular). Entretanto, na tarefa final, a qual tinha o objetivo de verificar a oralidade e refazer também a atividade escrita, percebeu-se que a maioria dos alunos, 24 alunos ao todo, compreenderam a diferença entre tema e título, participando e demonstrando maior familiaridade em relação ao assunto discutido. Quando se trata de **“Localizar elementos da narrativa”**, todos se saíram bem, demonstrando um bom nível de conhecimentos acerca do assunto, citando e localizando os elementos principais de cada narrativa, tanto na atividade diagnóstica, quanto na atividade final, a qual serviu para reforçar os conhecimentos prévios e as vivências dos alunos. Verificou-se, portanto, um maior registro dos conceitos B (Bom) e E (Excelente), o que reforçou o desenvolvimento da habilidade de atenção em relação aos contos lidos.

O quinto procedimento é **“Estabelecer relação entre partes do texto”**, no qual notou-se um grau de dificuldade ou falta de compreensão durante a atividade diagnóstica, uma vez que exigiu maior compreensão, interpretação, bem como capacidade de síntese no momento da expressão oral, para manter a coerência de acordo com o texto lido. Diante disso, o conceito que se verificou com mais frequência foi regular (R), ou seja, os alunos ainda precisavam de pistas, de incentivo para alcançarem esse tipo de comparação entre partes do

texto e mesmo, entre textos diferentes. Esse foi um ponto importante para a pesquisa, o qual precisou ser reforçado nas atividades posteriores, instigando os alunos a realizarem a atividade com nível de compreensão significativo. Desse modo, foi possível obter a maioria com o conceito Bom, demonstrando mais atenção, interpretação e participação. Vale ressaltar que as atividades de leitura e compreensão precisam ser realizadas de forma contínua, sobretudo com as turmas do 6º ano, a fim de que os educandos desenvolvam o gosto pela leitura e as competências leitoras para o ciclo.

Em relação ao sexto procedimento de leitura **“Comparar textos que tratam do mesmo tema”** notou-se no momento inicial, que uma parte conseguiu desempenhar a tarefa sem muita dificuldade, enquanto uma porcentagem ainda precisava de pistas e incentivo, pois não distinguia tema e assunto. Entretanto, semelhante ao procedimento de leitura três **“Identificar o tema de um texto”**, foi facilmente resolvido no decorrer das Oficinas, transformando-se em uma atividade com bons resultados. Em relação ao procedimento sete **“Ler com autonomia”** percebeu-se uma turma com conhecimentos prévios adequados ao ciclo, na qual cerca de 70% da turma apresenta boa dicção, pontuação e entonação adequada ao realizar a leitura, obtendo-se nesse primeiro momento o conceito bom (B), permanecendo com bom nível de leitura nas atividades posteriores, bem como na Oficina final.

Essa segunda tabela corresponde à atividade final das oficinas, na qual foi feita uma revisão do conto produzido por eles no primeiro momento. Os alunos receberam os seus textos, a fim de que fizessem a leitura e observassem o que poderiam melhorar no momento da revisão, como: se o título estava adequado, pontuação, o que mudariam no enredo e nos personagens, etc. Com a orientação do professor alguns fizeram a leitura do texto original. Depois das anotações, foi o momento de reescrever o texto, com atenção e calma, atentando-se para cada detalhe que tornaria o conto ainda melhor depois da revisão. Além disso, puderam contar com as observações e instruções da professora regente e da pesquisadora. Em seguida, formaram grupos, a fim de discutir e selecionar os textos que seriam apresentados no seminário de leitura (**Oficina X**).

Desse modo, com essa atividade final, bem como as demais atividades desenvolvidas durante a pesquisa (Oficinas), foi possível verificar um avanço significativo na expressão escrita dos alunos em cada procedimento de leitura elencado, bem como perceber que alguns já conseguiram ir além das linhas do texto e fazer relações correspondentes às suas vivências e visões de mundo, fato que só foi possível constatar devido ao trabalho que foi realizado em cada etapa da pesquisa: incentivando através dos temas trabalhados, a partir de cada estratégia de leitura, demonstrando através dos variados gêneros, reforçando a leitura, compreensão e interpretação nas linhas, entrelinhas e além das linhas do texto.



Nessa etapa final, o que se verificou foi que **“Localizar informações explícitas em um texto”** já não era uma tarefa tão complicada, necessitando apenas de atenção e compreensão. **“Inferir uma informação implícita em um texto”**, bem como inferir o sentido de uma palavra, também requer leitura atenciosa, muito mais do que respostas prontas ou ajuda do professor.

Nesse contexto, **“Identificar o tema de um texto”** ou diferenciá-lo do título ou de outros textos já se havia tornado uma tarefa mais tranquila, mas que ainda necessitava de auxílio e atenção. Como a maioria dos textos lidos foram do gênero “conto”, percebeu-se uma melhoria significativa em relação a **“Localizar elementos da narrativa”**, registrando-se o avanço no conceito bom (B) e excelente (E). Isso aconteceu devido à aceitação do gênero pela turma, a qual interagiu bastante durante as atividades de leitura e oralidade.

Com essa aceitação do gênero houve melhoria também no procedimento de leitura **“Estabelecer relação entre partes do texto”**, embora alguns alunos ainda encontrassem dificuldades. Por outro lado, **“Comparar textos que tratam do mesmo tema”**, assim como **“Ler com autonomia”** foi se tornando uma tarefa cada vez mais prazerosa, sobretudo quando realizada juntamente com o professor, fazendo com que o educando perdesse o receio de participar, mesmo que timidamente.

## CONCLUSÕES

A leitura é um conteúdo que faz parte do dia a dia do ser humano, com importância que varia de acordo com o nível social, cultural e mesmo, de interesse. Esse interesse, na maioria das vezes, precisa ser despertado, incentivado, alimentado de forma contínua e permanente, a fim de que se torne um hábito prazeroso. Todo processo de comunicação, interpretação, compreensão e, sobretudo de partilha de opiniões acerca de tudo o que acontece, gira em torno da leitura. Desse modo, pode-se afirmar que ler é condição *sine qua non* para a realização de todas as atividades sociais.

Vale ressaltar que a leitura é uma atividade extremamente importante em todos os âmbitos do convívio social. Entretanto, no âmbito escolar é perceptível que grande parte dos estudantes chegam ao 6º ano do Ensino fundamental sem os conhecimentos necessários para que possam desenvolver atividades de leitura, escrita e compreensão de textos com autonomia. Por isso, apresentam inúmeras dificuldades de aprendizagem, devido à falta de incentivo e acompanhamento.

Nesse sentido o quadro teórico trouxe os conhecimentos e orientações essenciais para alicerçar cada etapa da pesquisa, sabendo-se que a leitura é imprescindível para o desenvolvimento da sociedade. Autoras como Paiva, Oliveira, Lerner, Lajolo, Zilbermam, entre outros, trouxeram o embasamento necessário à pesquisa, colocando o professor como mediador no processo de aquisição de conhecimentos através da leitura, uma vez que o educando é um ser em constante transformação. Desse modo, faz-se necessário ressaltar aspectos envolvidos na formação do leitor, desde as primeiras leituras, como: “A literatura infantil e a formação do leitor”, “Leitura e escrita na escola, a importância da manutenção dos hábitos de leitura”, “Como incentivar o hábito da leitura”, bem como “Aspectos cognitivos da leitura”.

Todo esse conhecimento teórico contribuiu para o planejamento, desenvolvimento da pesquisa e análise dos resultados.

O objetivo principal da pesquisa foi averiguar se as aulas de literatura infantil e os hábitos de leitura em alunos do 6º ano de escolarização contribuem para o desenvolvimento das suas habilidades de leitura e escrita. Após a conclusão de cada etapa e posterior análise dos resultados, constatou-se um avanço no desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita, interpretação e compreensão, bem como expressão oral.

Como objetivo específico, compreender a relação existente entre a Literatura infantil, os hábitos de leitura e o desenvolvimento das suas habilidades de leitura e escrita em educandos do 6º ano de escolarização, embora a escola pública não disponha de espaço para as aulas de Literatura infantil, há espaço reservado para a leitura, a qual acontece em

consonância com as aulas, de acordo com as necessidades, bem como atividade desenvolvida pelos professores. Vale ressaltar que esse incentivo dado através das aulas de leitura traz importantes contribuições para a melhoria da qualidade do ensino, sendo essencial à formação do educando, o qual na maioria das vezes não tem outro momento de leitura, além desse oferecido durante as aulas.

A pesquisa foi realizada através da intervenção ação, exigindo assim, maior envolvimento do pesquisador e dos sujeitos (em cada atividade proposta durante as oficinas), pois, dessa forma, foi possível planejar, executar, observar e analisar os resultados.

A pesquisa foi desenvolvida através de Oficinas de leitura, com uma turma do 6º ano do ensino fundamental, com 34 alunos, com idades entre 10 e 11 anos. As oficinas foram planejadas com gêneros variados, a fim de promover maior interação, descontração e atividades diferentes durante o processo, a saber: leitura, compreensão oral e escrita, oralidade, produção.

Os dados foram coletados ao longo de cada etapa para posterior análise e comparação dos resultados. Foram realizadas 10 oficinas, nas quais a primeira (Sensibilização literária) e a última (apresentação dos alunos) tiveram especial atenção, pois serviram de parâmetro para registrar como os alunos se encontravam no início e ao final da pesquisa.

A partir da análise dos resultados, concluiu-se que **as aulas de Literatura infantil e os hábitos de leitura em alunos do 6º ano de escolarização** podem sim, contribuir para o desenvolvimento das suas habilidades de leitura e escrita. No âmbito escolar todos trabalham com linguagem, com leitura, interpretação e compreensão. Portanto, as aulas de leitura precisam ser eficientes em todas as áreas, não apenas em Língua Portuguesa. Faz-se necessário compreender que a leitura é um conteúdo e como tal, precisa ser ensinado, desenvolvido, incentivado de forma contínua, a fim de que se torne conteúdo transformador.

Todas as atividades no mundo atual demandam leitura: símbolos, sons, gestos, olhares, um jogo, um programa televisivo. Com o objetivo de compreender e interpretar o que as linguagens cotidianas (verbal e não verbal) representam, faz-se necessário desenvolver competências e habilidades próprias desse universo de conhecimentos, que proporciona um mundo cheio de possibilidades de aprendizagem.

Outrossim, no que diz respeito à construção de habilidades específicas para a leitura em sala de aula, sobretudo a leitura dos gêneros literários, ainda é necessário investimento, planejamento e continuidade de objetivos, visto que na maioria das vezes a leitura em sala de aula ainda continua sendo tratada como uma atividade como qualquer outra, quando na verdade, deve ser ensinada como conteúdo. E deve ser ensinada através de atividades que sejam atrativas e interessantes do ponto de vista do educando e não apenas do ponto de vista

de quem ensina. Promover o desenvolvimento da leitura no âmbito escolar, sempre foi uma tarefa árdua, sobretudo na escola pública, devido aos inúmeros entraves em torná-la um hábito constante na rotina dos educandos.

Desse modo, percebe-se na maioria das vezes, atividades de leitura que se iniciam e findam durante as aulas, dificultando as possibilidades de escolha, organização e melhor aproveitamento do tempo didático. Portanto, a partir das atividades desenvolvidas durante a pesquisa, foi possível verificar que as aulas de Literatura infantil contribuem de forma significativa para a melhoria da formação acadêmica dos educandos do 6º ano, durante o processo de ensino e aprendizagem. Vale salientar, o êxito no desenvolvimento das Oficinas de leitura, a partir da participação dos alunos/sujeitos durante cada atividade, compreensão, interpretação e relatos de experiências de leitura, conhecimentos prévios, visões de mundo, ainda que limitadas ao ambiente escolar e familiar.

Nesse contexto, verificou-se a importância, bem como a necessidade de se investir em aulas de leitura planejadas para cada ciclo, levando-se em conta os conhecimentos prévios do educando e um acervo diversificado, capazes de tornar a aprendizagem mais atrativa, prazerosa e reflexiva. Essa pesquisa constatou que a Literatura contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento da escrita, bem como da linguagem oral, ampliando a capacidade de compreensão, interpretação e reflexão dos educandos, os quais se tornaram mais participativos e motivados durante as aulas, uma vez que o texto passou a ter um sentido para cada um, a partir da maneira como era apresentado em cada momento.

A leitura precisa fazer sentido para o educando para que assim ele sinta a vontade de se tornar leitor. Essa é a relação autor-leitor-texto, a qual pode ocorrer com maior ou menor intensidade e que precisa existir, a fim de que a leitura deixe de ser mera atividade na sala de aula e seja incorporada de forma definitiva à vida de cada indivíduo. A partir daí percebeu-se que os hábitos de leitura contribuem para a melhoria da qualidade do ensino, como um dos elementos essenciais à formação do educando. Essa constatação só foi possível através da interação dos educandos em cada oficina desenvolvida durante a pesquisa.

Os objetivos de cada leitor podem nortear e direcionar cada leitura, as escolhas, preferências e formas distintas de conduzir a leitura. Porém, para a maioria dos educandos, esses objetivos ainda não estão bem definidos, sobretudo quando se trata das séries iniciais ou mesmo as turmas do 6º ano, nas quais ainda estão iniciando nesse mundo tão vasto. Nessa fase, são apenas alunos e não leitores propriamente ditos, ainda haverá um longo caminho a trilhar. Portanto, faz-se necessário que o professor faça esse direcionamento, trazendo assim, os primeiros objetivos e as primeiras leituras, a fim de que o ambiente leitor, o gosto, as escolhas e as rotinas comecem a se formar, desenvolvendo também habilidades e competências através da prática cotidiana da leitura.

As experiências são essenciais, sem as quais não poderá haver escolha, desenvolvimento ou prazer e, acima de tudo, intensa interação do leitor, a fim de que compreenda as pistas que o autor forneceu ao compor cada obra. Portanto, as aulas de Literatura Infantil e os hábitos de leitura podem contribuir para a formação do educando do 6º ano de escolarização, influenciando de forma significativa no desenvolvimento da leitura e escrita.

## REFERÊNCIAS

- Abramovich, F. (1997). *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5ª ed. São Paulo: Scipione.
- Almeida, G. P. (2008). *Práticas de leituras*. Curitiba: Pró-Infantil.
- Alves, R. (2004). *Entre a Ciência e a Sapiência: O Dilema da Educação*. Ed. 11 São Paulo: Ed. Loyola- Ipiranga.
- Bamberger, R. (2001). *Como incentivar o hábito de leitura*. 7ª ed. São Paulo: Ática.
- Cabral, L. S. (1986). *Processos psicolinguísticos de leitura e a criança*. Porto Alegre: Letras de Hoje.
- Cagliari, L. C. (2001). *Alfabetização & Linguística*. 10ª ed. São Paulo: Scipione.
- Dal-Farra, R. A. & Lopes, p. t. c. (2013). *Métodos mistos de pesquisa em educação: Pressupostos teóricos*. acesso em 10 de set. 2014 em:  
[http://scholar.google.com.br/scholar?q=M%C3%89TODOS+MISTOS+DE+PESQUIS+A+EM+EDUCA%C3%87%C3%83O%3A+PRESSUPOSTOS+TE%C3%93RICOS&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](http://scholar.google.com.br/scholar?q=M%C3%89TODOS+MISTOS+DE+PESQUIS+A+EM+EDUCA%C3%87%C3%83O%3A+PRESSUPOSTOS+TE%C3%93RICOS&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5).
- Kleiman, A. (1997). *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes.
- Kleiman, A. (2008). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras.
- Klein, M. (2010). *Literatura infantil e produção de sentidos sobre as diferenças: práticas discursivas nas histórias infantis e nos espaços escolares*. Proposições vol.21 no.1.Campinas. Acesso em 20 de out. 2014 em:  
<http://www.scielo.br/pdf/pp/v21n1/v21n1a12pdf>.
- Koch, I. V. & Elias, V. M. (2006). *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto.
- Lajolo, M. & Zilberman, R. (1996). *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática.
- Lajolo, M. & Zilberman, R. (1993). *Um Brasil para crianças, para conhecer a literatura brasileira: histórias, autores e textos*. São Paulo: Global.
- Lajolo, M. (2000). *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática.
- Lajolo, M. (2002). *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática.
- Lavile, C & Dionne, J. (1999). *A construção do saber. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Lerner, D. (2002). *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed.
- Lewin, K. (1946). *Action research and minority problems*. *Journal of Social Issues*, 2ª Ed., vol. 4, pp. 34-46. Acesso em 10 de out. 2025 em:  
<https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1946.tb02295.x>

- Martins, M. H. (1994). *O que é leitura*. 19.<sup>a</sup> edição. São Paulo: Brasiliense.
- Meireles, C. (1984). *Problemas da Literatura Infantil*. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Oliveira, M. A. (2012). *Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor, em Ensino de Literatura Infantil: ferramentas de pesquisa-ensino*. (p. 245) São Paulo: Paulinas . Acesso em 20 de dez. 2014 em:  
[www.revistas.usp.br/comueduc/article/download/44908/48537](http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/download/44908/48537)
- Paiva, S. C. & Oliveira, A. A. (2010). A Literatura Infantil no Processo de Formação do Leitor. *Cadernos da Pedagogia*. São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 22-36, jan -jun. ISSN:1982-4440. Acesso em 20 de out. 2014 em:  
[www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/175/101](http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/175/101)
- Ministério da Educação. (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais*. (PCNs) Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Ministério da Educação.
- Paulino, G. (2001). *Tipos de textos, modos de leitura*. Goiânia: Formato.
- Perrotti, E. (1990). *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus.
- Perrone, E. & Lara, M. L.. (2002) “Era uma vez...”. In: SOUZA, Regina Célia; BORGES, M. F. (orgs.). *A práxis na formação de educadores infantis*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Prado, R. (2003). *Biblioteca, Tesouro a Explorar*. In: Nova Escola, ed. 162, p.54-59. São Paulo: Abril.
- Ribeiro, J. & Buzatto, E. G. (2003). *Ler: um ato de liberdade*. In: Revista Pedagogia em Questão, Westphalen, F. v. 1, n.1, p. 87-100, jun. Porto Alegre: Ed. URI
- Silva, E. T. (2002). *A produção da leitura na escola: Pesquisas x Propostas*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática.
- Silva, E. T. (2005). *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Ed. Cortez.
- Silveira, R. M., Bonin, I. T. & Kirchof, E. R. (2013). *Apresentação literatura infantil e diferenças*. vol.38 nº. 4 Porto Alegre: Educ. Real. Acesso em 18 de out. 2014 em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-62362013000400002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-62362013000400002&script=sci_arttext)
- Soares, M. B. (2002). *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed., 5. reimpressão, Belo Horizonte: Ed. Autêntica.
- Soares, M. B. (2004). *Letramento e Escolarização*. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). *Letramento no Brasil*. 287 p. São Paulo: Global.
- Solé, I. (1998). *Estratégias de leitura*. 6. ed., Porto Alegre: Artmed.
- Solé, I. (2009). *Estratégias de Leitura*. 6<sup>a</sup> ed., Porto Alegre: Artmed.
- Souza, G. S.; Santos, A. R.; & Dias, V. B. (2013). *Metodologia da pesquisa científica: a construção do conhecimento e do pensamento científico no processo de aprendizagem*. Porto Alegre: Editora Animal.

- Souza, G. S.; Santos, A. R. & Dias, V. B. (2004). *A leitura da literatura infantil na escola*. In: Souza, R. J. *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL.
- Turchi, M. Z. (2008). *Tendências atuais da literatura infantil brasileira*. XI Congresso Internacional da ABRALIC. *Tessituras, Interações, Convergências* USP – São Paulo. Acesso em 18 de out. 2014 em:  
[http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/047/MARIA\\_TURCHI.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/047/MARIA_TURCHI.pdf)
- Zilberman, R. (1991). *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto.
- Zilberman, R. (2010). *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: Ibpex.
- Zilberman, R. (2003). *A Literatura Infantil na Escola*. São Paulo: Global.



## **ANEXO 01**

### **A Menina dos fósforos**

Fazia tanto frio! A neve não parava de cair no leste europeu, e a gélida noite aproximava-se. Aquela era a última noite de dezembro, véspera do dia de Ano Novo. Perdida no meio do frio intenso e da escuridão uma pobre menina seguia pela rua afora, a cabeça descoberta e os pés descalços. É certo que ao sair de casa trazia um par de chinelos, mas estes não duraram muito tempo, porque eram uns chinelos que já tinham pertencido à mãe, e ficavam-lhe tão grandes, pesados e encharcados de neve que a menina os perdeu quando teve de atravessar a rua, correndo, para fugir de um bonde. Um dos chinelos desapareceu no meio da neve, e o outro foi apanhado por um garoto que o levou, pensando fazer dele um berço para a irmã mais nova brincar.

Por isso, a menina seguia com os pés descalços e já roxos de frio; levava no bolso dianteiro do avental uma quantidade de fósforos, e estendia um maço deles a todos que passavam, oferecendo: — Quer comprar fósforos bons e baratos? — Mas o dia lhe tinha sido adverso. Ninguém comprara os fósforos, e, portanto, ela ainda não conseguira ganhar um tostão sequer. Sentia fome e frio, e estava com a cara pálida e as faces encovadas.

Pobre criança! Os flocos de neve caíam-lhe sobre os cabelos compridos e loiros, que se encaracolavam graciosamente em volta do pescoço magrinho; mas ela nem pensava nos seus cabelos encaracolados. Através das janelas, as luzes vivas e o cheiro delicioso da carne assada chegavam à rua, porque era véspera de Ano Novo. Nisso, sim, é que ela pensava, o que lhe enchia de água a boca.

Sentou-se no chão e encolheu-se no canto de uma varanda. Sentia cada vez mais frio, mas não tinha coragem de voltar para casa, porque não vendera um único maço de fósforos, e não podia apresentar nem uma moeda; e o padrasto, malvado, seria capaz de lhe bater. E afinal, em casa também não havia calor. A família morava numa meia-água, um barraco, e o vento metia-se pelos buracos das telhas, apesar de terem tapado com farrapos e palha as fendas maiores. Tinha as mãos quase paralisadas com o frio. Ah, como o calorzinho de um fósforo aceso lhe faria bem! Se tirasse um, um só palito, do maço, e o acendesse na parede para aquecer os dedos...! Pegou num fósforo e: Fitch!, A chama espirrou e o fósforo começou a queimar! Parecia a chama quente e viva de uma vela, quando a menina a tapou com a mão.

Mas, que luz era aquela? A menina imaginou que estava sentada em frente de uma lareira cheia de ferros rendilhados, com um guarda-fogo de cobre reluzente. O lume ardia com uma chama tão intensa, e dava um calor tão bom...! Mas, o que se passava? A menina estendia já os pés para se aquecer, quando a chama se apagou e a lareira desapareceu. E viu que estava sentada sobre a neve, com a ponta do fósforo queimado na mão.

Riscou outro fósforo, que se acendeu e brilhou, e o lugar em que a luz batia na parede tornou-se transparente como vidro. E a menina viu o interior de uma sala de jantar onde a mesa estava coberta por uma toalha branca, resplandecente de louças delicadas, e mesmo no meio da mesa havia um ganso assado, com recheio de ameixas e purê de batatas, que fumegava, espalhando um cheiro apetitoso. Mas, que surpresa e que alegria! De repente, o ganso saltou da travessa e rolou para o chão, com o garfo e a faca espetados nas costas, até junto da menina. O fósforo apagou-se, e a pobre menina só viu na sua frente a parede negra e fria.

Acendeu um terceiro fósforo. Imediatamente se viu ajoelhada debaixo de uma enorme árvore de Natal. Era ainda maior e mais rica do que outra que tinha visto no último Natal, através da porta envidraçada, em casa de um rico comerciante. Milhares de velinhas ardiam nos ramos verdes, e figuras de todas as cores, como as que enfeitam as vitrines das lojas, pareciam sorrir para ela. A menina levantou ambas as mãos para a árvore, mas o fósforo apagou-se, e todas as velas de Natal começaram a subir, a subir, e ela percebeu então que eram apenas as estrelas a brilhar no céu. Uma estrela maior do que as outras desceu em direção à terra, deixando atrás de si um comprido rastro de luz.

«Foi alguém que morreu», pensou para consigo a menina; porque a avó, a única pessoa que tinha sido boa para ela, mas que já não era viva, dizia-lhe à vezes: «Quando vires uma estrela cadente, um meteorito, é uma alma que vai a caminho do céu.»

Esfregou ainda mais outro fósforo na parede: fez-se uma grande luz, e no meio apareceu a avó, de pé, com uma expressão muito suave, cheia de felicidade! — Avó! — gritou a menina — leva-me contigo! Quando este fósforo se apagar, eu sei que já não estarás aqui. Vais desaparecer como a lareira, como o ganso assado, e como a árvore de Natal, tão linda. Riscou imediatamente o punhado de fósforos que restava daquele maço, porque queria que a avó continuasse junto dela, e os fósforos espalharam em redor uma luz tão brilhante como se fosse dia. Nunca a avó lhe parecera tão alta nem tão bonita. Tomou a neta nos braços e, soltando os pés da terra, no meio daquele resplendor, voaram ambas tão alto, tão alto, que já não podiam sentir frio, nem fome, nem desgostos, porque tinham chegado ao reino de Deus.

Mas ali, naquele canto, junto do portal, quando rompeu a manhã gelada, estava caída uma menina, com as faces roxas, um sorriso nos lábios... morta de frio, na última noite do ano. O dia de Ano Novo nasceu, indiferente ao pequenino cadáver, que ainda tinha no regaço um punhado de fósforos. — Coitadinha, parece que tentou aquecer-se! — exclamou alguém. Mas nunca ninguém soube quantas coisas lindas a menina viu à luz dos fósforos, nem o brilho com que entrou, na companhia da avó, no Ano Novo.

Hans Christian Andersen

## ANEXO 02

### O compadre da morte

Um lavrador pobre tinha tantos filhos que não sabia a quem convidar para padrinho dos recém-nascidos. Quase todos na aldeia eram compadres dele. Quando nasceu o último filho, ficou muito atrapalhado pois não sabia quem havia de convidar para padrinho da criança. Estava pensando no caso, quando passou por ele uma mulher muito alta, magra, vestida de branco, que parou e o cumprimentou amavelmente. O lavrador perguntou se ela aceitava ser a madrinha do seu filho mais novo.

— *Sabes quem sou eu?*

— *Não senhor! Mas parece-me ser uma pessoa honrada e boa!*

— *Sou a Morte e aceito ser tua comadre.*

Acompanhou o lavrador à igreja, ficando sua comadre. Quando voltaram a casa, a Morte disse: — *Escute lá. Não tenho dinheiro nem fazenda para o meu afilhado, mas posso fazer o meu compadre tornar-se um homem rico.*

— *Como será isso, minha comadre?*

— *Preste atenção! Diga a todos que é médico e vá atender aos doentes. Quando lá chegar vai ver-me. Se eu estiver no lado da cabeça do enfermo, receite-lhe o que quiser e ele curar-se-á, mas se eu estiver aos pés da cama, o homem está perdido.*

— *Pois é caso entendido, meu compadre.*

Começou o lavrador, que era desempenado e afoito, a dizer-se curandeiro e visitar doentes por toda a vizinhança. Quando via a Morte perto da cabeceira do doente, punha-o sadio em poucos dias. Quando via a Morte aos pés do enfermo, receitava umas águas simples, cobrava o dinheiro e ia-se embora, desenganando todos os da família.

Ganhou fama e proveitos crescidos, ficando rico e conhecido em toda a parte.

Já muito velho, o curandeiro foi chamado por um homem muito poderoso e rico. Apesar de dizer que não queria ir, pois estava cansado e não podia mais aceitar consultas, foi obrigado a pôr-se numa carruagem e ir. Quando lá chegou, logo que olhou para o quarto do rico, avistou a comadre Morte, bem sentada aos pés da cama. A família do enfermo prometia os castelos de Espanha se o homem se curasse. O curandeiro imaginou um plano de burlar o pacto com a Morte e ganhar mais aquela fortuna. Mandou voltar a cama, de maneira a ficarem os pés onde estava a cabeça e está onde estavam os pés. A Morte, assim que voltaram a cama, foi-se embora, sem dizer uma só palavra.

O curandeiro recebeu uma gorda quantia e voltou para casa, satisfeito.

Anos depois, a Morte veio visitá-lo e disse-lhe: — *Meu compadre, de hoje a um ano virei buscá-lo porque deve ter chegado o dia da sua viagem...*

O Curandeiro ficou espavorido com o anúncio. Para enganar a Morte mais uma vez, quando se aproximou o dia fatal, pintou os cabelos de preto, pôs umas barbas retintas, convidou uns amigos e começou a beber e a rir, como se fosse outra pessoa.

Chegou a Morte e, não o vendo, perguntou pelo seu compadre. Todos os convidados responderam que o dono da casa não estava e nem sabiam quando ele voltaria.

— *Ora, ora* — monologou a Morte, desapontada — *como não posso perder o meu tempo nem a minha viagem, vou levar esse barbadão bebedor...*

E levou com ela o seu compadre.

Câmara Cascudo

## ANEXO 03

### A sopa de pedras

Era uma vez um *viajante* que andava de país em país, de terra em terra. Um dia quando estava de passagem por uma pequena aldeia reparou que a sua comida tinha acabado, e já estava a ficar com muita fome.

Foi andando de um lado para o outro a pensar numa forma de arranjar comida. Tinha muita vergonha de ir pedir, mas parecia que daquela vez não tinha outra hipótese.

Enquanto ia andando deu um pontapé numa pequena pedra que estava no chão, era uma pedra muito lisa e bonita, foi então que teve uma ideia de conseguir almoçar sem sentir tanta vergonha.

Bateu à porta de uma casa, que parecia ser de um grande *agricultor* da região. Quando o dono da casa abriu a porta o *viajante* disse-lhe:

– Bom dia senhor, eu sou *viajante* e trago comigo uma pedra mágica capaz de fazer a melhor sopa do mundo, quer provar?

Ao dizer isto retirou do bolso uma pedra muito lisa e redonda. Era parecida com outras que o *agricultor* conhecia, mas como gostava muito de sopa decidiu aceitar provar a tal melhor sopa do mundo.

O *viajante* entrou e pediu uma panela grande com água e um pouco de sal, colocaram a panela ao lume e a pedra lá dentro. Quando a água começou a ferver o *viajante* provou e disse:

– Está quase pronta, mas ficava ainda melhor se lhe pusermos umas batatas.

– Oh homem! Não seja por isso, eu sou um grande *agricultor* desta região, batatas é coisa que não me falta.

– Obrigado, assim a sopa vai ficar muito melhor.

Passado mais algum tempo voltou a provar.

– Está quase, mas ficava ainda melhor se lhe pusermos umas cenouras. O *agricultor* lá foi buscar as melhores cenouras que tinha em casa.

Após provar várias vezes o *viajante* foi pedindo outros vegetais, couve, cebola, feijão, entre outros. Quando a sopa já estava rica em vegetais, o *viajante* disse:

– Caro amigo, a sopa está a ficar uma delícia.

O *agricultor* mal podia esperar para provar a sopa, que é uma coisa que ele adora. O *viajante* após provar mais uma vez pediu:

– Oh amigo esta sopa ficava ainda melhor se lhe pusermos um pouco de carne de porco, tem aí alguma coisa? Chouriço, por exemplo.

– Mau, mau, já lhe disse que sou *agricultor*, coisas dessas não faltam cá em casa. Mais uma vez foram colocando algumas carnes na sopa.

Provou mais uma vez e disse com um grande sorriso:

– Está pronta!!!

– Já não era sem tempo, vamos lá provar essa sopa.

O *viajante* serviu a sopa para os dois.

Depois de a provar, o *agricultor* exclamou:

– Tinha razão, é mesmo a melhor sopa que já comi até hoje, essa sua pedra é realmente mágica. Não me a quer vender?

– Não está à venda, é muito valiosa para mim, foi-me oferecida por um mago de um país distante.

– Muito bem, obrigado na mesma por me ter deixado provar esta sopa.

– Obrigado eu.

Despediram-se e o *viajante* continuou a sua viagem por outras terras, utilizou várias vezes a sua pedra mágica e assim conseguiu comer sem ter vergonha de pedir e foi desta forma que a receita da sopa de pedra foi passando de terra em terra e hoje ainda a podemos provar em vários locais, com diferentes receitas.

Câmara Cascudo

## **ANEXO 04**

### **A panela que cozia sem fogo**

Aí vai uma história de Pedro Malasartes; história tão certa como ela se passou, que nem contada em letra de forma, ou pregada de púlpito, seria tão verdadeira.

Chegando, certa vez, Pedro Malasartes à cidade, logo se meteu em divertimentos e gastou todo o dinheiro. Mas antes que ficasse de todo limpo comprou uma panelinha de ferro, com três pés para apoiar sobre o fogo, uma matula e seguiu viagem.

Já era por umas onze da manhã, quando avistou um rancho desocupado. Apertado de fome, resolveu descansar ali. Fez fogo, pôs a panela de três pés com a matula a aquecer.

Mal acabara de aquecer a matula, vem chegando uns tropeiros. Pedro Malasartes mais que depressa pôs um monte de terra sobre o fogo, de modo que não ficou um graveto a vista, e ficou muito quieto diante da panelinha que fumegava.

Os tropeiros vendo aquilo ficaram muito espantados e perguntaram:

— Que moda é essa, caboclo, de cozinhar sem fogo?

Pedro respondeu logo:

— Isto não é para todos. Pois não veem que minha panela é mágica?

— Então, ela cozinha sem fogo?

— É como estão vendo, e a qualquer hora. Mas como o médico me disse que estou por poucos dias e precisando de dinheiro para encomendar o corpo, posso negociá-la.

Os tropeiros viram na panela um verdadeiro achado; provaram da comida e acharam tudo muito bom.

Compraram a panela, pagando por ela o preço que Pedro Malasartes lhes pediu.

Vinha caindo à noite, quando os tropeiros foram cozinhar sem fogo e deram com a trapaça de Malasartes, que já tinha sumido nesse mundo de Deus.

Pois foi assim que aconteceu e já lá vão quarenta e cinco anos ou talvez cinquenta, que nisto de contagem de anos não sou nenhum sábio da Grécia.

Câmara Cascudo

## **ANEXO 05**

### **O pássaro sob o chapéu**

Malasartes ia andando quando lhe deu uma tremenda dor de barriga. Agachou-se no meio da estrada e ali fez. Nisto avistou um senhor que andava caçando. Malasartes tirou o chapéu e colocou-o sobre o que havia feito.

O senhor quando se aproximou perguntou-lhe:

— Que está fazendo aí a segurar nesse chapéu com tanto cuidado?

— É um lindo passarinho que apanhei debaixo do chapéu. Canta que dá um gosto. E eu não quero perdê-lo. Estou à espera de alguém que queira tomar conta dele, enquanto vou buscar uma gaiola.

O homem ficou muito curioso de ver o canário, pois era grande apreciador de pássaros cantadores. Propôs comprá-lo, mas com a condição de Malasartes ir buscar a gaiola.

Pedro, depois de muitas negociações fechou o negócio por bom dinheiro e deixou o comprador a tomar conta do passarinho, e foi buscar a gaiola. O tempo ia passando e Malasartes não voltava. Então o homem, já impaciente tomou a decisão de apanhar o pássaro com a mão e levá-lo para casa. Com toda a cautela, meteu a mão debaixo do chapéu e, quando pensou que pegava o canário, agarrou uma coisa muito diferente.

Louco de raiva soltou muitas pragas enquanto Pedro já estava muito distante e se divertindo à custa do trouxa.

Câmara Cascudo



## **ANEXO 06**

### **Felicidade Clandestina**

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudades”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu

voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser”. Entendem? Valia mais do que me dar o livro: pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

Clarice Lispector

## **ANEXO 07**

### **Assalto**

Na feira, a gorda senhora protestou a altos brados contra o preço do chuchu:

– Isto é um assalto!

Houve um rebuliço. Os que estavam perto fugiram. Alguém, correndo, foi chamar o guarda. Um minuto depois, a rua inteira, atravancada, mas provida de admirável serviço de comunicação espontânea, sabia que se estava perpetrando um assalto ao banco. Mas que banco? Havia banco naquela rua? Evidente que sim, pois do contrário como poderia ser assaltado?

– Um assalto! Um assalto! – a senhora continuava a exclamar, e quem não tinha escutado escutou, multiplicando a notícia. Aquela voz subindo do mar de barracas e legumes era como a própria sirena policial, documentando, por seu uivo, a ocorrência grave, que fatalmente se estaria consumando ali, na claridade do dia, sem que ninguém pudesse evitá-la.

Moleques de carrinho corriam em todas as direções, atropelando-se uns aos outros. Queriam salvar as mercadorias que transportavam. Não era o instinto de propriedade que os impelia. Sentiam-se responsáveis pelo transporte. E no atropelo da fuga, pacotes rasgavam-se, melancias rolavam, tomates esborrachavam-se no asfalto. Se a fruta cai no chão, já não é de ninguém; é de qualquer um, inclusive do transportador. Em ocasiões de assalto, quem é que vai reclamar da penca de bananas meio amassadas?

– Olha o assalto! Tem um assalto ali adiante!

O ônibus na rua transversal parou para assuntar. Passageiros ergueram-se, puseram o nariz para fora. Não se via nada. O motorista desceu, desceu o trocador, um passageiro advertiu:

– No que você vai a fim de ver o assalto, eles assaltam sua caixa.

Ele nem escutou. Então os passageiros também acharam de bom alvitre abandonar o veículo, na ânsia de saber, que vem movendo o homem, desde a idade da pedra até a idade do módulo lunar.

Outros ônibus pararam, a rua entupiu.

Melhor. Todas as ruas estão bloqueadas. Assim eles não podem dar no pé.

– É uma mulher que chefia o bando.

– Já sei. A tal dondoca loura.

– A loura assalta em São Paulo. Aqui é a morena.

– Uma gorda. Está de metralhadora. Eu vi.

- Minha Nossa Senhora, o mundo está virado!
- Vai ver que está caçando é marido.
- Não brinca numa hora dessas. Olha aí sangue escorrendo!
- Sangue nada, tomate.

Na confusão, circularam notícias diversas. O assalto fora a uma joalheria, as vitrinas tinham sido esmigalhadas a bala. E havia joias pelo chão, braceletes, relógios. O que os bandidos não levaram, na pressa, era agora objeto de saque popular. Morreram no mínimo duas pessoas, e três estavam gravemente feridas.

Barracas derrubadas assinalavam o ímpeto da convulsão coletiva. Era preciso abrir caminho a todo custo. No rumo do assalto, para ver, e no rumo contrário, para escapar. Os grupos divergentes chocavam-se, e às vezes trocavam de direção: quem fugia dava marcha à ré, quem queria espiar era arrastado pela massa oposta. Os edifícios de apartamentos tinham fechado suas portas, logo que o primeiro foi invadido por pessoas que pretendiam, ao mesmo tempo, salvar o pelo e contemplar lá de cima. Janelas e balcões apinhados de moradores, que gritavam:

- Pega! Pega! Correu pra lá!
- Olha ela ali!
- Eles entraram na Kombi ali adiante!
- É um mascarado! Não, são dois mascarados!

Ouviram-se nitidamente o pipocar de uma metralhadora, a pequena distância. Foi um deitar-no-chão geral, e como não havia espaço, uns caíam por cima de outros. Cessou o ruído. Voltou. Que assalto era esse, dilatado no tempo, repetido, confuso?

– Olha o diabo daquele escurinho tocando matraca! E a gente com dor de barriga, pensando que era metralhadora!

Caíram em cima do garoto, que soverteu na multidão. A senhora gorda apareceu, muito vermelha, protestando sempre:

- É um assalto! Chuchu por aquele preço é um verdadeiro assalto!

Carlos Drummond de Andrade

## **ANEXO 08**

### **A estranha passageira**

O senhor sabe? É a primeira vez que eu viajo de avião. Estou com zero hora de vôo e riu nervosinha, coitada. Depois pediu que eu me sentasse ao seu lado, pois me achava muito calmo e isto iria fazer-lhe bem. Lá se ia a oportunidade de ler o romance policial que eu comprara no aeroporto, para me distrair na viagem. Suspirei e fiz o bacana respondendo que estava às suas ordens.

Madama entrou no avião sobraçando um monte de embrulhos, que segurava desajeitadamente. Gorda como era, custou a se encaixar na poltrona e arrumar todos aqueles pacotes. Depois não sabia como amarra o cinto e eu tive que realizar essa operação em sua farta cintura.

Afinal estava ali pronta pra viajar. Os outros passageiros estavam já se divertindo às minhas custas, a zombar do meu embaraço ante as perguntas que aquela senhora me fazia aos berros, como se estivesse em sua casa, entre pessoas íntimas. A coisa foi ficando ridícula.

-Para que esse saquinho aí? – foi a pergunta que fez, num tom de voz que parecia que ela estava no Rio ou em São Paulo.

- É para a senhora usar em caso de necessidade – respondi baixinho. Tenho certeza de que ninguém ouviu minha resposta, mas todos adivinharam qual foi, porque ela arregalou os olhos e exclamou:

-Uai... as necessidades neste saquinho? No avião não tem banheiro?

Alguns passageiros riram, outros – por fineza – fingiram ignorar o lamentável equívoco da incômoda passageira de primeira viagem. Mas ela era azougue (embora com tantas carnes parecesse mais um açougue) e não parava de badalar. Olhava para trás, olhava para cima, mexia na poltrona e quase levou um tombo, quando puxou a alavanca e empurrou o encosto com força, caindo para trás e esparramando embrulhos para todos os lados.

O comandante já esquentara os motores e a aeronave estava parada, esperando ordens para ganhar a pista de decolagem. Percebi que minha vizinha de banco apertava os olhos e lia qualquer coisa. Logo veio a pergunta:

- Quem é essa tal de emergência que tem uma porta só pra ela?

Expliquei que emergência não era ninguém, a porta é que era de emergência, isto é, em caso de necessidade, saía-se por ela.

Madama sossegou e os outros passageiros já estavam conformados com o término do “show”. Mesmo os que mais se divertiam com ele resolveram abrir jornais, revistas ou se acomodarem para tirar uma pestana durante a viagem.

Foi quando madama deu o último vexame. Olhou pela janela (ela pedira para ficar do lado da janela para ver a paisagem) e gritou:

- Puxa vida!!!!

Todos olharam para ela, inclusive eu. Madama apontou para a janela e disse:

- Olha lá embaixo.

Eu olhei. E ela acrescentou:

- Como nós estamos voando alto, moço. Olha só...o pessoal lá embaixo até parece formiga.

Suspirei e lasquei:

- Minha senhora, aquilo são formigas mesmo. O avião ainda não levantou vôo.

Stanislaw Ponte Preta

## **ANEXO 09**

### **A arte de ser feliz**

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um chalé. Na ponta do chalé brilhava um grande ovo de louça azul. Nesse ovo costumava pousar um pombo branco. Ora, nos dias límpidos, quando o céu ficava da mesma cor do ovo de louça, o pombo parecia pousado no ar. Eu era criança, achava essa ilusão maravilhosa e sentia-me completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela dava para um canal. No canal oscilava um barco. Um barco carregado de flores. Para onde iam aquelas flores? Quem as comprava? Em que jarra, em que sala, diante de quem brilhariam, na sua breve existência? E que mãos as tinham criado? E que pessoas iam sorrir de alegria ao recebê-las? Eu não era mais criança, porém a minha alma ficava completamente feliz.

Houve um tempo em que minha janela se abria para um terreiro, onde uma vasta mangueira alargava sua copa redonda. À sombra da árvore, numa esteira, passava quase todo o dia sentada uma mulher, cercada de crianças. E contava histórias. Eu não podia ouvir, da altura da janela; e mesmo que a ouvisse, não a entenderia, porque isso foi muito longe, num idioma difícil. Mas as crianças tinham tal expressão no rosto, a às vezes faziam com as mãos arabescos tão compreensíveis, que eu participava do auditório, imaginava os assuntos e suas peripécias e me sentia completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela se abria sobre uma cidade que parecia feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim seco. Era uma época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto. Mas todas as manhãs vinha um pobre homem com um balde e em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros e meu coração ficava completamente feliz.

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

Cecília Meireles



## **ANEXO 10**

### **Amor é um fogo que arde sem se ver (Soneto 11)**

Amor é fogo que arde sem se ver,  
É ferida que dói, e não se sente;  
É um contentamento descontente,  
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;  
É um andar solitário entre a gente;  
É nunca contentar-se de contente;  
É um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;  
É servir a quem vence, o vencedor;  
É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor  
Nos corações humanos amizade,  
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

(Luís Vaz de Camões, 2013)

## **ANEXO 11**

### **Poema de um amigo aprendiz**

Quero ser o teu amigo. Nem demais e nem de menos.  
Nem tão longe e nem tão perto.  
Na medida mais precisa que eu puder.  
Mas amar-te sem medida e ficar na tua vida,  
Da maneira mais discreta que eu souber.  
Sem tirar-te a liberdade, sem jamais te sufocar.  
Sem forçar tua vontade.  
Sem falar, quando for hora de calar.  
E sem calar, quando for hora de falar.  
Nem ausente, nem presente por demais.  
Simplesmente, calmamente, ser-te paz.  
É bonito ser amigo, mas confesso é tão difícil aprender!  
E por isso eu te suplico paciência.  
Vou encher este teu rosto de lembranças,  
Dá-me tempo, de acertar nossas distâncias.

(Fernando Pessoa, 2010)

## **ANEXO 12**

### **Amar você é coisa de minutos**

Amar você é coisa de minutos  
A morte é menos que teu beijo  
Tão bom ser teu que sou  
Eu a teus pés derramado  
Pouco resta do que fui  
De ti depende ser bom ou ruim  
Serei o que achares conveniente  
Serei para ti mais que um cão  
Uma sombra que te aquece  
Um deus que não esquece  
Um servo que não diz não  
Morto teu pai serei teu irmão  
Direi os versos que quiseses  
Esquecerei todas as mulheres  
Serei tanto e tudo e todos  
Vais ter nojo de eu ser isso  
E estarei a teu serviço  
Enquanto durar meu corpo  
Enquanto me correr nas veias  
O rio vermelho que se inflama  
Ao ver teu rosto feito tocha  
Serei teu rei teu pão tua coisa tua rocha  
Sim, eu estarei aqui

(Paulo Leminski, 2013)

## **ANEXO 13**

### **O que faz você feliz?**

Comer morango com a mão  
Por açúcar no abacate  
Brincar com melão, goiaba, romã, jabuticaba  
Ou é o gostinho de infância que te faz feliz?  
Cuspir sementes de melancia  
Falar besteira, ficar sem fazer nada  
Plantar bananeira ou comer banana amassada  
A lua, a praia, o mar  
A rua, a saia, amar...  
Um doce, uma dança, um beijo,  
Ou é a goiabada com queijo?  
Afinal, o que faz você feliz?  
Chocolate, paixão, dormir cedo, acordar tarde,  
Arroz com feijão, matar a saudade...  
O aumento, a casa, o carro que você sempre quis  
Ou são os sonhos que te fazem feliz?  
Um filme, um dia, uma semana  
Um bem, um biquíni, a grama...  
Dormir na rede, matar a sede, ler...  
Ou viver um romance?  
O que faz você feliz?  
Um lápis, uma letra, uma conversa boa  
Um cafuné, café com leite, rir à toa,  
Um pássaro, ser dono do seu nariz...  
Ou será um choro que te faz feliz?  
A causa, a pausa, o sorvete,  
Sentir o vento, esquecer o tempo  
O sal, o sol, um som,  
O ar, a pessoa ou o lugar?  
Agora me diz...  
O QUE FAZ VOCÊ FELIZ?  
(Arnaldo Antunes, 1992)

## **ANEXO 14**

### **Garota de Ipanema**

Olha que coisa mais linda  
Mais cheia de graça  
É ela, menina  
Que vem e que passa  
Num doce balanço  
A caminho do mar

Moça do corpo dourado  
Do sol de Ipanema  
O seu balançado é mais que um poema  
É a coisa mais linda que eu já vi passar

Ah, por que estou tão sozinho?  
Ah, por que tudo é tão triste?  
Ah, a beleza que existe  
A beleza que não é só minha  
Que também passa sozinha

Ah, se ela soubesse  
Que quando ela passa  
O mundo inteirinho se enche de graça  
E fica mais lindo  
Por causa do amor

(Tom Jobim)

## **APÊNDICE A - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido**

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

### **TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR**

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada **IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA EM ALUNOS DO 6º ANO DE ESCOLARIZAÇÃO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL EM IRARÁ**, sob minha responsabilidade e do orientador Professor Dr. Óscar C. de Souza, cujo objetivo é averiguar se as aulas de Literatura Infantil e os hábitos de leitura contribuem para a melhoria da formação acadêmica e para o desenvolvimento da leitura e escrita de educandos do 6º ano.

Para a realização deste trabalho usarei uma proposta baseada em sequências de leitura (etapas) de gêneros como contos, poemas e crônicas, compreensão de texto, rodas de leitura e produção textual.

O seu nome, assim como todos os dados que lhe identifiquem serão mantidos sob total sigilo, antes, durante e após o término do estudo.

Nesse processo, os riscos não existem, visto que se trata de uma pesquisa essencialmente pedagógica. Desse modo, é possível afirmar que os benefícios dessa pesquisa serão uma aprendizagem significativa, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa, no ensino e compreensão através da leitura. Além disso, o desenvolvimento dessas atividades proporcionará um ambiente agradável e descontraído, estimulando o desenvolvimento de habilidades de leitura, compreensão e interpretação de textos condizentes com a realidade dos alunos.

Ao longo da pesquisa você tem os direitos a seguir: a) garantia de esclarecimento de dúvidas que possam surgir acerca do trabalho; b) total direito de abandonar as atividades no momento que desejar, mesmo com a autorização e conhecimento dos seus pais ou responsável, sem qualquer forma de prejuízo (caso isso ocorra); c) garantia de que caso haja algum dano à sua pessoa, os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável, inclusive acompanhamento médico (se for o caso).

Não haverá em hipótese alguma, gastos adicionais. Caso surjam gastos, estes são de inteira responsabilidade do pesquisador. Em caso de dúvidas você deverá falar com seus pais ou responsável, para que ele procure os pesquisadores, a fim de esclarecer a situação. Portanto, para esclarecer qualquer dúvida entrar em contato com a pesquisadora Ana Maria Portela Santos pelo telefone (75) 981378761.

### **Assentimento livre e esclarecido**

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa intitulada **IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA EM ALUNOS DO 6º ANO DE ESCOLARIZAÇÃO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL EM IRARÁ** que tem o objetivo de averiguar as contribuições da Literatura Infantil na formação acadêmica dos educandos, bem como no desenvolvimento da leitura e escrita, auxiliando na formação de alunos leitores críticos e mais conscientes. Compreendi como acontecerá a pesquisa, as coisas boas e ruins que podem acontecer. Além disso, entendi que posso dizer “não” e desistir quando eu desejar. O pesquisador tirou minhas dúvidas e conversou com o meu responsável. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Irará, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) pesquisador (a)

## **APÊNDICE B - Oficina II Quais histórias mais gostaram? (Hans Cristian Andersen)**

As roupas novas do imperador

João Bobo

O Baú voador

O Rouxinol do imperador

Você agiu bem, meu marido

O tratador de porcos



## **APÊNDICE C- Depoimentos dos alunos na Roda de Conversa – Oficina III**

### **1. O que representava ter um pai dono de livraria?**

“A menina não sabia o valor que os livros têm, pois não gostava de ler, ou não tinha o incentivo dos pais para ler, mesmo tendo a possibilidade de ler o que quisesse”.

“A leitura não fazia parte da rotina da menina, por isso ela não se interessava”.

“Ter um pai dono de livraria significa não precisar comprar livros, poder ler os livros que quiser!”.

“Significa poder ler mais livros, na hora que quiser, sem o professor pedir”.

“Ter um pai dono de livraria é bom. Mas as filha não dava valor”.

“Ter um pai dono de livraria deve ser uma coisa comum, não em tão importante para quem não gosta de ler”.

“Pelo que entendi devia ser uma coisa muito boa naquela época. Mas acho que hoje é um pouco diferente”.

“Ter um pai dono de livraria significa poder ler mais, ler o que quiser e quando quiser aprender mais”.

### **2. Por que a menina queria tanto ler “Reinações de Narizinho”?**

“A menina queria muito ler o livro, porque já tinha ouvido outras histórias do Sítio do Pica-pau Amarelo”.

“Por causa das histórias do Sítio do Pica-pau amarelo que ela já conhecia. Então, ela queria conhecer essa história também”.

“Ela gostava muito das histórias do Sítio do Pica-pau Amarelo”.

“Porque era um livro que todos comentavam, dizendo que era bom”.

### **3. E porque a dona do livro não emprestava à colega?**

“A menina não emprestava o livro, porque gostava de torturar a colega, ficava feliz em ver que a colega estava triste”.

“A menina não queria emprestar, só queria ver a menina desesperada todos os dias, sem conseguir o livro emprestado”.

### **4. Você concorda com a atitude da mãe da menina ao final do conto?**

“Concordo com a atitude da mãe da menina. Se fosse a minha mãe, ia fazer até pior”.

“A mãe da menina estava certa. Temos que compartilhar nossas coisas com os outros, principalmente os livros”

## **5. Qual a importância da leitura em sua vida?**

“Sem leitura nós não somos nada”

“Relaxa minha mente e me deixa calmo”.

“Serve para a gente se aprimorar nos estudos”.

“O aprendizado fica bem melhor”.

“Porque quem não sabe ler, não sabe escrever”.

“Quando lemos, estimulamos nosso cérebro, aprendemos mais e começamos a escrever corretamente”.

## **APÊNDICE D - Compreensão de texto**

Compreensão de texto: **A menina dos fósforos** (Hans Christian Andersen)

1) O texto “**A menina dos fósforos**”, de Hans Christian Andersen, pode ser considerado um conto? Por quê?

---

---

2) Delimite o tempo e o espaço da história. Ou Seja, quando acontece a história? E onde acontece?

---

---

3) Descreva em poucas linhas a protagonista da história.

---

---

4) Por que a menina tinha tantos fósforos?

- ( ) Ela gostava de colecionar fósforos coloridos;
- ( ) Ela era uma vendedora de fósforos, por isso os tinha para vender;
- ( ) Os fósforos serviam para iluminar a sua casa;
- ( ) Ela trocava os fósforos coloridos por frutas e brinquedos.

5) O que ela fez com os fósforos?

---

---

6) Quando riscava os fósforos, o que a menina conseguia ver?

---

---

7) As visões da menina eram reais? Por quê?

---

---

---

---

8) A última visão da menina foi da avó. Qual a importância da avó para a menina?

- ( ) Era importante porque podia oferecer-lhe uma vida melhor;
- ( ) Era a melhor amiga que ela tinha;
- ( ) Foi a única pessoa que tinha sido boa para a menina, mas já não estava viva;

( ) Foi uma das pessoas que tratou a menina como criança e podia cuidar dela novamente.

9) Explique o desfecho da história.

---

---

---

---

## **APÊNDICE E: Questionário**

### **Avaliando as Oficinas de leitura**

A leitura abre portas para o conhecimento e dá asas à nossa imaginação. Por isso, ao longo desse período participamos de vários momentos de leitura e desenvolvemos atividades variadas em cada oficina. Agora chegou a sua vez de dizer como foi participar dessas atividades. Vamos lá?

1) Qual a sua satisfação em relação às atividades desenvolvidas.

( ) Muito Satisfeito. ( ) Satisfeito. ( ) Pouco Satisfeito.

( ) Não Satisfeito.

( ) Outro \_\_\_\_\_

2) O que você achou dos textos lidos?

( ) Muito bons. ( ) bem atrativos. ( ) Pouco atrativos ( faltou muita coisa).

( ) Não gostei.

( ) Outro \_\_\_\_\_

3) Com relação ao seu conhecimento dos temas.

( ) Já conhecia e não tive nenhuma dificuldade.

( ) Já vi alguma coisa mas precisei de ajuda.

( ) Nunca fiz esse tipo de atividade, mas me ajudaram.

( ) Nunca vi nada e não me ajudaram em nada.

( ) Outro \_\_\_\_\_

4) Você gostou dos textos?

( ) sim ( ) não

5) Em relação à pergunta anterior, se respondeu sim, diga quais textos você mais gostou.

\_\_\_\_\_

6) O que mudou na sua aprendizagem?

\_\_\_\_\_

7) Acha que melhorou a sua leitura?

---

8) Acha que melhorou a sua escrita?

---

### **Impressões dos alunos: O que mudou na sua aprendizagem?**

“Mudou que aprendi a fazer textos melhores e melhorou a minha leitura”.

“A leitura e a escrita”.

“Eu aprendi muita coisa boa que eu nunca tinha visto”.

“A leitura e a escrita melhorou muito”.

“Minhas letras, leitura, pontuação, etc.”

“A leitura e o conhecimento de novos textos que não conhecia, mas agora posso pesquisar mais”.

“Eu aprendi muitas coisas, as palavras que eu não sabia o significado aprendi com a professora”.

“Mudou tudo, me ajudou mais na minha aprendizagem”.

“Muita coisa, conheci mais contos, minha leitura e escrita melhoraram e conheci coisas novas”.

“Mudou tudo, menos as minhas letras”.

“Muitas coisas, como o jeito de ler, de escrever, de olhar e etc.”

“Comecei a gostar mais de contos”.

“O conhecimento, a atenção e a leitura”.

“Eu entendi melhor sobre a poesia e contos e aprendi a declamar poemas”

“Aprendi a ler mais e entender o que estava lendo”

“Eu aprendi muitas coisas, como minha escrita e também a leitura”.

“Agora eu sei escrever um poema muito bom!”

## APÊNDICE F: Provas de escrita inicial - Oficina I

### Os trapaceiros

Um dia, dois primos que se metiam em confusão resolveram fazer uma trapaga, por estarem sem dinheiro e comida, então o primo José disse:

— Primo vamos realizar uma trapaga e sair ganhando, e o seguinte vamos de a vila e marcar uma reunião distante e dizer que é importante e sonadar a todos, quando estiverem distante iremos comer o máximo que podermos.

Eles acataram tudo quando saíram da cidade ao meio dia os primos atacaram todos as casas e comeram muito deixaram as coisas numa bagunça, mais quando iam dar um fora da cidade encontraram com o delegado foram presos e tiveram que trabalhar muito para pagarem os devidos. FIM

## A Sada da Floresta

Era uma vez uma menina muito bonita, chamada Violeta. Ela adorava brincar com seus amigos e adorava a natureza, ela gostava muito de andar na floresta e brincar com os animais.

Certo dia ela estava andando na floresta e se deparou com um lago e grande flor azul cheia de espinhos. Naquela flor havia uma magia seu cheiro era tão bom, então ela decidiu cheirá-lo quando tocou na flor ela ficou o dedo no espinho sem querer ela disse:

— Oi meu dedo! disse ela.

Então ela saiu da floresta, quando chegou em casa começou a se sentir estranha onde ela pisava surgiam pequenas plantas, então ela percebeu que ela podia fazer plantas surgir sem deixar que ela não que tenha esse dom ela decidiu morar na floresta e viver com a natureza e os animais, ela jurou que de hoje em diante ela iria proteger as plantas e todos os animais da floresta.

Então ela se tornou a Sada da Floresta.



### A menina dos cabelos pretos

Em uma pequena cidade nasceu uma corotinha de cabelos pretos olhos azuis e pele clara a corotinha era linda e sua mãe mãe.

Ficou muito feliz depois de um tempo a menina começou a andar, falar e estudar um belo dia a menina comemora com a sua mãe um aniversário.

Parabéns que a corotinha queria cortar o cabelo e disse a corotinha: - mamãe não quero cortar o cabelo.

a mãe disse:

- filha corte pois tem corotas que precisa de cabelo e o seu da para fazer peruca.

A corotinha cortou o cabelo fez muita peruca e o cabelo da menina cresceu de novo e a garota ficou muito feliz por que muitas crianças e muitas amigas

## A Raposa e o Cachorro

• Era uma vez uma Raposa que gosta  
de caça. Passados um dia ela viu um  
cachorro caçador. Ela se escondeu mas  
não adiantou. O cachorro sentiu o farelo dela.

a raposa disse: — Ele sentiu o meu  
farelo então que corre...

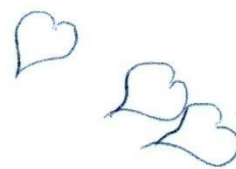
Então a raposa correu e o cachorro

viu ela correndo e correu atrás dela. O cachorro  
pegou a raposa e o cachorro disse: Não peguei  
os passaros. Ele se zitou para voltar mas para  
ser devorados... a raposa disse:

— Não vou comer mais os passaros vou  
caçar mais deles... O cachorro disse: — Sim  
você matou mais os passaros...

• A Raposa disse: <sup>Sim</sup> Não vou matar  
mas os passaros vou <sup>comer</sup> (comer) <sup>comer</sup> (comer) e  
a raposa não matou mais os passaros e foi a  
sim

F i M...



### A Arvore e o Benhador

Era uma vez uma arvore muito bonita, generosa, forte e alegre, até que um dia veio um serio problema.

Não havia arvores como ela na cidade porque os homens derrubaram todas, desesperada com a noticia que recebeu não sabia mais o que fazer então perguntou:

- Oh meu deus o que vou fazer?

O Benhador avistando a pequena muda de longe abriu os olhos grandes e saiu correndo para a montanha chegando lá em uma ~~perguntou~~:

- Será que faço dela uma porta ou uma gazeta?

Deu num passo e escurregou em um graveto e de lá rolou até chegar na sua casa anosteceu e nada de conseguir cortar a arvore.

O homem já cansado da arvore resolveu desistir ele pensou direito e disse:

- Oh meu deus não sei onde estava com a cabeça pra querer cortar uma arvore tão bonita ainda mais ela não me fez nada.

Então o jovem rapaz decidiu deixá-la em paz?

Claro que sim e por assim que a muda viveu em tranquilidade.

## APÊNDICE G: Provas de escrita final - Oficina X

### A fada da floresta

Era uma vez uma menina muito bonita, chamada Violeta. Ela adorava brincar com seus amigos, adora a natureza, gostava muito de andar na floresta e brincar com os animais.

Certo dia estava andando na floresta, quando encontrou uma linda flor azul, cheia de espíritos, seu cheiro era tão bom, mas ela sabia que a flor era mágica. Quando tocou na planta, ficou seu dedo no espírito sem querer.

— Ai! Meu dedo - disse Violeta.

Ela saiu da floresta, quando chegou em casa começou a se sentir estranha, então decidiu dormir. Quando acordou viu que podia fazer surgir plantas das suas mãos. Então ela decidiu viver na floresta e se tornou a fada da floresta.



## Os Trapaceiros

Um dia dois primos que se metiam em muitas confusões resolveram fazer uma trapaceira, pois estavam sem dinheiro e sem comida, então o primo mais velho disse:

— Primo vamos realizar uma trapaceira e sair ganhando, e o seguinte vamos até a vila e marcar uma reunião durante a mesma vamos fazer o máximo que podemos.

Eles acertaram tudo e quando saíram da cidade ao meio dia os primos atracaram sobre os carros e deixaram muita bagunça. Mas quando iam dar um fora da cidade encontraram o delegado que prendeu ambos, e durante muito tempo trabalharam para pagar suas dívidas.

## A raposa e o cachorro.

Fera uma vez uma raposa que gosta de  
caçar passaros um dia ela viu um cachorro caçador  
ela se escondeu mas não adiantou ele sentiu o fare dela  
a raposa disse:

— Ele sentiu o meu fare então que corre...

Então ela correu e o cachorro viu e correu atrás  
dela o cachorro pegou a raposa e disse:

— Não pegue os passaros ele foi feito para usar  
não para os passaros. A raposa disse:

— Não vou comer mais os passaros vou cuidar  
muito deles. Ele disse:

— Sim, vai embora não mate mais os passaros.  
Ela disse: <sup>Não</sup> Sim

— Sim não vou matar os passaros vou comer carne.  
A raposa não matava mais os passaros e foi assim.

### A menina dos cabelos longos

Em uma pequena cidade nasceu uma carotinha de cabelos pretos e longos, olhos gris e pele clara. A carota era linda e sua mãe também tinha olhos claros e cabelos escuros.

A mãe da menina ficou muito feliz por ter uma criança depois de 4 anos a menina começou, andar, falar e estudar.

Um certo dia a menina começou com sua mãe, uma que gostava por parte porque a carota estava chateada porque não queria cortar o cabelo. E a carota falou:

- Mãe, não quero cortar o meu cabelo! A mãe falou com muita

- filha corte pois tem muitos cabelos que precisa de cabelos e o seu da para fazer peruca.

A carota cortou o cabelo e fez peruca e depois anos o cabelo dela cresceu de novo, e a carota ficou muito feliz por que muitos cabelos que não tinham cabelo passaram a ter.

## A árvore e o lenhador

Era uma vez uma árvore muito bonita, generosa, forte e alegre, até que um dia veio um sério problema.

Não havia árvores como ela na cidade porque os homens derrubavam todas, desesperada com a notícia que recebeu não sabia mais o que fazer então perguntou:

— Oh meu deus o que vou fazer?

O lenhador ouvindo a pequena muda de longe abriu os olhos e saiu correndo para a montanha chegando lá em uma perguntou:

— Será que faço dela uma porta ou uma gaveta?

Deu num pau e escorregou em um graveto e de lá rolou até chegar na sua casa anosteceu e nada de conseguir cortar a árvore.

O homem já cansado resolveu desistir ele pensou direito e disse:

— Deus não sabia onde estava com a cabeça pra querer cortar uma árvore tão bonita ainda mais que ela não me fez nada. Então o jovem rapaz decidiu deixa-la em paz?

Claro que sim e foi assim que a mudinha viveu em tranquilidade e conheceu novos amigos.



## APÊNDICE H: Poemas dos alunos - Oficina III

Um dia feliz.

Pássaros a cantar nos galhos dos árvores  
Crianças brincando na areia.  
Galinhas mergulhando  
E uma linda menina cantarolando.

Em um belo parquinho  
Uma família fazia um belo piquenique  
Com frutas e salgadinhos  
E alguns docinhos.

Oh que dia feliz!  
Nunca não esquecer  
Por isso peço tirar.  
Oh que dia feliz!

## Poema: Amigos de verdade

Amigos de verdade é  
Eles estarem com você  
Em todas as situações  
Dar conselho com todo coração.

Amar e não brigar  
Falar de suas tristezas  
E não ter medo de dizer  
Gosto tanto de você.

Amigos não é só brincar  
Amigos é amar, dar conselho  
E a principal quer o bem do outro  
Isso é amigo.

Por isso eu digo que a vida  
e os bons amigos são a vida  
É curta e os bons amigos  
São poucos.

O que é ser criança?

Ser criança é cair,  
E se levantar para cair de novo.  
Ser criança é se enterrar na lama  
Até o peregrino.

Ser criança é não sentir medo  
De se aventurar.  
Ser criança é brincar  
E não se cansar.

Ser criança também é ensinar  
E cultivar o que aprendeu  
Ser criança é a arte de se viver  
Ser criança é nunca crescer.

## *Amor*

O amor é uma flor  
Que brota na gente  
É uma semente  
Que faz a vida  
Ficar mais bonita

É uma emoção  
Contraditória  
Fica na memória  
É uma história

Tem que cuidar  
É aproveitar  
Enquanto é tempo  
Porque quando se vai  
Só fica nas lembranças  
E o tempo não volta mais

O lugar onde eu vivo

O lugar onde eu vivo  
É tão bonito  
Tem pássaros  
Até periquitos  
Meu lar ~~do~~ lar  
É meu coração que me faz rir.  
Minha casa é minha alegria  
É a minha fantasia  
Meu mundo é feito  
Do amor e alegria  
Os pássaros voam sem parar  
Pelo caminho  
E pela floresta.

## Amar

Amar é um sentimento  
Do coração que nos faz feliz  
Que nos faz amar  
Que nos faz chorar.

Amar é amar uns aos outros  
Não é amar só quem a gente gosta  
É amar aquela pessoa que  
Nos faz feliz.



## Amizade

A amizade é uma  
coisa profunda e que precisa de confiança  
É que vem de um amigo  
E não de um inimigo

Amizade forte pode ter  
Barreira pra enfrentar  
Mas uma amizade entre duas pessoas.  
É o que se pode e deve conquistar.

Em todos os momentos  
Não importa a hora e nem o lugar  
Mas a amizade é inclível  
E sempre pronta pra nos ajudar.

Nem todas as vezes é fácil  
Encontrar uma verdadeira amizade  
É como não poder mais contar com ela,  
Mas uma pessoa que é próximo de você  
Pode se tornar seu melhor amigo.  
Um verdadeiro irmão que sempre é fiel a você.

## Amizade.

A amizade é algo valioso.  
Que vem do coração.  
Bem difícil de encontrar  
Fica no lugar que a gente nem imagina.

A amizade de verdade só existe uma  
A amizade flui naquela pessoa  
Que sempre está com você.  
Nos momentos mais difíceis de viver.

Mas a amizade precisa ser verdadeira  
Esta naquela pessoa que quer sempre  
Ser bem, e não o mal.